



INSTITUTO FEDERAL
Ceará



PPGEF
MESTRADO PROFISSIONAL EM
ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA**

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E FORMAÇÃO
DOCENTE**

MESTRADO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE

ALANNE KELLEN CALDAS SANTOS

**EDUCAÇÃO PÚBLICA PÓS-PANDÊMICA: A INCLUSÃO DE NOVOS SABERES
NA PRÁTICA DOCENTE PARA O TRABALHO COM METODOLOGIAS ATIVAS**

REDENÇÃO-CE

2022

ALANNE KELLEN CALDAS SANTOS

**EDUCAÇÃO PÚBLICA PÓS-PANDÊMICA: A INCLUSÃO DE NOVOS SABERES
NA PRÁTICA DOCENTE PARA O TRABALHO COM METODOLOGIAS ATIVAS**

Dissertação apresentado ao Curso de Mestrado em Ensino e Formação Docente, do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Linha de Pesquisa: Ensino e Formação Docente

Orientadora: Profa. Dra. Rebeca de Alcântara e Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Santos, Alanne Kellen Caldas.

S235e

Educação pública pós-pandêmica: a inclusão de novos saberes na prática docente para o trabalho com metodologias ativas / Alanne Kellen Caldas Santos. - Redenção, 2023.
124f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado Ensino e Formação Docente, Programa de Pós-graduação Profissional em Ensino e Formação Docente, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.

Orientador: Profa. Dra. Rebeca de Alcântara e Silva Meijer.

1. Ensino à distância. 2. Formação de professores. 3. Metodologias ativas. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 371.12

ALANNE KELLEN CALDAS SANTOS

**EDUCAÇÃO PÚBLICA PÓS-PANDÊMICA: A INCLUSÃO DE NOVOS SABERES
NA PRÁTICA DOCENTE PARA O TRABALHO COM METODOLOGIAS ATIVAS**

Dissertação apresentado ao Curso de Mestrado em Ensino e Formação Docente, do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rebeca de Alcântara e Silva Meijer (orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Profa. Dra. Geranilde Costa e Silva (Examinadora interna)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof. Dr. Luis Eduardo Torres Bedoya (Examinador externo)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Dedico esta obra a todos(as) que fizeram parte dessa longa caminhada, proporcionando-me forças e estímulos positivos para que eu não abdicasse de ir atrás do que busco para minha vida profissional e pessoal. Muitos obstáculos foram impostos durante essa jornada, mas graças a Deus e às pessoas amadas que estão ao meu entorno não fraquejei, superei e seguirei firme na perseguição de novas conquistas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me possibilitado estar firme durante toda essa trajetória, caminho esse que irá me levar a mais uma realização profissional. Deus que permitiu com que tudo isso acontecesse ao longo da minha vida, e não somente nestes anos como mestrandia, mas em todos os momentos, és o meu maior Mestre.

À minha querida família, pelo amor e incentivo dedicados, que me concedeu todo suporte nas horas difíceis, de desânimo e de cansaço e que, nos momentos de minha ausência empenhada aos estudos e trabalho, sempre me fez entender que o futuro é feito a partir do constante esforço no presente.

À minha filha amada, Fabrynna Anyelle Caldas, luz do meu viver, que veio como um presente de Deus para transformar minha vida em plena felicidade.

Obrigada à minha saudosa madrinha/mãezinha do coração Sebastiana Galeno (*In memoriam*), pelo carinho e dedicação valiosa.

Meus agradecimentos aos colegas de turma, companheiros (as) de trabalho, que fizeram parte desta formação e que vão continuar presentes em minha vida e memória.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Rebeca de Alcântara e Silva Meijer, pela gentileza, cuidado e auxílio na realização deste trabalho, e a todos (a) os (as) professores (as), por me proporcionarem conhecimento, não apenas racional e intelectual, mas a manifestação do caráter e efetividade da educação no processo de formação profissional.

As maravilhas de Deus estão ao nosso dispor por toda a vida, basta que lutemos para conquistar o espaço que é nosso no mundo. Carinhosamente, obrigada a todos (as) que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação e que fizeram e fazem parte dessa longa e feliz trajetória.

A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo. Devemos promover a coragem onde há medo, promover o acordo onde existe o conflito e inspirar confiança onde há desespero.

Nelson Mandela

(UNESCO, 2013)

RESUMO

A rotina de milhões de pessoas foi transformada com a chegada da pandemia causada pela Covid-19. Em âmbito educacional, com o isolamento social obrigatório, ocorreu o fechamento provisório das escolas, de modo que os(as) docentes tiveram que se amoldar a uma realidade inédita, equilibrando recentes demandas profissionais pedagógicas com questões emocionais e pessoais. No entanto, o manejo das tecnologias e o trabalho com metodologias ativas ainda ressurgem como uma adversidade para muitos(as) professores(as) no contorno de sua prática, fato este que ensejou o seguinte problema de pesquisa: como os(as) docentes desenvolveram e continuam desenvolvendo suas práticas docentes com ferramentas tecnológicas, bem como o uso de métodos ativos na educação com vistas a favorecer processos de ensino e de aprendizagem significativos? Com base nesta questão central, este estudo tem como objetivo geral: Investigar se, diante dos desafios e da necessidade do uso de recursos digitais, assim como o emprego de metodologias ativas nos processos de ensino e aprendizagem, os(as) docentes desenvolveram e continuam desenvolvendo suas práticas com vistas a favorecer processos de ensino e de aprendizagem significativos. Como fundamentação teórica, buscou-se dialogar com os seguintes autores: Alves e Teo (2020), Carvalho e Araújo (2020), Medeiros (2014), Manfredi (1993), Meijer (2019), Paulino (2020), Valente (2014), Yaegashi et., al. (2017), entre outros. Quanto à metodologia, trata-se de um estudo Sociopoético explorando a autobiografia. A pesquisa foi desenvolvida com a participação de docentes de três escolas públicas municipais da cidade de Parnaíba, situada ao norte do estado do Piauí, tendo como partícipes professoras em efetivo trabalho nestas escolas em questão. O produto educacional foi desenvolvido por meio da elaboração de um caderno pedagógico digital, trazendo fundamentos e a descrição das metodologias ativas abordadas nos estudos, bem como, inspirações para o aperfeiçoamento do trabalho pedagógico com demais metodologias ativas, com vistas a subsidiar o (a) professor (a) na utilização de didáticas inovadoras em ambientes de salas de aulas. Como resultado ficou evidente a essencialidade de trabalhar com recursos interativos na educação, bem como a importância da formação continuada dos(as) profissionais da educação da rede pública de ensino para o domínio dessas novas formas de ensinagem, onde por meio do estudo sociopoético foi trabalhado oficinas nas quais foram determinantes para o alcance dos objetivos, pois as docentes puderam expressar seus sentimentos e ações pedagógicas, de modo que nem todas as ações foram através de metodologias ativas, visto a participação do poder público frente ao ensino remoto no contexto de isolamento social.

Palavras-chave: Ensino remoto. Formação de professores. Metodologias ativas. Saberes docentes.

ABSTRACT

The routine of millions of people was transformed with the arrival of the pandemic caused by Covid-19. In the educational field, with mandatory social isolation, schools were temporarily closed, so that teachers had to adapt to an unprecedented reality, balancing recent professional pedagogical demands with emotional and personal issues. However, the management of technologies and work with active methodologies still resurfaces as an adversity for many teachers in the outline of their practice, a fact that gave rise to the following research problem: how do teachers develop and do they continue to develop their teaching practices with technological tools, as well as the use of active methods in education with a view to favoring significant teaching and learning processes? Based on this central question, this study has the general objective: To investigate whether, given the challenges and the need to use digital resources, as well as the use of active methodologies in the teaching and learning processes, teachers have developed and continue to developing their practices with a view to favoring significant teaching and learning processes. As a theoretical foundation, we sought to dialogue with the following authors: Alves and Teo (2020), Carvalho and Araújo (2020), Medeiros (2014), Manfredi (1993), Meijer (2019), Paulino (2020), Valente (2014)), Yaegashi et al. (2017), among others. As for the methodology, it is a Sociopoetic study exploring the autobiography. The research was carried out with the participation of teachers from three municipal public schools in the city of Parnaíba, located in the north of the state of Piauí, with teachers actively working in these schools in question. The educational product was developed through the elaboration of a digital pedagogical notebook, bringing fundamentals and the description of the active methodologies addressed in the studies, as well as inspirations for the improvement of the pedagogical work with other active methodologies, with a view to subsidizing the (a) teacher in the use of innovative didactics in classroom environments. As a result, it became evident the essentiality of working with interactive resources in education, as well as the importance of continuing education of education professionals from the public school network to master these new forms of teaching, where through the sociopoetic study it was worked workshops in which they were instrumental in achieving the objectives, as the teachers were able to express their feelings and pedagogical actions, so that not all actions were through active methodologies, given the participation of public authorities in the face of remote teaching in the context of social isolation.

Keywords: Remote teaching. Teacher training. Active methodologies. Teaching knowledge.

Lista de figura

Imagem 1 De todas nós na confecção dos crachás	36
Imagem 2 Acolhida e relaxamento	43
Imagem 3 Formação do círculo e Reflexão.....	48
Imagem 4 Cartazes representando o -Rio da PandemiaII	48
Imagem 5 Massagem relaxante coletiva.....	74
Imagem 7 Apresentação da primeira equipe de copesquisadoras	96
Imagem 8 Continuação da apresentação da primeira equipe de copesquisadoras.....	97
Imagem 9 Apresentação da segunda equipe de coopesquisadoras.....	98
Imagem 10 Continuação da apresentação da segunda equipe de copesquisadoras	99
Imagem 11 Apresentação da terceira equipe de coopesquisadoras	101
Imagem 12 Continuação da apresentação da terceira equipe de copesquisadoras	101

Lista de abreviaturas e siglas

OMS - Organização Mundial de Saúde

CNE - Conselho Nacional de Educação

ERE - Ensino Remoto Emergencial

TIC - Tecnologias da Informação e da Comunicação

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

ESPIN - Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
2. METODOLOGIA.....	17
2.1 Sociopoética: Referencial Teórico metodológico e o uso de procedimentos investigativos	17
2.2 Local e sujeitos da pesquisa	19
2.3 Procedimento de produção e de análise de dados.....	20
2.4 Proposição do Produto Educacional	20
3. APORTE TEÓRICO.....	22
3.1 O Ensino Remoto no decurso e no pós-pandemia.....	22
3.2. Metodologias ativas: contexto e relevância	26
3.3 Competências cotidianas do professor (a)	28
4. SOCIOPOETIZANDO A PRODUÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	34
4.1 Oficina 1 - Acolher e Produzir Dados e Afeto.....	34
4.2 Oficina 2 - O Rio da Pandemia.....	46
4.3 Oficina 3 - Ações de Ensino no Isolamento e Após Isolamento Social por Seres Mutantes	73
4.4 Oficina 4 - Círculo de cultura - Ritual dos elementos da natureza institucional na pandemia	94
4.4.1 Plano de Oficina	94
4.4.2 Descrevendo as ações desenvolvidas.....	94
4.4.3 Análise de Dados	103
5. INCLUSÃO DE NOVOS SABERES NA PRÁTICA DOCENTE PARA O TRABALHO COM METODOLOGIAS ATIVAS: na Educação Pública pós-pandêmica	107
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113

INTRODUÇÃO

O mundo foi surpreendido por um novo vírus com potencial pandêmico em meados de 2019, os noticiários informaram que esse vírus viria se tornar uma grande pandemia de escala global, após anunciarem sua origem na província de Wuhuan na China, e os primeiros sintomas do que o que afetou completamente a ordem social vigente, instituindo novas formas de socialização, impactando diretamente diversos âmbitos da vida social.

Essa situação começa a ganhar forças quando o Governo Federal no dia 03 de fevereiro de 2020, publica a Portaria de nº 188, editada pelo Ministério da Saúde, onde -declara Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV)l.

O primeiro caso confirmado de paciente infectado em nosso país em 26 de fevereiro de 2020. Com isso surge o clima de tensão em todo território nacional, com sucessivas notícias de casos confirmados que por vezes espalhou-se nos mais diversos Estados e municípios. Essa vertente atingiu também a educação brasileira; escolas privadas e públicas começam a suspender atividades presenciais na tentativa amenizar e evitar o contágio do vírus causador da doença.

A nova realidade de afastamento social, paulatinamente foi impulsionando diferentes setores da sociedade a transitarem por uma readaptação necessária em diversas atividades sociais dentro do setor de ensino não foi diferente. Foi a partir dessa vivência que o sistema educacional brasileiro se deparou com os novos desafios impostos pela pandemia, em que salas de aula presenciais passaram a ser substituídas por salas de aula virtuais, permutando os métodos anteriormente existentes por métodos remotos subsidiados por recursos tecnológicos, surgindo a partir daqui o descrito ensino remoto emergencial. Assim, esta pesquisa tem o seguinte título: **Educação Pública Pós-Pandêmica: A inclusão de novos saberes na prática docente para o trabalho com metodologias ativas.**

Nesse processo de adaptação e transição, as aulas passaram a ser ministradas de maneira remota, através do manuseio de ferramentas tecnológicas digitais de comunicação.

Abriu-se espaço para uma infinidade de discussões sobre aulas interativas e o uso de metodologias ativas que fossem interessantes e motivadoras para os (as) alunos (as), levando-se em ponderação que o relacionamento educativo entre professores e alunos não seria presencial e que, por este fato, precisaria de bastante dedicação por parte do mediador

em tornar suas aulas mais participativas e dinâmicas na intenção de melhor atrair os sujeitos envolvidos.

No contexto descrito, é mister destacar que os (as) educadores(as) tiveram que se adaptar a uma nova realidade de ensino em um minúsculo espaço de tempo e o emprego das novas metodologias de ensino passaram a ser necessidade na prática docente. Infere-se que a demanda para que os (as) professores (as) pudessem se apropriar de novos modelos didáticos, continua despertando no (na) docente o desejo de prosseguir trabalhando com tais métodos de ensino mesmo no período pós-pandêmico.

Importante destacar que o trabalho com metodologias ativas é oposto ao modelo estritamente tradicional de ensino, pois a nova técnica estimula mudanças no comportamento de professores (as) e aprendentes em sala de aula.

Importante frisar que esse é um estudo que envolve estratégias autobiográficas desde a sociopoética, e que foi feito por meio de análise de vozes das sete professoras que, no período do isolamento social, ministravam aulas em escolas públicas na cidade de Parnaíba - PI e se dispuseram a colaborar com esta pesquisa, contando de modo poético suas experiências.

No exercício com metodologias ativas de ensino, o professor (a) deixa de ser a/o única/o possuidora/o do saber e passa a exercer postura de intermediário no processo de ensino e conseqüentemente, aprendizagem, estimulando o estudante a ser mais participativo na aquisição do conhecimento. Colaborando com essa ideia destaca-se a definição de Pereira (2012, p.6):

Por Metodologia Ativa entendemos todo o processo de organização da aprendizagem (estratégias didáticas) cuja centralidade do processo esteja, efetivamente, no estudante. Contrariando assim a exclusividade da ação intelectual do professor e a representação do livro didático como fontes exclusivas do saber na sala de aula.

Na citação percebe-se claramente o destaque da aprendizagem significativa voltada ao discente e descentralizando o saber exclusivo do docente. Diante disto, no campo acadêmico, a pesquisa ora proposta encontra respaldo no que tange à relevância em conhecer bem a técnica (teoria e prática) e suas formas de aplicabilidade no ensino com metodologias ativas. Justifica-se também na importância de aprofundar o saber rigoroso científico sobre o conteúdo a ser debatido e promover o diálogo entre autores que discutem assuntos semelhantes, contribuindo assim para o progresso da ciência.

Diante deste cenário, surgiu a necessidade de se estudar cientificamente o processo de adaptação e imersão do trabalho docente no ensino remoto durante e pós-isolamento social causado pela pandemia, bem como seu desenvolvimento através das metodologias ativas.

Portanto, a ideia é aprofundar os conhecimentos acerca do trabalho docente e a serventia das metodologias ativas, buscando compreender os pontos positivos e negativos.

O processo de transição entre as aulas presenciais antes do advento da pandemia e a nova forma de trabalhar com aulas remotas no isolamento social com o manejo de novas didáticas de ensino, subsidiadas por metodologias ativas, causou-me inquietações pessoais, pois é importante investigar como nós professores desenvolvemos nas de escolas públicas o trabalho com essas novas formas de ensinar no contexto de grandes dificuldades em função do período pandêmico.

Sendo importante considerar o corpo docente, como fonte de conhecimento, em meio às culturas resistentes ou diante de situações nas quais levam mudanças de categorias ou conceitos de acordo com uma realidade vivenciada, auxilia as aulas ativas, sob a perspectiva de responsáveis pelos conhecimentos produzidos assim caracterizados como coopesquisadores.

De maneira a instigar a criatividade de tipo artístico diante do aprender, conhecer e pesquisas, assim a Sociopoético passa a ser determinante nessas intenções ao que diz respeito o seguimento diante de tal processo teórico-metodológico (GAUTHIER, 2000).

Na perspectiva profissional a investigação justifica-se então na tentativa de conhecer como os (as) docentes desenvolveram suas práticas com métodos ativos, com vistas a favorecer diretamente processos de ensino e de aprendizagem significativos. Esse é um estudo que envolve estratégias autobiográficas desde a sociopoético por meio de análise de vozes das docentes e possui relevância para o campo da educação em razão da necessidade de estudar como estão ocorrendo à prática de ensino e conseqüentemente, aprendizagem no período de isolamento social e suas projeções futuras, verificando a importância da formação continuada dos (as) docentes suas práticas ativas, rumo à diminuição das desigualdades educativas.

Na observância da aplicabilidade do exercício com métodos ativos de ensino e aprendizagem, percebe-se que essas metodologias têm como fundamento uma proposta motivadora e inovadora para o discente, pois tem como um de seus atributos principais, estimular no aluno o protagonismo de sua própria aprendizagem.

Segundo Barbosa e Moura, (2013, p.55), aduzem que a:

Aprendizagem ativa ocorre quando o aluno interage com o assunto em estudo – ouvindo, falando, perguntando, discutindo, fazendo e ensinando – sendo estimulado a construir o conhecimento ao invés de recebê-lo de forma passiva do professor. Em um ambiente de aprendizagem ativa, o professor atua como orientador, supervisor, facilitador do processo de aprendizagem, e não apenas como fonte única de informação e conhecimento.

Conforme citado, as metodologias ativas vêm como elemento indispensável para o desenvolvimento de uma aprendizagem mais dinâmica que tem como eixo central o fortalecimento de dois aspectos que é o cognitivo e o sócio emocional, pois estes estimulam a autoconfiança dos (as) alunos (as), tornando o trabalho mais participativo e eficiente. é a compreensão de um determinado processo de aprendizagem Para (BERDEL 2011), –as metodologias ativas provocam nos alunos o pensamento crítico, onde a teoria passa a ser inserida na sua realidade no dia a dia.

Saber conduzir bem o trabalho com as diversas metodologias ativas possíveis, identificando para quem será aplicada e de que forma, facilita o êxito na prática de mediação docente para que o (a) aluno (a) se sinta parte operante desse processo e é primordial para que eles (elas) continuem persistentes, engajados e sendo assim, essa opinião estimula cada vez mais no (a) professor (a), a segurança para recriar, aprimorando sua prática principalmente diante do ensino remoto.

Por isso, o objeto focal desta pesquisa concentra-se no olhar docente sobre a pandemia considerando o seu trabalho com metodologias ativas e suas experiências neste período, demonstrando a realidade vivenciada por meio também de um estudo autobiográfico, através de oficinas sensíveis, envolvendo o método da sociopoético como instrumento que auxilia a investigação.

Nesse viés nota-se que –o ato de ensinar como ato de facilitar o aprendizado dos estudantes possibilita o professor enxerga- los como seres ativos e responsáveis pela formação de seus próprios conhecimentos, passando assim a ser considerado como o/a professor/a facilitador do processo de aprendizagem e não como aquele que detém os conhecimentos a ser distribuídos (OLIVEIRA, 2010, p.29).

Sendo assim, com o surgimento do ensino remoto de forma emergencial, tem-se exigido novas metodologias. A pesquisa justifica-se em razão da necessidade de estudar cientificamente, por meio de uma pesquisa bibliográfica, no decurso do período pandêmico e suas projeções futuras, tendo como base o método sensível, artístico e criativo da sociopoético para a construção do conhecimento de modo coletivo e colaborativo, verificando a as metodologias ativas na educação, com a perspectiva transformadora da aprendizagem escolar do presente e do futuro, rumo à diminuição das desigualdades educativas.

Reportando à importância das metodologias ativas no ensino como sendo a delimitação do objeto nesta pesquisa, surgem as questões norteadoras desta dissertação:

- Como os (as) docentes desenvolveram e continuam desenvolvendo suas práticas com metodologias ativas, visando favorecer processos de ensino e de aprendizagem significativos?
- Os (as) docentes lançaram mão dos mecanismos de metodologias ativas nos processos de ensino e aprendizagem desenvolvidos no contexto do ensino remoto para o desempenho didático-pedagógico?
- Os (as) docentes da rede pública municipal de Parnaíba-PI receberam formação para utilizarem as tecnologias no trabalho com metodologias ativas no ensino remoto no período de pandemia?
- Como será o conteúdo do produto educacional produzido a partir dos elementos elaborados na presente pesquisa, levando em ponderação as contribuições dos sujeitos pesquisados e a possível carência de seus conhecimentos percebidos nas análises?

Com base no seguinte tema abordado, em suma, este trabalho tem como objetivo geral investigar se, diante dos desafios e da necessidade do uso de recursos digitais, assim como de metodologias ativas nos processos de ensino e aprendizagem, os (as) docentes desenvolveram e continuam desenvolvendo suas práticas com vistas a favorecer processos de ensino e de aprendizagem significativos, em meio aos objetivos específicos: Iniciar a aproximação com as copesquisadoras (professoras participantes nas oficinas), através das oficinas de sociopoética, criando ambiente acolhedor e afetivo para a produção de dados.

Produzir conteúdo autobiográfico/apresentação de si; Analisar o que dizem as docentes, por meio de narrativas autobiográficas, acerca do que viveram do ponto de vista pessoal, no período de pandemia causada pelo coronavírus; Elencar e refletir sobre as ações pedagógicas que foram desenvolvidas pelas docentes no período de isolamento social e após isolamento social causado pelo coronavírus; Conhecer qual o lugar da instituição pública frente ao desenvolvimento das atividades remotas dos (as) docentes no período de isolamento social; Elaborar o conteúdo do produto educacional, levando em consideração as contribuições dos (das) sujeitos (as) pesquisados (as) e a possível carência de seus saberes percebidos nas análises.

Esse trabalho foi estruturado da seguinte forma: no tópico 2, apresentamos a metodologia diante de um estudo sociopoético, por meio das evidências presenciadas nas

oficinas produzindo uma construção coletiva do conhecimento, voltada para a valorização de experiência sujeitos da pesquisa como co-responsáveis pelos saberes produzidos, quanto a importância das metodologias ativas como forma de repassar o conhecimento de cada participante; no tópico 3, são apresentados os fundamentos teóricos nas quais foram determinantes para a temática em questão, através de conceitos e conhecimentos básicos referentes às metodologias ativas e suas características nas quais embasam o desenvolvimento da pesquisa; no tópico 4, retrata a experiência vivida por cada professora participante da oficina por meio da Produção e Análise dos dados obtidos , trabalhando quatro oficinas denominadas: -Acolher e produzir dados e afetos, -O Rio da Pandemia, -Ações de Ensino no Isolamento e Após Isolamento Social por Seres Mutantes e -Círculo de cultura - Ritual dos elementos da natureza institucional na pandemia, envolvendo as perspectivas da sociopoética, o desenvolvimento de metodologias usadas pelas coopesquisadoras diante de um ambiente acolhedor e afetivo, que envolve o grupo, como nos fundamentos para a captação dos dados pós pandêmico, por fim, no tópico 5 tem-se as considerações finais acerca do trabalho realizado.

2. METODOLOGIA

A metodologia de investigação sociopoética diante das experiências das cooperadoras, sendo as mesmas participantes e co-responsáveis pelos saberes produzidos, e transcritos presente neste trabalho.

2.1 Sociopoética: Referencial Teórico metodológico e o uso de procedimentos investigativos

Para se construir um novo método de estudo é necessária uma construção coletiva do conhecimento, valorizando os sujeitos da pesquisa como corresponsáveis pelos saberes reproduzido além do reconhecimento pessoal, o social e cultural diante de tanta criatividade, considerando a dimensão ético-estética e política da produção do conhecimento sociopoética.

Ao desenvolver a sociopoética com as colaboradoras de pesquisa, descobrimos uma grande caixa, cheia de conteúdos programados de um sistema engessado, ao reconhecer que a sociopoética pode transformar o velho em novo, com o como objetivo descrever o método da sociopoética delineando suas bases epistemológicas e seus princípios teóricos.

A partir das vivências compartilhadas o pelo filósofo e pedagogo Jacques Gauthier, considerou que essas experiências permite desenvolver a produção do conhecimento considerando os processos subjetivos e comprometendo-se com uma maior autonomia dos envolvidos (Petit et al., 2005). Cada um tem uma concepção de mundo, realidade específica dentro da (pandemia) como em sua totalidade social (consequências) que lhe é determinante, permite-nos explorar o fenômeno e seus nexos com a realidade social. Segundo Frigotto (1999, p.73) a –permite uma apreensão radical da realidade, como sentido lógico das partes envolvidas, isto é, das determinações internas dos fenômenos sociais, de compreensão do caráter histórico, produzidos por múltiplas ações que determinam o real ao indicado como método dialético na sua dimensão científica e filosófica.

Na tentativa de refletir sobre as características sociopoética criada por Jacques Gauthier por volta dos anos de 1993 a 1995, ao considerar o aprendizado intercultural desenvolvidas por meio de uma sensibilidade diante dos fatos vivenciados, reproduzidos pelo corpo como forma de expressão da natureza humana, em sua linguagem não verbal, inconsciente, mas real de técnicas artísticas em busca de sua expressão corporal por razão, emoção, formas artísticas para produção de dados; responsabilidade espiritual, ética, poética e política, segundo o preconizado por (GAUTHIER, 2012).

A sociopoética se faz a partir do sentido dado por Edgar Morin - entendido como –um caminho que se faz ao caminhar, só se compreende quando realmente arregaçamos as mangas e fazemos a emoção virar razão, transformando o sentido de imaginário em uma exigência de liberdade, soberania e mais autonomia de integralidade do ser humano e o dignifica ao mesmo tempo em que se opõe a qualquer forma de experiência democrática, quase que autogerida dignifica ao mesmo tempo em que se opõe a qualquer forma de violência e opressão através de uma perspectiva transcultural em prol da produção coletiva de conhecimento valorizando a arte, a ciência e a espiritualidade (GAUTHIER, 2012).

Ao perceber o objeto para além do seu caráter quantificável, decompondo-o e recompondo-o por meio de uma análise aprofundada nas vertentes produzidas nas quatro oficinas vinculadas ao referencial teórico- metodológico sociopoética na experiência do ensino-aprendizagem e vivências em tempos de pandemia pela COVID-19, em Parnaíba - PI como preconizado uma nova pesquisa em torno do tema (MINAYO, 1994).

Ademais, somados o estudo numa pesquisa bibliográfica que, segundo (GIL 2002) o que possibilita o investigador realizar uma vasta cobertura de fenômenos em torno do tema, para ampliar sua pesquisa. Desse modo, auxiliando o pesquisador a se apropriar do objeto por meio das fontes de conhecimento já elaboradas acerca do problema abordado.

Neste sentido de investigação, percorremos entre meios da experiência teórica e vivenciada e relatada pelas coopesquisadoras, através da análise acontecida durante as oficinas desenvolvidas com a técnica valiosa da Sociopoética na abordagem de dados qualitativos, as informações obtidas e observadas durante as oficinas de produção de dados com a participação de sete coopesquisadoras, as oficinas foram nomeadas com a quantidade de participantes com o título de pesquisa como: -Acolher e produzir dados e afetos, -O Rio da Pandemia, -Ações de Ensino no Isolamento e Após Isolamento Social por Seres Mutantes e -Círculo de cultura - Ritual dos elementos da natureza institucional na pandemia, buscando fundamentação na literatura que aborda aspectos políticos, econômicos e sociais como vinculadas às trabalhadoras da educação, como, por exemplo, a insegurança e a ansiedade em face do risco de contrair a Covid-19 e de ter que lidar com novas ferramentas laborais, trabalho remoto, ensino remoto e por vezes, a nova precarização do trabalho (ANTUNES, 2020).

2.2 Local e sujeitos da pesquisa

No que concerne ao campus de pesquisa, Minayo (2002, p.53) o entende como o -recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto de investigação. Com isso, esta pesquisa terá como campus de estudo três escolas públicas municipais da cidade de Parnaíba, situada ao norte do estado do Piauí, Brasil. A triagem dessas escolas ocorreu de acordo com os seguintes requisitos: o atendimento, preferencialmente, na modalidade da educação básica de ensino, ou seja, escolas que ofertam turmas para o alunado desde o primeiro ano do ensino fundamental até o ensino médio.

Esta investigação ocorreu com a participação de sete professoras dessas escolas de Parnaíba - PI, classificadas na situação de ativo, que operam na educação há pelo menos cinco anos, com o intuito de se buscar compreender como essas docentes desenvolveram e/ou desenvolvem suas atividades experimentais ao longo dos anos e quais metodologias utilizam, verificando suas concepções, potencialidades e dificuldades no trabalho com recursos digitais coligados às práticas de metodologias ativas no desenvolvimento do trabalho com ensino e aprendizagem, fazendo uso do estudo autobiográfico diante das perspectivas das ações que foram desenvolvidas.

2.3 Procedimento de produção e de análise de dados

De acordo com a definição etimológica, –o vocábulo grupo, é uma reunião de coisas que forma um todo distinto, uma reunião de certo número de pessoas, ou, então, uma pequena associação ou reunião de pessoas ligadas por um mesmo objetivo (GATTI, 2005, p. 9), assim o grupo focal passa a ser uma técnica qualitativa, tendo como principal objetivo identificar, entre os sujeitos, percepções, sentimentos e ideias, mediante os processos emocionais, assim diante do contexto de interação criado para a realização deste trabalho proporcionou aos coopesquisadores uma interação flexível sobre a temática abordada diante de um diálogo aberto favorecendo a expressão de ideias desenvolvendo assim interpretações de natureza individual e coletiva.

Assim a participação do grupo das coopesquisadoras, foi de suma importância para construir na coleta dos dados, que envolvem a sociopoética, uma vez que esse método de construção seja feito de forma coletiva visando valorização dos sujeitos nas quais desenvolvem os saberes interpretados, de acordo com o reconhecimento da importância do corpo. (PETIT, S.H. et., al., 2005).

As atividades realizadas nas oficinas veio relevar a criatividade dos envolvidos através da dimensão ético-estética perante as metodologias ativas de desenvolvimento bibliográfico, como uma estratégia que permite desenvolver uma autonomia para produção e análise, uma vez que a metade da formação foi de forma remota.

2.4 Proposição do Produto Educacional

Os mestrandos profissionais preconizam a elaboração de um produto ou processo educacional a ser desenvolvido no decorrer do curso para promover a produtividade acadêmica. Neste suporte, (RIZZATTI, et., at. 2020) destacam que esse produto deve ser aplicado em um contexto real, com a função de proporcionar a interlocução entre docentes. Destarte, as ideias postas não são impositivas e nem intentam ser reproduzidas sem criticidade. Os produtos e processos ampliam as possibilidades de aplicação com a imersão nos diversos ambientes em que possam ser utilizados.

Os produtos educacionais podem contribuir para uma formação docente ativa responsiva, isto é, em que o docente se configure como agente ativo de sua própria formação. Nessa perspectiva, (DEMO, 2000, p. 1) considera que a postura reflexiva do professor pode favorecer um –processo de formação da competência humana com qualidade formal e

política, encontrando-se, no conhecimento inovador, a alavanca principal da intervenção da ética.

A presente pesquisa permitiu adquirir novos conhecimentos com a contribuição das colaboradoras para preencher uma possível carência de seus saberes percebidos nas análises, o qual contém os fundamentos e a descrição das metodologias ativas abordadas nos estudos, com a proposição de subsidiar novas técnicas inovadoras para as salas de aulas.

Este produto didático projeta extrema relevância na esfera acadêmica e profissional, pois possibilita aos docentes complementar e ampliar seus conhecimentos sobre o trabalho com metodologias ativas, estimulando-os (as) o aperfeiçoamento de seus métodos de ensino, com a perspectiva transformadora da aprendizagem escolar do presente e do futuro.

O caderno pedagógico interativo contém links de vídeos e/ou indicações de leituras que irão dar suporte ao material físico e que são comprovadamente um dos meios de comunicação com grande poder persuasivo, visto que despertam diferentes sistemas sensoriais, como, por exemplo, a visão e audição, criando possibilidade de construção de conhecimentos mais dinâmicos e complexos relacionados às metodologias digitais naqueles que usufruírem o referido material. Por sua vez, esse produto permite que se apresente aos leitores, a partir de uma linguagem compreensível e didática, uma seleção apurada de imagens, bem como descrições e explicações textuais do funcionamento e formas de condução das metodologias possíveis em destaque, para que o aprendizado se torne mais atraente e eficaz.

O caderno de planejamento didático pedagógico traz o suporte para o (a) profissional da educação, orientando como este poderá desenvolver um excelente e inovador trabalho educativo em suas turmas de ensino, instigando inúmeras possibilidades de atraí-lo(a) para o seu conteúdo, a partir de roteiro, imagens, gráficos, mídias, ou seja, agregando infinitas nuances na perseguição do objetivo final: a aquisição do aprendizado.

3. APORTE TEÓRICO

3.1 O Ensino Remoto no decurso e no pós-pandemia

Em razão das incertezas do quadro pandêmico geradas pela Covid-19, a Organização Mundial de Saúde (OMS), como já destacado anteriormente, instituiu medidas para contenção da disseminação do vírus, dentre elas o isolamento social, o que culminou no fechamento das instituições educativas, isto é, na paralisação das atividades educacionais presenciais por tempo indeterminado (ONU, 2011).

Uma das alternativas propostas para amenizar os efeitos negativos causados pela interrupção das atividades educativas presenciais foi o ensino remoto emergencial, que promoveu discussões fervorosas no que compete ao desenvolvimento do trabalho e prática docente. Esse debate vem à tona porque questões como os saberes e as práticas profissionais da docência são colocados em pauta com essa nova possibilidade de ensino. Esse contexto intensificou um problema já existente no Brasil, as desigualdades sociais. Apesar de o vírus não escolher ricos ou pobres para infectar, os primeiros terão sempre melhores condições de enfrentamento da crise pelas condições econômicas e sociais que lhes possibilitam uma infraestrutura de comodidade. Contudo, destaca-se que a situação da pandemia não dá garantias absolutas a nenhuma das classes sociais.

Boaventura de Souza Santos (2020, p. 14) aponta que [...] –qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros, na fala do autor ao frisar as desigualdades sociais que ocorrem dentro das escolas, ao mencionar principalmente os grupos (de baixa renda) que estão em maior vulnerabilidade social. Essa crise pandêmica tem povoado ainda mais este espaço-tempo político, social e cultural e fortalecido esse aspecto. A quarentena foi um lugar (momento de tempo) onde o isolamento social na qual a população foi forçada a se afastar do que foi decretado pelo estado muitas vezes, movido pelo preconceito e pela discriminação das diferenças.

Ademais, no que tange aos cuidados com a saúde e à vida durante os momentos críticos da pandemia da Covid-19, (SANTOS, 2020) alerta que o isolamento social é uma necessidade e cumpri-lo é um modo de sermos solidários. Esse foi o caminho que a sociedade encontrou para proteção da saúde e preservação da vida da humanidade. Desse modo, a pandemia se configura negativamente, não só como um problema eminentemente epidemiológico, mas, sobretudo, pelos impactos que ela traz para a sobrevivência humana Arruda (2020, p. 158) evidencia que:

-O novo coronavírus desenvolveu essa consequência, de maneira bem rápida, possivelmente pelas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), pois foi possível perceber que todo o mundo não se encontrava previamente preparado para os efeitos sociais, culturais, educacionais e econômicos gerados por esse vírus. (ARRUDA 2020).

Com esse novo cenário, docentes e discentes tiveram de se adaptar a uma nova possibilidade de ensino e aprendizagem, chamada de ensino remoto. Entretanto, essa nova possibilidade traz alguns entraves em sua oferta, pois nem todos os alunos (as) tiveram acesso às aulas remotas. Assim sendo, fica claro que também na perspectiva da educação, vem acirrando-se, cada vez mais, a ascensão das desigualdades sociais.

-a pandemia da COVID-19 criou amplas repercussões negativas nos diferentes Sistemas Nacionais de Educação que tendem a reproduzir um ciclo vicioso de desigualdades, o qual transborda de modo preocupante uma latente ampliação de assimetrias previamente existentes entre classes sociais, regiões e localidades, nos desempenhos dos setores público e privado ou ainda na efetividade educacional nos diferentes níveis de ensino (SENHORAS, 2020, p.135).

Com os dilemas e impasses do ensino remoto, o referido autor traz duas informações importantes em sua ponderação que merecem destaque. A primeira tratativa se refere à reprodução do ciclo vicioso assimétrico econômico e social. O segundo ponto mostra que essa desigualdade ocorre de forma diversificada e desequilibrada, dependendo das classes/grupos sociais. O fato é que a pandemia provocou substanciais mudanças emocionais, comportamentais e didáticas, principalmente no que tange ao domínio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e, conseqüentemente, intensificou as exclusões preexistentes.

No período pandêmico as aulas passaram a acontecer de modo remoto e diante dessa nova realidade exigiu-se dos docentes uma adaptação no processo de ensino aprendizagem que estavam além das suas formações acadêmicas, prática e saberes docentes; e ainda sobre situações que transpassaram o ambiente de ensino como as situações econômicas, físicas e mentais. Em suma, muitas mudanças foram compulsórias.

O ensino remoto emergencial (ERE) foi aplicado em virtude da pandemia da COVID-19, o que acabou desafiando todo um sistema educacional Brasileiro (RONDINI; SANTOS, 2020). Com a suspensão das aulas presenciais, o Ministério da Educação decretou em regime de urgência a parada das aulas e devido às medidas de isolamento social, passaria a ser ministrada por meio de aulas on-line ou atividades remotas, como alternativa para reduzir os impactos negativos no processo de aprendizagem.

Conforme apontado por Moreira, Henriques e Barros (2020), a pandemia da COVID-19 obrigou professores e alunos, a mudanças rápidas de práticas devido à suspensão das atividades presenciais. Isto [...] -gerou a obrigatoriedade dos professores e estudantes migrarem para a realidade on-line, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem, naquilo que tem sido designado por ensino remoto de emergencial (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020, p. 352).

Nesse limiar de reflexões, muitas responsabilidades genuínas dos estabelecimentos educativos foram delegadas ao docente e ao discente como a necessidade de possuir o seu equipamento tecnológico para o trabalho, alguns gastos financeiros (internet, energia elétrica, etc.), mobiliário adequados (quadro, câmera com boa resolução, etc.), dentre outros tantos. Esses fatores são considerados consequências educacionais oriundas das mudanças impostas devido à pandemia do novo coronavírus, somando-se a isso a necessidade de aproximar-se mais da construção de novos saberes.

Indubitavelmente, este panorama pandêmico demandou de um novo perfil profissional de professor (a), ou seja, a necessidade de um profissional que domine as tecnologias da informação e da comunicação, que enfrente um momento de incertezas e transformações, que repense e refaça a prática pedagógica para contemplar as necessidades de aprendizagens dos estudantes.

A adaptação da (o) professora (o) passa também pela sua saúde mental, pois em um contexto de mortes, de colapsos e descasos, nós, professores (as), somos convocados (as) a contribuir para fazer a diferença para os (as) estudantes e para a sociedade. Desse modo, esse novo retrato docente passa pela construção de competências que não são só profissionais, são também emocionais. Além do que já foi elencado, demandam uma infinidade de saberes a construir para alcançar as necessidades e anseios de uma situação emergencial, ora perpassada.

Nessa linha de raciocínio, os (as) docentes tiveram de se adaptar ao advento do ensino remoto e estão vivenciando um processo de apropriação das novas técnicas de inteligência digital, Tarouco (2013) fala de um processo intitulado de fluência digital, como sendo uma habilidade imprescindível para o trabalho no cotidiano escolar e que, para ser desenvolvida e aprimorada, é necessária uma formação específica e contínua. Contudo, tem-se que reconhecer que fazer isso sozinho é uma tarefa muito difícil e, por vezes, impossível, dependendo do contexto em que o docente está inserido, uma vez que o confinamento, por si só, já gera o desconforto (ARRUDA, 2020).

A pandemia trouxe a procura pela tecnologia revelando o grau de dificuldade para acessar, no caso de professores que atuam muitos anos na mesma metodologia, e se viram diante de uma nova situação o que atingiu num determinado tempo histórico Lévy (2010), ao ver esse panorama, [...] é necessário desencadear processos educativos destinados a melhorar e a desenvolver a qualidade profissional dos professores que, claramente, neste momento, foram apanhados de surpresa (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020, p. 28).

Constata-se a relevância de investir na formação docente, em que Nóvoa (1995, p. 27) destaca que [...] –práticas de formação que tomem como referência as dimensões coletivas contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autônoma na produção dos seus saberes e dos seus valores|| [...], promovendo relevantes mudanças no âmbito educacional.

Importante acrescentar que se faz necessário políticas públicas educacionais voltadas para formação profissional que favoreçam o diálogo com a situação contemporânea.

Baseando-se nesse entendimento, Imbernón (2011, p.17) descreve [...] –como a prática educativa é pessoal e contextual, precisa de uma formação que parta de suas situações problemáticas|. Nesse ínterim, urge a formação docente a partir de cursos e recursos em plataformas digitais gratuitas que possam contribuir na construção de conhecimentos e saberes indispensáveis para o planejamento e desenvolvimento das aulas remotas.

Já sinalizava Imbernón (2011) que a necessidade de preparar professores para grandes transmutações e possíveis dúvidas que possam surgir. Essa formação é ratificada por Ferreira (2020) ao defender uma formação de professores para um contexto de mudanças, sendo tanto a formação inicial quanto a continuada. Essa formação requer a reformulação de novos saberes docentes para lidar com a diversidade, com o uso das técnicas metodológicas e com as tecnologias, entre outros aspectos.

Imbernón (2011) expõe que [...] –a aquisição de conhecimentos por parte dos professores é um processo complexo, adaptativo e experimental|| (p. 17), quando existe uma preparação, uma formação continuada baseada nas necessidades de aprendizagem do docente, uma formação que contemple os saberes e competências necessárias para trabalhar com as TICs, essa dificuldade pode ser superada o que sugere, neste contexto de pandemia.

Diante dessas premissas, importa destacar que, tanto no ensino presencial como no ensino remoto, é preciso considerar a relevância dos processos pedagógicos de maneira globalizada, tornando compatíveis os métodos de ensino com as habilidades que se deseja alcançar diariamente, destacando a formação continuada dos profissionais envolvidos para melhor desempenhar o trabalho com as metodologias ativas.

3.2. Metodologias ativas: contexto e relevância

Em meio a uma análise sobre o processo educativo desenvolvido no Brasil, observa-se a caracterização de matrizes pedagógicas e metodológicas na educação que se destacaram na segunda metade do século XX, metodologias de ensino que se desenvolveram correlacionando cultura, Pedagogia, Estado, sociedade e escola, o que implica uma orientação científica e filosófica, sendo elas, a partir da ordem cronológica em meio às necessidades consideradas: a) tradicional; b) escolanovista (ativa); c) libertadora; d) tecnicista; e) histórico-crítica (ARAÚJO, 2015).

Ao longo de cada período histórico da educação, uma nova ação é praticada, o que pode modificar a aprendizagem, ao envolver o aluno/professor e o seu contorno físico e social, permitindo novas adaptações no meio, surgindo às novas teorias ao longo do percurso da história, o ensino ativo é contraposta à dimensão social, o que a torna compreensível por sua orientação fundada a cada período.

Por esses motivos, faz-se necessário destacar e evidenciar o significado e a importância da experiência nesta condução, uma vez no contexto dessas perspectivas pedagógicas e ideológicas é que surgem as acepções, no decorrer da época moderna, destacando os primeiros indícios do exercício com metodologias de ensino ativo são estimuladas como uma atividade que requisitada de experiências e muitas outras estratégias dinâmicas para a construção de uma prática condizente com o que se aborda na teoria, tendo como o reflexo a aprendizagem que faça sentido.

Nesta linha de raciocínio tem-se a metodologia como uma proposição filosófica fundamentada a partir de pontos de vista humana, de mundo como um todo, de membros na sociedade, de processo histórico, de coexistência, de educação, dentre outros aspectos, em que diante disso e passando a não ser expressas, acabam deixando sugestões quanto à ação educativa e o processo ideológico e pedagógico, -uma vez que o professor as leva consigo para a sala de aula: suas concepções de aluno, de ensino, de aprendizagem, de avaliação não se isolam de suas relações afeitas à sala de aula (DE ABREU, 2017, p. 08).

Assim, a formação profissional do professor acompanha todo um processo pedagógico, fundamental para seu desenvolvimento profissional, de maneira intencional e organizada, partindo de perspectivas teóricas e científicas e de técnicas capazes de fundamentar seu trabalho, propiciando reflexões e relações entre teoria e prática, teoria esta [...] -vinculada aos problemas reais postos pela experiência prática e a ação prática orientada teoricamente (LIBÂNEO, 1993, p. 27-28).

Uma vez que a metodologia ativa é uma concepção educativa que estimula processos construtivos de ação-reflexão-ação, reflete no estudante uma postura ativa diante da relação referente ao aprendizado, por meio de uma prática de atividades que interpretam como experiências, seguindo metodologias que se destacam como desafiantes e que favoreçam a pesquisa para descobrir soluções, aplicáveis à realidade vivenciada pelos discentes, levando em consideração os métodos associados às metodologias ativas, assim podendo ser desenvolvidas por meio das mídias referentes às tecnologias da educação, de maneira que haja reinterpretções de concepções e princípios elaborados em um contexto histórico, sociocultural, político e econômico, assim representando a fluência do currículo da cultura digital (ALMEIDA, 2014).

Com isso, a prática docente integra diferentes saberes e, por isso, trata-se de um saber com várias perspectivas a partir da prática profissional e de saberes disciplinares, curriculares, propondo um modelo que evidencia as características em questão de maneira a identificar e classificar os saberes dos profissionais da educação em meio a pluralidade referente ao saber profissional, considerando os critérios internos responsáveis por discriminar os saberes a partir dos pontos categóricos das ações disciplinares, assim relacionando o saber profissional aos ambientes nos quais os professores atuam com seus planejamentos.

A primeira terminologia é de ordem concepcional: visões de humano, de sociedade, de coexistência, de mundo, de história etc., que envolvem necessariamente projetos políticos; e a segunda é de ordem operacional, e tem em vista a ação educacional e as práticas pedagógicas. De tais dimensões, não se isentam os (as) professores (as) e alunos (as), posto que elas se façam necessariamente presentes no processo educativo-escolar, por exemplo, pela formulação de aluno (a) ou de professor (a) que é veiculada também operacionalmente:

A concepção mais geral de metodologia do ensino [...] entendida como um conjunto de princípios e/ou diretrizes acoplada a uma estratégia técnico-operacional serviria como matriz geral, a partir da qual diferentes professores e/ou formadores podem produzir e criar ordenações diferenciadas a que chamaremos de métodos de ensino. O método de ensino-aprendizagem (menos abrangente) seria a adaptação e a reelaboração da concepção de metodologia (mais abrangente) em contextos e práticas educativas particulares e específicas. (ARAÚJO, 1993, p. 5).

Se o trabalho educativo do docente é o ato intencional de educação e produção da humanidade em cada ser, depende-se que a ação da (o) professor (a), que executa o trabalho de ensino através da ação da docência, é uma ação objetivada, planejada, voltada para a ascensão da humanidade que, como bem recorda o autor citado, –é uma humanidade historicamente produzida. Isso, por sua vez, requer que, na intenção da docência, se mostrem tanto os elementos culturais, quanto os meios pelos quais o ensino irá desempenhar a tarefa de humanização.

Esse processo faz a professora (o) algo mais do que mediadores da aprendizagem, com finalidade de uma ação pedagógica reflexiva, os saberes teóricos atuam sobre os procedimentos metodológicos, como via de direção para organização de meios de estudo e ensino específico para o ensino fundamental para formação humana em seu pensamento (fórmulas, conceitos, categorias lógicas, compreensões, desejos, valores, necessidades, teses, antíteses, sínteses). ou razão sendo esse movimento cognitivo desenvolvido e interpretando seus atos, criações, produções, nas quais objetivam o pensamento (ALVES; TEO, 2020).

3.3 Competências cotidianas do professor (a)

A docência está arraigada por saberes docentes, os quais são apreendidos durante todo o percurso acadêmico, bem como na prática cotidiana do professor. Procura-se aprimorar competências profissionais, desenvolvendo uma formação que se inscreve nas representações do ofício do (a) professor (a). Pode-se notar essa preocupação em Carvalho et., al (1988, p. 15) "Trata-se, então, de orientar o trabalho de formação dos professores como uma pesquisa dirigida, contribuindo assim, de forma funcional e efetiva, para a transformação de suas concepções iniciais.¶

Na seara das teorizações sobre os saberes docentes podemos destacar alguns teóricos que contribuem para nossos estudos, tais como: (PIMENTA 2012), que aborda os saberes docentes pelo o olhar da experiência, pedagógico e do conhecimento. Para (TARDIF 2011) os saberes estão nas formações que podem ser profissionais, de experiências, disciplinares e curriculares.

Delimitando o alcance teórico da pesquisa em tela, selecionamos a teorização de (PIMENTA 2012) que destaca os saberes docentes como núcleo elementar da construção da identidade profissional dos professores que se desenvolvem a partir de programas de formação de professores.

Esses programas têm se mostrado pouco eficientes para alterar a prática docente, e conseqüentemente, as situações de fracasso escolar, por não tomarem a prática docente e pedagógica escolar em seus contextos. Ao não as colocar como o ponto de partida e o da chegada da formação, acabam por, tão somente, ilustrar individualmente o professor, não lhe possibilitando articular e traduzir os novos saberes em novas práticas. (PIMENTA, 2012, p. 17)

Para Pimenta (2012), existe uma soma entre os saberes que tornam-se importantes para a formação profissional dos docentes em análise que poderia ser chamado de essenciais. Podemos citar o conhecimento como atribuições entendidas como saberes que ultrapassam as barreiras das informações, onde se pode trabalhar com sua contextualização como fonte de construção do conhecimento. A pesquisadora Pimenta (2012) advoga também pela existência das experiências vividas dentro dos ambientes escolares, conhecimentos específicos de cada formação pode também influenciar nas práticas didáticas- pedagógicas.

Em suas atividades cotidianas o professor toma decisões, diante das situações concretas com as quais se depara. A partir da quais constrói saberes, na ação. Mas sua reflexão na ação precisa ultrapassar a situação imediata. Para isso é necessário mobilizar a reflexão sobre a reflexão na ação. Ou seja, uma reflexão que se eleva da situação imediata, possibilitando uma elaboração teórica de seus saberes. (PIMENTA, 1997, p. 20)

Os saberes pedagógicos acontecem diante da ação da prática docente e dos problemas que assim surgem. Essa metodologia centralizada a respeito da prática é o caminho que constitui os saberes trabalhados acima, estes podem ser considerados como um meio que reafirma a prática docente. Assim, nesse mesmo diapasão, Pimenta (2012) vem traduzindo como aquele que interliga a formação inicial à prática adquirida no dia a dia.

Para além dos saberes docentes desde a tipologia de Pimenta (2012) acrescenta as práticas educativas que valorizam as relações humanas, o contexto sócio emocional e as singularidades de cada aluno, promovendo o acolhimento do estudante, de modo que ele se sinta incluído, seguro e confortável para aprender. Os saberes docentes de humanização:

São sentidos atribuídos às pesquisas que desenvolvemos em nossa trajetória profissional e que nos sinalizam para a necessidade de humanizar o processo de ensino-aprendizagem. São reflexões que estamos fazendo desde o início da carreira docente e a partir do contato com os alunos. É resultado do exercício do refletir sobre nossos erros, nossas cabeçadas, acertos e êxitos. É a ideia de que os saberes docentes de humanização se convertem na capacidade que deve ter o professor de lidar com fenômenos sociais e históricos que ameaçam a humanidade, combatendo riscos de desumanização (MEIJER, et., al, 2019, p.31).

O saber docente de humanização é uma habilidade que o professor deve desenvolver na sua identidade docente para educar humanizando, assim, corrobora para uma educação humanizada e promove impactos que vão para além do ambiente de sala de aula, possibilitando a formação de cidadãos autônomos, mais conscientes dos seus direitos e deveres, capazes de cooperar para a construção de uma sociedade mais justa, tolerante e, sobretudo, mais inclusiva. Deste modo, praticar os saberes docentes de humanização favorece que nossos discentes desenvolvam relações interpessoais mais saudáveis, respeitosas e baseadas no diálogo e em valores humanos na vida social.

Com isso, o uso de metodologias ativas e o uso de novas tecnologias da educação são muito importantes na presente pesquisa, considera-se que se faz necessário um tipo de saber docente para que os professores possam fazer uso pedagógico e contribuir com o processo de ensino e aprendizagem. A esse respeito Meijer (2019) descrevem em pesquisa acerca de saberes docente e que uma das fragilidades mencionadas pelos docentes em suas práticas educativas era exatamente o uso de novas tecnologias da educação que antes já tinha papel importante e depois que surgiu o isolamento social devido à pandemia essas tecnologias passaram a ser de grande valia para o processo de ensino.

3.4 Aporte legal no contexto pandêmico

O parecer sobre as aulas remotas e a educação à distância (EAD) foi elaborado com a colaboração do Ministério da Educação (MEC), que aprovou o Conselho Nacional de Educação (CNE) a orientar escolas do sistema de ensino estadual e municipal, a partir do dia em 06 de outubro de 2020, resolução que permite que o ensino remoto seja mantido até 31 de dezembro de 2021, a seguirem as coordenadas dadas pelas secretarias de Educação e pelos conselhos estaduais e municipais de Educação a autorizar a realização de atividades à distância, dentro das situações emergenciais durante a pandemia do coronavírus. O ato normativo faz parte das Diretrizes Nacionais para a implementação dos dispositivos da Lei n.14.040/2020, que estabeleceu normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo n.06/2020.

Em alteração do § 11 do art. 36 da Lei nº 9.394, de 1996, em ementa incluída pela Lei nº 13.415, de 2017 (BRASIL, 1996) e nos termos do disposto no caput e no § 3º do art. 47 da Lei nº 9.394, de 1996. A referência era o ano letivo de 2020, duramente afetado pelas medidas para enfrentamento da pandemia do coronavírus.

Em consonância a legislação brasileira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional admite que o material aprovado pelo CNE deva direcionar, orientar os estados, municípios e as escolas sobre as novas metodologias a serem utilizadas durante a pandemia, reorganizando o calendário e da responsabilidade dos sistemas de ensino com seus alunos.

Em 2020 o calendário escolar foi reorganizado e foi decidido que as aulas e as atividades à distância deverão ser contabilizadas como horas letivas, se não atingirem às 800 horas serão repostas quando as aulas presenciais forem retomadas e as atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19.

Em abril de 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE) emitiu um parecer para enumerar possibilidades de cumprimento da carga horária estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) no cenário pandêmico. Pouco depois, em agosto do mesmo ano, foi sancionada a lei 14.040, que estabelece normas excepcionais a serem adotadas durante a crise sanitária.

Parecer CNE/CP n. 05/2020, que trata da -reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID- 19!;
Parecer CNE/CP n. 09/2020, que retomou essa temática, e
Parecer CNE/CP n. 11/2020, que definiu -Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemial.

De acordo com o artigo 32 § 4º que o ensino a distância pode ser utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais na educação fundamental. Já o § 11 do art. 36 da Lei nº 9.394, de 1996, no VI - cursos realizados por meio de educação à distância ou educação presencial mediada por tecnologias. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017), (BRASIL, 1996).

O mundo é por sua vez o local onde se encontra a escola, e como ela pode lidar com questões como o grande impacto da pandemia que estampa cada dia mais, as mídias e as notícias veiculadas em todos os lugares e em todas as línguas, em diversos contextos e situações. Por outro lado, o Art. 8º do Decreto 9.057, de 2017, regulamenta a LDB e autoriza a realização de atividades à distância no ensino fundamental, desde que autorizada pelas autoridades educacionais dos estados e municípios.

A ação educativa envolve novas maneiras de educar, especialmente, em tempos de incertezas e de espaços virtuais, como os que são vistos em cursos de educação a distância mediadas pelas tecnologias da informação e comunicação, nesse cenário, é importante a contribuição de Libâneo (2011), ao reforçar a compreensão dos novos desafios para a docência:

É verdade que o mundo contemporâneo - neste momento da história denominado ora de sociedade pós-moderna, pós-industrial ou pós-mercantil, ora de modernidade tardia - está marcado pelos avanços na comunicação e na informática e por outras tantas transformações tecnológicas e científicas. Essas transformações intervêm nas várias esferas da vida social, provocando mudanças econômicas, sociais, políticas, culturais, afetando, também, as escolas e o exercício profissional da docência (LIBÂNEO, 2011, p. 17).

Como Libâneo destaca, as transformações refletem na educação como dilemas e conflitos para as dimensões do sujeito responsável pela ação educativa, em todos os níveis e modalidades educacionais: o professor. Assim, para compreender as relações de divisão do trabalho educativo e as concepções que acercam a ação educativa, emerge a necessidade de se buscar as concepções da docência na contemporaneidade.

O decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017, as definições EAD estão voltadas na sua maioria ao uso das tecnologias para comunicação e interação e para a separação espaço/tempo entre professores/alunos.

O processo de desenvolvimento pessoal e profissional no qual os professores e os estudantes interagem virtual ou presencialmente, por meio da utilização didática das tecnologias de informação e comunicação, bem como de sistemas apropriados de gestão e avaliação, mantendo a eficácia do ensino e da aprendizagem (MAIA e MATTAR, 2012, p. 29).

Na Educação a Distância (EAD) como uma modalidade na qual os processos de ensino e aprendizagem ocorrem com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação. O ensino à distância estava presente em larga escala nas instituições superiores, já acostumados ao método online, o sistema educacional adaptou para os outros níveis de educação, sendo as aulas de modo virtual síncrona aulas – em tempo real, ou assíncrona – gravadas ou com conteúdo disponível para acesso em qualquer horário.

Desde o início da história da educação sempre foi aulas presenciais, salas cheias de alunos, que compartilhavam todas as situações, abraços, e, de repente tudo mudou, em razão de uma pandemia, o distanciamento, o isolamento dentro de suas casas, o que obrigou todos a repensar suas formas de viver, de se relacionar, de trabalhar. O desafio de ofertar educação não presencial chamaram de educação à distância, outros de aulas remotas, outros de ensino não presencial, é preciso destacar que para esse ensino é necessário o uso de tecnologias mediadoras entre professor, aluno e conhecimento, (ALVES, 2011), por meio do uso de tecnologias de telecomunicação e de transmissão de dados, – mediadas ou não por tecnologias. Isso inclui, por exemplo, a utilização de meios digitais, como vídeo aulas, conteúdos em plataformas virtuais, redes sociais, e-mail, blogs, entre outros.

Ao grupo escolar juntamente com toda sociedade foi impactada pelas medidas impostas ao novo modelo de ensino, as opções digitais deixaram de ser opção de lazer passando para o caráter de obrigação, utilizando os aplicativos e ferramentas digitais como ferramenta de estudo e trabalho.

O uso de ferramentas online que ao mesmo tempo em que era uma visão de futuro, imaginava - se algo de melhora na educação, hoje é uma realidade, o uso do aparelho celular para realizar as atividades implica na metodologia aplicada no período da pandemia. O ensino remoto emergencial gerou incertezas, a falta de conhecimento, um universo novo de ferramentas, metodologias e plataformas digitais, treinamentos na prática (CARNEIRO et., al., 2020), a lacuna deixada pela falta do ensino presencial e do contato o uso das tecnologias virtual, em decorrência da menor interação, o que pode provocar a desmotivação nos educandos, foi observada como resultado de marcas representadas pelas professoras daqui de Parnaíba – PI, nas oficinas, expressões triste, de cores fortes o (vermelho como sangue), o ensino remoto em Parnaíba foi traumático e reativo, a dificuldade vivida gerou desafios para alunos e professores (SOUSA et., al., 2022).

A valorização adequada das tecnologias como ferramentas para tornar o processo de ensino aprendizagem mais eficaz, o ensino remoto ou à distância, a aplicação de plataformas digitais, o uso das Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e a adoção da educação remota, ressaltando-se o Google Meet, como ferramenta e um aplicativo online que auxilia o educador na criação da sala de aula virtual, (TEIXEIRA, 2021). O MEC confirmou o ensino a distância em seu art. 4-A na portaria MEC nº 1.030, de 1º de dezembro de 2020, com a seguinte redação:

"Art. 4-A No que se refere à educação básica ofertada por instituições integrantes do sistema federal de ensino, o ensino a distância se dará a partir do ensino fundamental, para complementação pedagógica conforme prevê a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, ou em situações excepcionais previstas pelo Decreto no 9.057, de 25 de maio de 2007." (SANTOS, 2021).

Ressaltando a portaria do MEC com o nº 1.030/20 foi a responsável por revogar a de número 544, publicada pelo MEC em 2020, o uso dos recursos educacionais digitais, tecnologias de informação e comunicação, em caráter excepcional, substituindo o ensino presencial pelo remoto regularmente autorizado. (SANTOS, 2022).

4. SOCIOPOETIZANDO A PRODUÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Para dar prosseguimento a esse trabalho de investigação, desenvolvemos quatro oficinas utilizando o método da sociopoética na busca de alcançar os objetivos propostos. Esta seção objetiva também apresentar o plano de oficina. A estrutura de trabalho cumpriu a seguinte ordem: Oficina 1 - Acolher e produzir dados e afeto; Oficina 2 - O rio da pandemia; Oficina 3 - Práticas educativas mutantes no isolamento social e pós-isolamento social; Oficina 4 - Círculo de cultura sociopoético no ritual dos elementos da natureza institucional. As sete professoras coopesquisadoras participantes deste estudo desenvolveram atividades lúdicas, criativas e artísticas durante a realização das oficinas supracitadas, contribuindo assim para a satisfação dos quesitos desta pesquisa, bem como facilitando a ampliação do conhecimento sobre a temática proposta.

As oficinas sociopoéticas iniciam-se com um relaxamento, pois –os membros do grupo-pesquisador devem conseguir abaixar o seu nível de controle consciente, a fim de que se expressem os saberes submersos, os ventos raros, as lavas congeladas pela história coletiva e individual (GAUTHIER, 1999, p. 39).

Além disso, deve-se ressaltar a importância do ritual como forma de buscar uma rotina nova dentro do novo que são as oficinas. Com isso o que se quer é a propagação das diferenças.

4.1 Oficina 1 - Acolher e Produzir Dados e Afeto

A primeira oficina da presente pesquisa intitulada –Acolher e produzir dados e afetos aconteceu na manhã do dia 24 de setembro de 2022 com sete coopesquisadoras. A seguir o plano de ação desenvolvido para a execução, a descrição do desenvolvimento das ações e a análise dos dados produzidos.

4.1.1 Plano de Oficina

Objetivos:

1. Iniciar a aproximação com as coopesquisadoras criando ambiente acolhedor e afetivo para a produção de dados;
2. Produzir conteúdo autobiográfico/apresentação de si.

Metodologia:

1. Café da manhã com diálogo;
2. Alongamento e consciência corporal;
3. Viagem a cada parte do corpo e aos aspectos da personalidade das coopesquisadoras;
4. Criação de crachá com pseudônimos/personagem respectivo.
5. Apresentação das coopesquisadoras a partir dos pseudônimos
6. Falar dessa personagem no círculo de acolhimento

Recursos: Caixa de som para transmissão de música pelo Bluetooth /celular; crachás em branco, canetinhas coloridas grossas, tatames, café da manhã para o grupo. Gravador.

4.1.2 Descrevendo as ações desenvolvidas

No dia 24 de setembro de 2022, às 8 horas da manhã, no teatro do CRAS CÉU das Artes, localizado na Rua Dr. João Clímaco de Carvalho S/N, Conjunto Betânia II, Bairro Piauí, município de Parnaíba, iniciamos a primeira etapa das oficinas para professoras de algumas instituições de ensino¹ da cidade. A acolhida aconteceu no pátio externo do CRAS com um café da manhã com diálogo, no qual os membros participantes desta pesquisa tiveram o primeiro contato coletivo, em um momento de descontração e conhecimento mútuo.

Após o café da manhã, todas foram convidadas a adentrar no teatro, espaço reservado para a condução das oficinas. Neste momento, a facilitadora solicitou que ficássemos em círculo e conduziu um alongamento para todo o corpo com todas nós em pé. Em seguida indicou para que nós, coopesquisadoras, deitássem ao chão, sob tatames, e buscássemos nos acomodar de forma confortável. A facilitadora conduziu um relaxamento de todo o corpo. Após nossos corpos alongados e relaxados, mentalizando desde os pés até os fios do cabelo. Todo o corpo esteve envolvido. Ela pediu que as coopesquisadoras também

¹ Instituições de ensino: O grupo de coopesquisadoras foi composto por sete (7) professoras que, no período do isolamento social, cinco (5) docentes ministravam aulas na educação básica e duas (2) professoras do ensino superior.

exercitassem sempre a inspiração e a expiração lentas e profundas. Que imaginássemos vendo-nos de pé olhando para nossos corpos deitados nos tatames em estado de relaxamento. O próximo passo foi que olhassem para cada um de nossos órgãos e sistemas e que desejassem saúde e vitalidade, sempre com inspirações e expirações. Fomos solicitadas a pensar quem somos e nossas fragilidades, as nossas fortalezas. Que visitassem quem somos, o que pensamos sobre nós. Logo depois nos foi pedido para espreguiçar, esticar o corpo todo ainda deitado no tatame e depois sentarmos.

A facilitadora disponibilizou canetas e crachás em branco no centro do círculo ao chão e pediu para que criássemos nosso pseudônimo com base nas impressões que colhemos de nós mesmas na viagem a si.



Imagem 1 de todas nós na confecção dos crachás

Criados e registrados os pseudônimos nos crachás, chegou o momento de nos apresentarmos para o grupo. Cada uma de nós se apresentou a partir de nossos pseudônimos. Além do pseudônimo, verbalizamos o que coletamos sobre si na viagem ao nosso interior, caracterizando assim o ser por trás do pseudônimo. Vejamos a seguir o resultado das apresentações:

Praia - Eu coloquei meu codinome como praia. Durante a atividade eu estava mentalizando várias coisas. Eu gosto muito de natureza, de plantas. Mas tinha uma coisa mais próxima de mim, que era a praia. Acho que é um lugar que muita gente gosta e que tem uma energia muito boa. E eu gosto de estar em

locais e de ser uma pessoa com uma energia positiva e boa. Porque a gente sabe que durante e após a pandemia muitas pessoas tiveram dificuldades, perderam entes queridos. Até nós que não perdemos gente próxima, mas perdemos amigos, gente distante. Isso tudo mexeu muito com a gente. Deixou a gente ansiosa. Então a praia é um lugar para tirar as coisas ruins. Apesar de morar num lugar que tem praia eu não vou muito, como eu queria ir. Eu queria ir todo final de semana, mas não vou por conta das correrias de ter que preparar aula, mas sempre que possível eu gosto de ir. Eu gosto de caminhar na orla, tomar uma água de coco. Gosto de tomar Sol. Não gosto de lugar frio e nem extremamente quente. Ir à praia cedo da manhã fazer aquela caminhada eu ganho o meu dia. Eu gosto de colaborar. Vim ao mundo pra somar. A praia é um lugar relaxante onde as pessoas podem tirar a energia negativa, pesada Eu gosto muito da natureza. E a praia faz parte da natureza. Pensando aqui no relaxamento na atividade penso que nós precisamos relaxar. É uma coisa tão simples e a gente não faz. Tem horas que a gente pensa que está relaxada, mas agora [nessa atividade] eu vejo que eu relaxei. Tem uma coisa que eu gosto muito de fazer é procurar me alimentar bem. Faço atividade física durante o dia. Eu gosto de fazer 5:30 atividade física. A gente tem que ser prioridade. A gente não pode cuidar e ajudar o próximo se a gente não estiver bem. A primeira hora do dia eu tô cuidando de mim. O restante do dia eu tô pronta para os abacaxis que aparecem. As dificuldades que a gente passa na vida a gente tira forças não sei de onde. Eu sou evangélica e acredito que a gente precisa se conectar muito com Deus pra conseguir atravessar todas essas barreiras e dificuldades. Eu já passei por inúmeras e inúmeras vezes eu quis desistir. Eu esperava, respirava e dizia, não, eu vou tentar de novo. E todas as vezes que eu tentei de novo e que eu cheguei ao final eu disse, valeu a pena!

Cecília - Então, bom dia, meu codinome, intitulei assim como a colega coopesquisadora, dei o nome de pessoa, Cecília. Cecília eu acho que ele emana uma questão muito interessante, que é uma força, aquela coisa quando tu vês uma palavra, tu vês um nome e tu sente a força do nome daquele, né? Tu meio que personifica aquele nome como um ser, então eu tenho muito isso, e Cecília traz muito isso. Então desde criança eu me imaginava assim, meu nome é esse, ah beleza está tudo bem eu aceito, mas e se fosse Cecília? Acho que cairia bem, parece muito comigo, né? E a força que esse nome me traz, sempre me trouxe é de uma pessoa de superação, uma pessoa que tem desafios, tem os intempéries, mas ainda assim é persistente, entendeu? Sempre tem as barreiras, sempre tem as dificuldades, beleza, pode até ter aquele momento introspectivo, de dificuldade, mas de alguma forma tem uma força que impulsiona e assim como a professora Praia falou, vamos tentar mais uma vez e assim as coisas vão acontecendo e você tem os ganhos, os cumulativos positivos, muito nesse sentido. E assim, meio que é uma mescla, tanto de eu trago isso, essa personificação, digamos assim desse nome enquanto pensamento, enquanto atitude, ao mesmo tempo ele se entrelaça porque ao ver como a minha própria personalidade, então tem muito isso. A professora Praia pontuou bem isso, da gente sempre ter esses momentos, e sempre tentar ser positivo; é impossível ser 100% positivo, mas a partir do momento que tu centrar naquilo e tu se coloca, tu se propões, acho que tu tens ganho, tanto psicológica, emocional, né? É físico também, porque caso contrário eu acho que a gente simpatiza muito. E o somatizar aquilo que tu consegues magneticamente falando, trazer para si, nem

sempre é bom, mas quando tu consegues gerenciar isso e tirar o que não foi bom, tu trazes pra si e transforma aquele aprendizado em força, em anticorpos, e a parte boa tu levavas para frente, eu acho que esse é ganho não só pessoal, mas coletivo. Então, no momento que eu estava aqui centrada, relaxando, me veio isso, essa contextualização do por que eu sempre, ah se alguém falasse um codinome, dê um nome, transfira energia, eu sempre tenho isso em mente; e o nome Cecília me vem em mente. Quando criança, eu sempre imaginava, quando eu tiver uma menina, uma filha, ela vai se chamar Cecília, isso sempre foi uma realidade. No caso eu sou mãe, não foi possível por outros motivos dar esse nome, mas é algo que eu sempre carrego comigo, que é algo positivo. Embora não seja personificada, mas ao mesmo tempo ele faz parte do que eu sou hoje. É mais ou menos nesse sentido.

Luz - Bom dia né oficialmente, eu escolhi o codinome Luz por que eu acho que quando eu estava aqui nesse momento relaxando eu pensei em um traço da minha personalidade, e eu acho que o traço da minha personalidade que foi se moldando muito com o tempo é a minha forma de amor e a minha forma de amar e de demonstrar amor são atos de serviço, então eu sempre procuro ajudar as pessoas da melhor forma em qualquer coisa, coisas simples, coisas mais difíceis, família, amigos, então eu acho que poderia ser servir também, eu sou aquela pau para toda obra, eu acho que eu sou essa pessoa, as pessoas me elogiam dessa forma; o que as vezes é difícil, por que as vezes a gente acaba se doando muito e talvez recebendo pouco, as vezes eu sinto isso, só que eu também acho que para as pessoas certas, quando você é assim, claro que você se doa para pessoas erradas também que depois mais para frente você ver que não agregavam na sua vida quanto você achava, só que para as pessoas certas, principalmente para minha família eu acho que é como se eu fosse uma luz no momento pode ser numa besteira de fazer uma festa, mas eu vou está lá fazendo uns doces, eu vou está lá para encher uns balões ou alguma coisa acontecer com uma amiga, exemplo um acidente, eu era responsável por ela no hospital, então eu vou está lá, eu acho que é isso, é trazer talvez em um momento bom, agregar mais luz para essa pessoa e no momento ruim também trazer isso.

Noêmia - Bom dia, a partir da atividade, desse momento que nós tivemos, eu nunca tinha participado, mas já tinha ouvido muito falar da sociopoética, mas não tenho leitura sobre, acho que foi isso que mais me motivou quando recebi o convite em uma semana turbulenta, acredito que para todo mundo né, que estamos naquela semana que antecipa as provas na escola, mas eu me organizei, eu quero ir, por que é uma forma da gente se reaproximar, da Unilab, tenho uma gratidão muito grande pela Unilab, pela instituição, pelo programa, enfim, é uma forma da gente está lá perto sem está, veio aqui para pertinho da gente. Quando foi proposta a atividade da gente se ver por fora, se acolher, se respeitar, se conhecer, o nome que eu selecionei foi Noêmia. Noêmia pra mim é o nome da minha avó materna, não está aqui. Eu participo de um grupo de estudo na Universidade Federal de Parnaíba, UFDPAR, e teve uma dinâmica que sempre a gente tinha que iniciar trazendo o nome dos nossos ancestrais e a gente regava com uma planta, regavam regava, regava com água e dizia sempre o nome de pessoas que movimentava a nossa ancestralidade, que tinham nos marcados, que tinham servido como guia de vida, eu sempre

usava muito o nome da minha vó Noêmia. Então, quando a senhora propôs, o primeiro nome que veio à mente como uma pessoa que se vê de fora, se respeita se impõem principalmente se aceita. Minha vó viveu em uma época diferente da nossa e mesmo com todos os perrengues da vida que ela teve, ela soube manter-se empoderada, à frente, sem estudo nenhum, minha avó não sabia fazer o nome, mas uma mulher com uma sabedoria imensa, então é por isso que se um dia eu chegar a ser de fato Noêmia eu vou ficar orgulhosa de mim, mas estamos nessa busca, tentando ser Noêmia, se autoconhecer, se respeitar. Nos primeiros movimentos da dinâmica eu me estalei demais, já estava era com vergonha, mas enfim, deixei a atividade me envolver e fiquei muito feliz com esse momento da gente se ver, se reconhecer, por que se a gente for pensar nas demandas das escolas, domésticas, conjugais, são muitas, mas acredito que eu precisava desse momento pra mim. Agora eu entendo por que no início a senhora falou que não era terapêutico, mas se for. Eu acredito que, no meu posicionamento, que foi sim bem terapêutico, faz bem, quanto tempo faz que eu não me espreguiçava? Parece bobo, mas não é. Se espreguiçar, se estalar mesmo, eu acho que isso foi necessário. Aqui eu coloquei como nome de Noêmia e ficaria muito orgulhosa e feliz se na pesquisa eu fosse a cooepesquisadora Noêmia.

Generosa - Queria desejar um bom dia a todos, apesar de que a gente não se viu agora né, já faz um tempinho, mas eu queria primeiramente agradecer essa oportunidade de estar aqui com vocês. Quando recebi o convite, quase que eu disse não, por que o final de semana é o tempo que a gente tem pra tá em casa resolvendo os problemas de casa, durante a semana a gente se desliga tanto e a casa da gente só falta virar de cabeça para baixo né? E eu sou a Generosa, meu codinome é Generosa, eu moro com a minha mãe, ela tem 85 anos, mas é uma pessoa ativa, faz tudo e me ajuda muito, minha ajudadora, minha mãe, eu não sou casada, mas moro com a minha mãe, mas sou de uma família muito grande de 11 irmãos, mas como eu não casei eu fui a premiada de ficar com minha mãe e de cuidar da minha mãe, mas eu digo para vocês que eu sou generosa, mas que a generosa maior é ela que cuida de mim, então assim eu me achei assim, me reporteí para essa Generosa quando eu estava fazendo essa, que não é terapia, mas pra mim foi como uma terapia, eu poder me ver por dentro e por fora, e principalmente no momento em que eu tinha que mandar minhas dores ir embora, pedir a cura, por que a gente está vivendo um momento de muita dor, de muito sofrimento, de muita amargura, por que, eu pensei que depois dessa pandemia as pessoas iam ficar melhores, mas nós vimos muita violência, muita amargura no povo, eu não sei por que, é assim que eu vejo muita gente né. Então por que eu me acho generosa? Ou talvez eu nem seja, eu precise ser mais generosa, por que eu trabalho com crianças e elas precisam de amor, de carinho e a gente às vezes tem que ser generosa com eles, por que as vezes eles vêm de famílias que não tem nenhuma estrutura familiar e a nossa área ali naquela escola, que eu sou professora do 2 ano, além de todos esses dois anos que eles ficaram totalmente afastados da escola, a maioria deles não vinham para a escola e não tinham um celular em casa, ou se tinha, não tinha internet. Como era que a gente iria chegar até eles pela internet se eles não tinham? Se eles não tinham estrutura para assistir aula durante esse tempo? Minha colega de trabalho sabe que a gente foi em agosto de 2020 andar nas ruas com a lista com o nome dos nossos alunos e os endereços. E fomos fazer uma busca ativa

no mês de agosto, em plena pandemia, que foi em 2020, saímos de casa em casa procurando as casas dos alunos para trazer para a escola, para dizer para aqueles que não tinham internet que a gente estava com as atividades prontas para eles irem ir buscar e levar e não voltar, voltar só para pegar toda semana, então a gente não queria que eles ficassem distantes da educação, longe da escola, longe desse contato físico da sala de aula, então assim, para nós foi muito difícil, nós tivemos que ser muito generosas e nós estamos sendo por que assim: generosa na sala de aula por quê? Por que não é só as crianças que tem problema, qual o maior problema das crianças? A família né? Então às vezes as mães chegam na minha sala contando a vida delas pra mim, aí eu tenho que ser generosa até com aquela mãe, ser paciente, de parar a minha aula para ouvir o depoimento daquela mãe, e assim, por que também acho que eu tenho que ser generosa, ou eu já sou? Por que eu sou difícil de dizer um não, às vezes eu tenho tanta vontade de dizer um não, mas eu fico alí implacável comigo, não, mas eu não posso dizer não para essa pessoa, por esse motivo, acho que às vezes eu sou muito generosa com os outros e às vezes menos comigo, e como a gente se reportou para se cuidar melhor, pra gente cuidar do nosso eu primeiro para cuidar depois do outro, a gente também tem que ser muito generosa com a gente mesmo, a gente tem que aprender a ter o nosso tempo, a reservar aquele tempinho pra gente, pra gente ser generosa e ser generosa com os outros, então eu me acho assim. Eu achei esse codinome Generosa por que eu estou na internet mexendo lá e vejo o significado do meu nome, eu não gosto do meu nome. Aí um dia eu pesquisando naquele joguinho, entre para saber o significado do seu nome. Várias vezes eu perguntei: - mamãe não tinha um nome mais feio não? Minha filha foi seu pai quem botou esse nome, aí um dia eu lá pesquisando, encontrei alma generosa né, aí eu disse meu Deus, uma alma generosa, então assim, o que eu quero ser entre as pessoas é generosa, as pessoas precisam de ajuda, as pessoas precisam de amor né? Dessa cooperação, eu acho que nós que somos professoras, educadoras, a gente precisa muito ter amor e ver o que está ao nosso redor. Prestar atenção mais nas dificuldades, nas necessidades. Nós vivemos num momento que as pessoas às vezes correm muito, né? Não tem tempo para elas, e muito menos vai ter para alguém, então esse codinome Generosa é para continuar sendo generosa, se eu já fui generosa ou menos generosa, eu quero ser mais generosa ainda, contribuir mais nessa educação que eu me propus de ser professora, eu não gosto quando a pessoa diz soffressora; eu não me sinto soffressora, eu me sinto uma pessoa que eu estou ali me doando, estou ali para fazer o melhor papel possível. Eu amo quando eu vou passando na rua, ei tia, tia, eu amo isso, essa parte da criança, e aí alunos que já passaram por mim, que estão maiores, é como um dia uma moça me parou e disse: - professora; eu disse: - quem é essa menina? - Eu fui sua aluna na 2ª série. A menina já está com 13 anos, a menina cresceu, esticou e eu não sabia nem quem era a menina. Então assim, isso é muito gratificante, você ser reconhecida, a gente deve ser generosa com as pessoas que estão ao nosso redor, por que cada pessoa por trás um sofrimento, uma dor, que a gente não ver, mas se a gente tratar mal ainda, mais essa pessoa vai sofrer e se tornar um ser humano que não é melhor, então não importa quem está ao meu redor, quem não é bom, que não é bonito, que não é aquilo que eu queria fosse, mas que eu tenho que dar o meu melhor onde eu estiver, então nós temos que ser generosas, então foi por isso que eu escolhi ser a Generosa.

Fada – A minha história por Mocinha é por que a minha mãe só tinha filho homem, eram sete filhos homens e o meu pai não deixava a mamãe parar de ter filhos enquanto não viesse uma mulher e a primeira que veio fui eu, então depois na sequência minha mãe teve mais duas e aí pronto, encerrou; mas eu fui muito esperada por que queria uma filha mulher e apareceu eu e eu fico muito feliz, por isso ficou meu apelido por Mocinha. Nós morávamos no interior, quando meu pai chegou lá em casa, levou minha mãe para a cidade ter neném, que fui eu, e quando chegou à vizinhança já estava todo mundo esperando no caminho, esperando meu pai, perguntando o que era e meu pai calado sem querer responder, muito feliz, inchado de alegria, aí ele disse agora desta vez é uma mulher, e as pessoas falavam: ahhh parabéns!!! Agora é uma mocinha e ficou o apelido. Então por que escolhi o codinome Fada? Passamos por uma experiência muito difícil no período da pandemia. Nós fomos professoras que ministravam aulas na TV e a gente tinha que ser uma fada para a gente tentar amenizar, por que foi um período muito difícil, isso até me emociona muito, me emociona demais por que foi muito difícil, crianças que não tinham condição nenhuma, dados móveis que expiram rápido e naquele momento que era a gravação de aula por 20 minutos, você tinha que dá tudo de melhor de você, para ver se tinha algum proveito pra eles naquele momento tão difícil, e assim eu fico muito emocionada mesmo e também eu já estou para me aposentar, estou passando do tempo, já tenho 26 anos de trabalho, mas eu não quero me aposentar enquanto estiver pelo menos essa turminha, eu quero que Deus me dê tempo de recuperar essa turma desse tempo de 2 anos de pandemia, que é uma turma de 3º ano, que eles pularam o 1º e o 2º ano, que foi a base para ler e eles não tiveram, pularam da educação infantil, no caso na idade de 5 anos, pularam para o 3º ano, então eu e minha colega, nós fizemos e estamos fazendo um trabalho pra gente tentar marcar a vida dessas crianças, por que tanto foi ruim pra nós professores, como foi ruim, pior para eles por que foi terrível e a gente tentar amenizar e a gente se ver como uma fada; e eu quero poder dizer assim, em um momento difícil, deu vontade de desistir, fico triste deles terem pulado da educação infantil, eles queimaram muitas etapas, muitas habilidades não foram desenvolvidas e a gente está trabalhando de forma para adquirir aquelas habilidades do 1º, do 2º e chegar no 3º, para eles chegarem no 4º ano eles não sentirem um impacto maior, então, nós estamos sendo uma fada por que nós temos que produzir muito, tem que ter muita paciência; considerar o momento deles que eles estão, por que ninguém pode forçar, mas também eu não posso recuar por que eles já perderam e eu não vou colocar conteúdos a menos do que eles podem avançar, então me vejo como uma fada, e quando eu me aposentar eu quero ser essa fada na mentezinha deles, que eles vão lembrar que aquela fadinha, ela me ajudou e eles já estão lendo. Eu comprei microfone, coloco aqui no meu celular, incentivo eles a ler, conseguimos uma gaiola literária pra gente está buscando a família, por que a família deixa a criança com o celular, logo não tiveram mais nem trabalho nem de sentar, com filho, o menino mexe no celular e pronto. Então nós fizemos essa gaiola e todo dia essa criança leva essa gaiola para casa para tentar aproximar a família e buscando também a questão da literacia familiar, então nós resgatamos isso aí. Depois os alunos da escola viram os meninos da nossa turma saindo com a gaiola, eles queriam e eu aproveitei e fizemos um projeto, um ofício e levamos para um supermercado aqui da cidade e conseguimos um

carro daqueles de supermercado e transformamos em um carro literário e então foi coisa mesmo assim de mágica pra nós tentarmos dá o gosto pra eles, incentivar, pra eles não sentirem dificuldade também nas outras disciplinas, para ajudar eles a lerem também. Então, eu quero ser essa fada mesmo quando eu me aposentar eu quero aparecer, ser invisível para mim e aparecer para eles (risos). Foi uma experiência e eu me emociono muito com eles e eu não tenho coragem de abandoná-los, pelo menos essa turma eu quero preparar e depois eu me aposento.

Reservada - Meu codinome é Reservada, gosto do que é discreto; procuro não estar constantemente no centro das atenções. No meu trabalho em sala de aula, busco compartilhar conhecimentos a fim de deixar meus alunos mais a vontade, de forma organizada, para criarem estratégias para produção do seu próprio conhecimento. Estabeleço condições de segurança e afetividade em aula para promover o protagonismo nos alunos, descentralizando a condução dos conteúdos de forma verticalizada, para uma didática mais amistosa, leve e participativa, valorizando os saberes discentes. De modo cauteloso e ponderado vou levando a vida, reservada, por que tudo que é assim muito turbulento, de agitação mesmo, me causa desconforto, eu prefiro mais esse momento que estamos aqui, em grupos pequenos, pra mim se encaixa mais no meu ser.

4.1.3 Análise de dados

O tópico em tela objetiva analisar os dados produzidos pelo grupo de coopesquisadoras. Retomando os objetivos previstos desta oficina, considera-se que o primeiro, a saber, -iniciar a aproximação com as coopesquisadoras criando ambiente acolhedor e afetivo para a produção de dados' foi plenamente satisfatório, uma vez que as coopesquisadoras sentiram-se acolhidas pela proponente e a facilitadora. Tendo como foco reflexões e descrições sobre si, procurou-se desenvolver ao máximo o sentimento de pertencimento à classe de mulheres professoras em um momento de formação e de pesquisa. Demoramos bastante no acolhimento bem sucedido para fortalecer nossos laços. A foto a seguir mostra um dos momentos do acolhimento, quando realizamos exercícios de respiração.



Imagem 2 acolhida e relaxamento

Com relação ao segundo objetivo proposto, a saber: –produzir conteúdo autobiográfico/apresentação de si", utilizamos a oficina sociopoética em tela e desde a estratégia da viagem introspectiva e em seguida elaboração de um pseudônimo com o que se coletou sobre si na viagem reuni as mais expressivas impressões sobre o grupo de coopesquisadoras. Nessa busca por investigar o impacto provocado pela pandemia do coronavírus descobri que o interesse não era só meu. Buscando aqui e ali me vi em sintonia com esse grupo de professoras. Mulheres que, de peito aberto, deram sentido ao que viveram durante e após o isolamento social. Criou-se uma rede de apoio de companheiras pesquisadoras desde auto reflexões e de investigação sobre a própria prática docente. Para efeito de análise de dados reúne as seguintes impressões do estudo autobiográfico das coopesquisadoras a partir do texto-afeto a seguir. **ESTA SOU EU OU EU SOU?**

Abri as cortinas. O vendaval havia passado. Nem chuva, nem trovão e nem inundações. Muitas pessoas haviam partido. Aos poucos nos foi permitido sair de nossas casas. Primeiro e por muito tempo com máscaras. Com o avanço da vacinação a população estava mais, muito mais protegida do coronavírus. E certas manhãs puderam sair nos espaços públicos sem máscaras. Voltamos às escolas. Acolhemos e fomos acolhidos na comunidade escolar. Foi o momento certo que encontrei de reencontrar e dar sentido ao que nos aconteceu. Juntei meus sentidos, sensibilidade, coração e escuta e ganhei o mundo em busca de conexões com a vida após uma tempestade de mortes, incertezas e adoecimentos.

Pelas calçadas históricas de Parnaíba, no Piauí, me aproximei do litoral. Cheguei à praia. Ganhei a primeira companhia. A **Praia** foi convidativa. Disse de sua boa energia. Disse que durante a pandemia muitos tiveram dificuldades. Em suas águas não se perdeu familiares, mas relatou ansiedade, mas suas ondas tornaram-se ansiosas. Sabe que não pode acumular lixo, mas pouco faz para expulsar plástico, tampas e canudos. Parece que ainda não consegue fazer essa limpeza sozinha. É uma praia que cuida de si, colabora, soma, relaxa e retira energias negativas daqueles(as) que nela se banham. Mas ela mesma pouco relaxa. Em seguida disse que só pode ajudar o próximo se estiver bem, cuidando de si. Fiquei pensando... Como ela consegue relaxar as pessoas sem relaxar? É uma praia evangélica que acredita na conexão com Deus. Enfrentou noites de tempestades e ventos fortes, mas amanheceu com o sol brilhante, dádiva que delega a Deus e a religião.

Envolvida pela energia gostosa na faixa de areia, nem me dei conta que alguém se aproximava. Depois do convite, aceitou conversar. **Cecília** disse que seu nome remete à sensação de vigor, valentia. Ela acha que emana uma força muito interessante. Desde criança já se imaginava assim, pois aceita tudo que é belo e transmite fortaleza. Cecília é uma pessoa de superação, que tem desafios, mas ainda assim é persistente nas circunstâncias do cotidiano. Tem uma força que impulsiona e sempre tenta mais uma vez.

O vento da manhã foi bastante agradável. Aos poucos o sol surgiu e a **Luz** tomou conta do lugar. Cecília, a Praia e eu sentimos seus efeitos. Nós e a Luz, que também desejou estar junto nesse momento de agrupamento. A Luz foi moldada no tempo. Traduz sua expressão de amor através do serviço, de ajuda em todos os momentos, mesmo que não receba raiz de luz de volta, ela sempre ilumina quem precisa. Acredita que iluminar a família sempre é bom, mas, por vezes, ilumina pessoas erradas. Mas acredita que fez sua parte. Me senti privilegiada pelos raios solares que Luz trouxe para esse momento.

O ambiente de Luz e reflexões, chama atenção de várias pessoas que passam. Uma delas é **Noêmia**, que generosamente decidiu parar para conversar. Noêmia é aquela que valoriza seus antepassados. Forte e Guerreira como a avó. É a que se mantém empoderada apesar dos obstáculos. Uma pessoa a frente de seu tempo, que herda uma sabedoria imensa. Está em busca do autoconhecimento e do autorrespeito. Decidimos caminhar na faixa de areia, Pegada a pegada, sorrisos e contentamento depois de tanto tempo de isolamento. Notamos que duas pessoas caminhavam em nossa direção. Pareciam tão contentes quanto a gente por estarem ao ar livre. Cumprimentamos e decidimos tomar banho de mar. Aquele momento foi brincante e descontraído. Sentamos todas bem próximas à água. Uma das mulheres disse que mora e cuida de sua mãe, que é idosa. Se vê como **Generosa**, cuidada por

outra generosa, sua mãe que cuida dela. Lembrando-se do momento de isolamento social disse que teve momento em que tinha que mandar as dores embora, pedir a cura. Afirmou que as pessoas estão vivendo ainda um momento de muita dor, de muito sofrimento, de muita amargura. Achou que depois da pandemia as pessoas iriam ficar melhores, mas continua observando muita violência, muita amargura no povo. Indagou se seria mesmo generosa, ou se precisava ser mais generosa, porque trabalha com crianças e elas precisam de amor, de carinho e às vezes ela tem que ser generosa com as crianças, por que às vezes, a família também passa por sofrimentos. Relatou algumas de suas dificuldades na qual, quando os seus alunos ficaram afastados da escola e a maioria deles não participavam e não tinham um celular em casa, ou se tinha o aparelho, não tinha internet. Durante o período de afastamento social, foi em agosto de 2020, andar nas ruas com a lista com o nome dos alunos e os endereços, fazer uma busca ativa e entregar atividades escolares impressas para levarem para casa, semanalmente. Não queria que eles ficassem distantes da educação, longe da escola e do contato físico da sala de aula. Por conta também dessas dificuldades, se considera generosa. Outro fato relatado é que as famílias também estavam mal amparadas, mães que chegam à sala contando seus problemas pessoais, logo, mais uma vez tem que ser generosa com aquela mãe, ser pacientes, parar a aula para ouvir o depoimento mãe. Ela considera que é difícil de dizer um não para uma pessoa, mais um motivo de se considerar generosa. Acha que às vezes é muito generosa com os outros e às vezes menos generosa consigo mesma, ponderando que a gente tem que aprender a ter o nosso tempo, a reservar aquele tempinho para se cuidar, por que para ser generosa precisa agir simultaneamente consigo mesma e com o próximo. Então refletiu que quer mesmo é continuar sendo generosa com as pessoas. As pessoas precisam de ajuda, as pessoas precisam de amor, de cooperação, então ela acredita que como professora, educadora, precisa muito ter mais amor e observar melhor o que está ao nosso redor. Prestar atenção mais nas dificuldades, nas necessidades.

A outra mulher é uma **Fada**. Mesmo sendo uma fada passou por uma experiência muito difícil no período da pandemia. Ela participou do quadro de professoras que ministravam aulas na TV e que por ser uma fada tentou amenizar a situação difícil daquele momento e ao mesmo tempo não quebrar o vínculo do estudante com seu aprendizado. As dificuldades daquele momento a emocionou. As crianças não tinham condição nenhuma. Ela está próxima de sua aposentadoria, mas não quer, precisa ainda usar seus dons de fada para vencer a defasagem na aprendizagem das crianças desse período de 2 anos de pandemia, que saltaram várias etapas de aprendizagem e agora estão sentindo dificuldades na leitura e em outras habilidades básicas. Um de seus dons é o resgate das habilidades suprimidas das

crianças e outro é marcar positivamente suas vidas. Sabe que tanto foi ruim para os (as) professores (as), como foi ruim para os discentes e para tentar amenizar esses déficits, ela como fada faz encantamentos educativos e que não quer que os alunos desistam de seus estudos. Outro de seus dons é a paciência, considerar o momento dos (as) discentes, pois ninguém pode forçá-los a estudar, mas também por outro lado, não pode recuar por que eles já perderam bastante e não irá desestimulá-los, colocando conteúdos a menos do que eles podem aprender para avançar. Fada manifesta o desejo de que quando se aposentar quer ser essa fada na mentezinha dos (as) alunos (as), que eles vão lembrar que aquela fadinha, os ajudou e eles já estarão lendo.

Me senti muito à vontade naquele ambiente. Um círculo de confiança e afeto. Decidi também falar sobre mim. Sou a **Reservada** porque gosto do que é discreto e que não busca estar constantemente no centro das atenções. No trabalho prático em sala de aula, compartilho conhecimentos para deixar os alunos (as) mais confortáveis em busca de seus saberes, de forma organizada, para criarem estratégias para produção do seu próprio conhecimento. Estimulo condições de segurança e afetividade em aula para promover o protagonismo nos alunos, descentralizando a condução dos conteúdos de forma verticalizada, para uma didática mais amistosa, leve e participativa, valorizando os saberes dos próprios discentes. De modo cauteloso e ponderado vou conduzindo a vida social e profissional, de forma reservada, por que tudo que é assim muito turbulento, de agitação mesmo, causa desconforto, opto mais por momentos intimistas, em grupos pequenos, pois se encaixa melhor no meu ser.

4.2 Oficina 2 - O Rio da Pandemia

A segunda oficina da presente pesquisa intitulada -O Rio da Pandemia|| contempla as narrativas do ponto de vista pessoal, sensações e emoções que as docentes viveram durante o isolamento social. A seguir o plano de ação desenvolvido para a execução, a descrição do desenvolvimento das ações e a análise dos dados produzidos.

4.2.1 Plano de Oficina

Objetivo:

1. Analisar o que dizem as docentes, por meio de narrativas autobiográficas, acerca do que viveram, do ponto de vista pessoal, no período de pandemia causada pelo coronavírus.

Metodologia:

1. Alongamento
2. Viagem para o Rio da pandemia
3. Produção plástica coletiva do Rio da pandemia
4. Exposição plástica e oral do quadro -O Rio da Pandemia

Recursos: Caixa de som para transmissão de música pelo Bluetooth /celular; canetinhas coloridas grossas, tinta guache para o grupo, tapetes ou mantas para sentar no chão, gravador, folha de papel madeira.

4.2.2 Descrevendo as ações desenvolvidas

A Oficina de produção de dados iniciou com música africana contemporânea. A facilitadora pediu que se posicionasse em círculo e que deixássemos nossos corpos sentirem a melodia. Pediu que nos deixássemos levar pelo embalo da música e emoções. Corpo dialogando com os sons. Em seguida sentamos no centro da sala de costas uma para a outra em formato de círculo. De olhos fechados fomos levadas a fazer uma viagem imaginária.

Com a música de Cabo Verde ao fundo, a facilitadora conduziu a partir das seguintes palavras:

Inspire e expire lenta e profundamente. Imagine-se caminhando daqui para um rio. Esse rio se chama pandemia do covid 19. Como é esse rio do covid 19? Como você o vê? É possível entrar nele? Se entrar nele, o que você sente? Se não entrar, pq não entra? Que lembranças esse rio traz? O que esse rio levou? O que ele trouxe pra você? (Facilitadora).

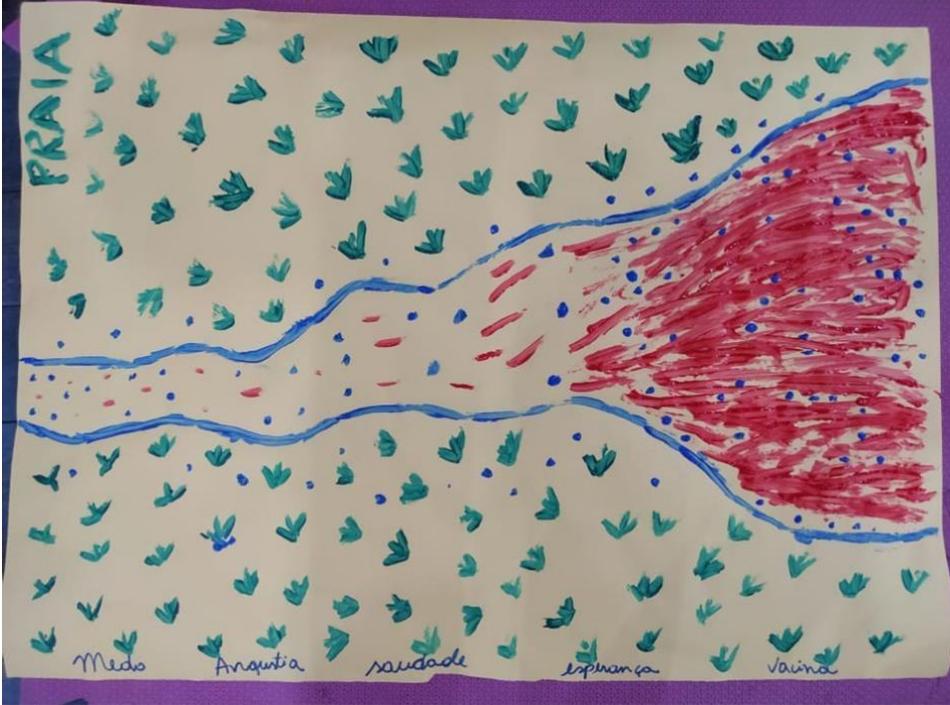


Imagem 3 Formação do círculo e Reflexão

Após os comandos descritos, a facilitadora pediu para que desenhassem em papel madeira e com tinta guache, o que o rio da covid-19 representava na memória de cada uma presente naquele momento. Por fim, expomos nossos quadros, com a representação do rio da pandemia no centro da grande roda, para conversarmos sobre ele. A seguir o quadro com todas as imagens da produção plástica:



Imagem 4 Cartazes representando o -Rio da Pandemia

Pseudônimo	Imagens –O Rio da PandemiaII
Praia	 <p>PRAIA</p> <p>Medo Ansiedade saúde esperança saína</p>
Cecília	 <p>Cecília</p> <p>obsessão, Unisa, tempo, início, re começos</p>

Luz



Noêmia

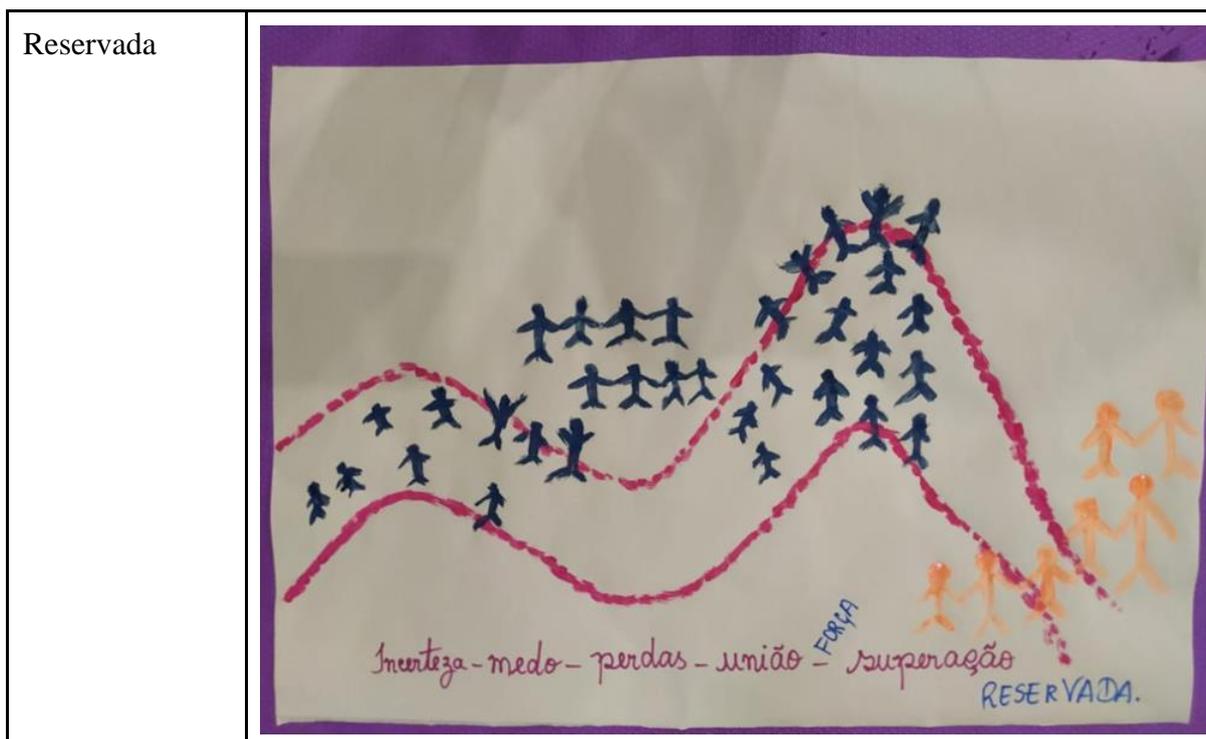


Generosa



Fada





Após montarmos uma instalação artística no chão, discorremos sobre os nossos -Rios da pandemia|| expondo sentimentos, acontecimentos, emoções, perdas, anseios com o advento do tempo pandêmico, que culminou no distanciamento social. Vejamos as narrativas:

Praia – Então, o rio da pandemia que eu desenhei, ele é um rio que tem a parte verde, a parte externa do rio é verde; algumas pessoas na margem do rio e algumas pessoas dentro do rio. Os pontinhos azuis são as pessoas. O que essa geografia representa? Que essa parte vermelha é a quantidade de pessoas que morreram e infelizmente hoje ainda nós estamos em pandemia, ainda podemos observar alguns pontinhos vermelhos nessa parte mais estreita. Tanto a parte larga, como o vermelho é para representar a grande quantidade de pessoas que faleceram por conta dessa pandemia; e sim é possível entrar nesse rio, vários profissionais entraram, várias pessoas contribuindo. Mas, infelizmente tem muita gente que atrapalhou muito, como a divulgação de fake News, muita coisa que atrapalhou. Quando a gente entra, seja qual for a nossa função, seja de informação ou de ajudar. Eu lembro que na pandemia eu fazia supermercado, que na verdade eu sempre fiz, mas no auge da pandemia eu continuei fazendo para a minha mãe, algumas vezes eu pedia para deixar na minha casa para me resguardar, porque tinha essa possibilidade. Então assim, é possível a gente comprar, ter todo um cuidado e tudo, mas a gente ainda sentia medo, muito medo. E o que esse rio levou? Levou muita gente, levou muitos sonhos, levou muitos projetos. E esse rio deixou o que? Muita reflexão, infelizmente muita pessoas não mudou, como a coopesquisadora Generosa falou, era para as pessoas estarem mais humildes hoje, mas infelizmente tem

muita gente que ainda não está. É assim está ainda muito perigoso muito agressivo. As cinco palavras que eu coloquei foram: medo, angústia, saudade, esperança e vacina. O medo, que todo mundo sentiu, muito medo no início, muitas pessoas se sentiram angustiadas, tiveram crise de ansiedade, depressão e essa palavra saudade que



eu coloquei não é saudade da pandemia é saudade das pessoas que se foram, que deixaram filhos, esposas, pais, mães, maridos.

Cecília – Então, aqui no desenho da representação nesse mar da pandemia, ele meio que vem a curva onde ele tem um uma subida, um ápice e uma baixa e ao redor dele com relação a sua geografia, ele inicialmente, ele não é tão verde, tão seguro, ele é muito incerto; e por isso das plantas, essas plantas ciliares, essas mais graminhas que sustentam ele, porque ele não tem essa seguridade de estar tão fixado no local por conta das incertezas, de não saber o que é a doença, como surgiu, como é que faz, como é que o organismo reage e como isso afeta todo o seu desenvolvimento desde a sua expansividade em 2019, alcançando todos os continentes, então é muito nesse sentido essa geografia exposta aqui nesse desenho. É possível entrar nele? É possível, justamente por isso, por essa fragilidade, dessa incerteza, dessas margens expostas, então não tem como não entrar nele, mesmo que não se entre nele, ele está tem essa possibilidade de ser expansivo dele se estender, dele se enlargar e assim possibilitar que as pessoas acessem como de fato aconteceu através da transmissibilidade da doença, do vírus. E ao passo que você entra, sair dele, muitos saíram, outros saíram fortalecidos, no sentido de anticorpos, de experiência, de se cuidar e de levar isso adiante e de certa forma dar o seu relato. Na hora tem que se cuidar, é realmente tudo isso e mais um pouco que a mídia, que a OMS fala. Então, se previna, use máscara; é como a coopesquisadora Praia colocou que o que é de fato, não se apegue às outras coisas já que você já esteve dentro e você conseguiu sair. E o que esse rio levou? Ele levou além das experiências, levou a margem, levou parte do que ele é, da sua história, porque ele atravessa todo um contexto histórico; digamos assim que quem não vivenciou a pandemia, quem não esteve, quem não sentiu parte dela, porque a gente não pode negar que tem muitas pessoas imparciais e alheias, os terraponistas, enfim, que eles não entendem ou não se permitem, mas que sim tudo isso vai atravessar a linha histórica e sim está registrado, assim como foi ditadura, assim como foi outros períodos historicamente falando, vai estar marcado senão pelas experiências, na sobrevivência, vai estar

historicamente marcado. Então ao mesmo tempo em que ele trouxe isso, ele vai deixar essa marca de saudades, de experiências e aprendizados também. E as palavras chaves postas aqui, observação, ou seja, tem que se observar, tem que se analisar, tem que se perceber e aprender com essas atitudes, seja de prevenção, seja de posicionamento, o que que é, o que que não é fake news; dar valor, dar importância para ciência independente das questões religiosas que infelizmente também foram pontos cruciais de controle da doença e disseminação. Uma outra palavra, brisa, no sentido leve da palavra, porque pela contaminação ser por vias aéreas, então dá essa leveza diante de tantas perturbações trazidas por esse rio e as suas complexidades, então brisa mais nesta dualidade, de tanto dá uma aliviada e ao mesmo tempo traz esse meio de contaminação que juntamente com o rio trouxe com relação à doença. Outra palavra, tempo, a gente precisou de tempo e ainda precisamos de mais tempo pra conhecer entre aspas, ter o controle, ter essa aceitação, essa disseminação em termos de pesquisa, de conhecimento de experiência, do que ficou, do que não ficou e como trazer aprendizado disso que é muito importante, que infelizmente nem todos tem essa sensibilidade. Eu sempre costumo dizer que aprendizado e conhecimento não são algo que tu vai apresentar e a pessoa toma para si e leva pra vida, eu acho que tu sensibiliza a pessoa e ela própria constrói, então eu sou muito nesse sentido, e isso demanda tempo, a pessoa se sente sensível a algo e a partir daí ela construir o seu entendimento e assim expressar através do seu conhecimento construído e levar para a vida. Início e recomeços, não necessariamente nessa ordem, mas é mais ou menos nessa linha do tempo. Teve um início, que historicamente falando, essa onda pandêmica da covid-19, mas já existiram outras -covid's, então teve um início, porque esse foi mais sistêmico, mais global, então teve esse alcance em todas essas vertentes, em todo o Globo. E recomeços, porque assim como vidas foram perdidos, pensamentos foram reformuladas, novas ideias foram postas, pesquisas desenvolvidas e conseqüentemente aprendizados; e esses aprendizados eles estão sempre recomeçando, por quê? Porque são pessoas diferentes, são bilhões e bilhões de pessoas e bilhões e bilhões de ideias distintas, elas que em algum momento se entrelaçam sim, mas elas são distintas entre si. Então, é todo um recomeço com relação a essa a essa linha do tempo. E esses dois bonequinhos aqui, eles têm fisionomias distintas também, um está mais sério, mais assim apático, mais inseguro e o outro não, o outro já vê um recomeço. O que trouxe, o que levou com o tempo as coisas tem a melhorar, mesmo tendo seus baixos, seus altos, ele tem uma continuidade e o fato de ter essas graminhas também trazem alusão a isso. E todo reflorestamento, todo recomeço ele sempre começa pelas coisas mais simples, menos complexas e posteriormente ela dá caminho, dá espaço para a

germinação de árvores maiores. Ou seja, dando uma ideia de linha do tempo, complexidade, do início até a sua parte mais complexa, sólida e efetiva.

Luz – Eu fiz o meu rio, mas pensando na minha experiência muito particular com a pandemia. Então ele é tortuoso, todo torto e ele tem momentos diferentes. Então eu fiz esse primeiro momento com várias rochas, com várias ondas, por que foi um momento muito difícil, principalmente o começo. Eu como uma pessoa que tenho muitos problemas respiratórios, muitas doenças, eu imaginei que pegaria com certeza, eu não tinha na minha cabeça que eu não iria pegar e eu fiquei muito assim. E depois em momentos mais de calma e tortuosa de novo, de calma novamente, essa é a geografia dele, dividido em momentos. É possível entrar



nele? É, por que, um exemplo, meu marido não pode parar de trabalhar, não pode ficar em casa, ele tem que trabalhar e ele trabalha com pessoas que não estão nem aí para a pandemia, então ele não pode parar de trabalhar; tanto que ele pegou covid três vezes antes da vacina e ele não podia sair, ele tinha que ficar lá em casa, então eu fiquei em contato, só que graças a Deus eu não peguei nenhuma vez então é possível entrar nele, até por que não só ele, mas muitos colegas de trabalho dele, as pessoas da área da saúde que estavam ali diariamente lutando e buscando ajudar outras pessoas e até ajudar pessoas que a gente pensava no primeiro momento, como a gente deve ajudar? Pessoas que não estão nem aí para a pandemia, que não acreditam, disseminam fake News, mas que também foram ajudadas em algum momento. Ao entrar, o que sente? Sente muito medo, medo de perder os pais, medo de perder os familiares; o que aconteceu, eu perdi alguns familiares, ainda mais quando você mora longe, como eu moro distante dos meus pais e o medo deles, e um novo medo se instalou, não só de perder, mas um medo assim...vai que meus pais não acreditam na vacina, ou não acreditam na pandemia e graças a Deus isso não aconteceu comigo, mas eu sei de muitos pais, de pessoas que não acreditam, que saíam, que não quiseram tomar a vacina. O que esse rio levou? Levou muitas vidas, não só as pessoas que faleceram infelizmente, mas também levou muitos projetos de vida, eu acredito, muitas coisas que as pessoas planejavam não puderam acontecer, muitas coisas que a gente, pelo menos eu planejava não pude fazer devido a covid; até hoje não fiz com medo da covid. E o que esse rio deixou? Eu acho que para mim ele deixou uma ansiedade, mas ele também me deixou formas de controlar, aí foi o que eu quis colocar aqui do lado. Então, as plantas foram coisas que eu fui desenvolvendo que no primeiro momento pode parecer bobagem, mas que foram coisas que realmente me ajudaram efetivamente, eu comecei a plantar e isso me aproximou também da minha mãe, que ela tinha, coisas que me deixou mais proximidade com a

família, com pai, com mãe com os entes queridos realmente. Certo que muitos relacionamentos acabaram, mas muitos também se fortaleceram nesse período, essa força. Eu coloquei um gato aqui que é meu filho, ele que dá minha sanidade mental, ele é responsável por isso, é meu filho e vai vim outro agora, (risos). As minhas palavras chaves foram: conforto, justamente pensando nisso, coisas que eu busquei para me confortar e



que me ajudaram; muito medo, acho que o medo é geral, todo mundo sentiu muito medo de perder, de morrer; tempo, eu coloquei tempo, por que as vezes eu paro e penso assim: meu Deus foram dois anos, dois anos, dois anos da nossas vidas que a gente ficou em casa e com medo, o medo de ter que sair, o medo de ver meu marido ter que ir trabalhar, é um medo que eu vivo até hoje, por que a gente não sabe. A questão da família, por que eu acho que nesse momento, para as famílias que se mantiveram unidas, a família foi o porto seguro mesmo de várias pessoas e o amor, o amor dessa família, o amor desses relacionamentos, de amizades também e do gato também.

Noêmia – Sobre a geografia do desenho, quando eu e outra qualquer um de vocês visualizamos o rio da pandemia, a gente pode fazer uma imagem assim de 180 graus, como a gente vê tudo isso? a priori o que que nós tínhamos, um rio no seu curso normal, com sua mata ciliar, eu coloquei alta no sentido, de uma ideia de que estava tudo dentro daquilo que tudo sabia, a gente vivia uma rotina que até então, que pra gente era considerado, do próprio cotidiano, bem normalizado, que a gente era acostumada, alguns percalços nesse início, mas nada que a gente não saberia lhe dá, e aí é sim possível entrar nesse rio, até mesmo por que esse rio não perguntou, professora Rebeca eu posso entrar? Não, ele veio como uma onda e quando a gente se espanta a gente estava ali dentro, e no primeiro momento trouxe um choque, meu Deus o que é isso? É preciso realmente de tudo isso? e aquilo foi tomando uma proporção, começou lá do outro lado do mundo e foi se aproximando, da Ásia para Europa, da Europa para América, chegou em São Paulo, os primeiros casos aqui em Parnaíba, foram 6 casos, eu lembro disso no dia, quando foi notificado e aí veio aquele choque, aquela porrada, bem assim forte, e agente começou assim ficar com medo, já chegou e já foi nos trazendo muitos medos, receios, ansiedade. Não saber como se portar, cada um trazer para a sua particularidade; quem tem doença ficou com um pouco de mais medo, eu tenho doença autoimune, meu esposo tem obesidade e a gente tem um filho que depende da gente 100% por ter necessidades especiais e agentes ficou meio assim, a gente combinou a gente não pode ficar doente junto, como se a gente tivesse controle, tanto é que a gente ficou doente no mesmo período, nós dois tivemos covid, nós não éramos vacinados, ele pegou na rede privada; ele é

professor tanto na rede privado, na rede privada ele estava, teve um momento que foi liberado a aula e ele foi contaminado na escola, trouxe para casa, trouxe para mim e para o meu cunhado, que na época morava com a gente e agente se viu nessa situação. Mas um dos principais baques, que eu até frisei aqui nessa trajetória, foi quanto ao número que a gente via no noticiário, que a gente recebia no whatsapp, quando aquele número de mortos começou a se tornar de pessoas conhecidas. Uma das primeiras mortes que teve aqui em Parnaíba foi de um professor, ele foi professor substituto do meu esposo quando ele fazia Inglês na UESPI, ele era diretor do centro de Línguas, eu não tinha nenhuma proximidade com o professor, mas o meu marido tinha, então a gente sentiu o baque muito forte. Ele por aluno, por ser um colega de trabalho; como a gente chegou aqui, a gente pode não se conhecer de nome, mas a gente se conhece de alguma formação, oi professora, tudo bem? é uma pessoa próxima. Então, esse rio começou a ficar turbulento, cheio de pedras, em baixo que a gente não ver, mas as pedras estão ali e esses pinguinhos vermelhos foram esse número de mortes e isso não ficou apenas no rio, mas respingou nas suas margens; tanto é que as margens começaram a ser pintadas também de atropelos, de mortes, de pessoas conhecidas, problemas emocionais, desemprego, separação, ansiedade, enfim, todas essas questões que acabaram permeando nosso dia-a-dia. Quando a gente se espantou, a gente estava em meio a um verdadeiro caos, um caos de dor, sofrimento, inquietações. A professora iniciou a formação hoje, o encontro falando que a gente está vivendo o futuro e a gente estava com medo realmente do amanhã. Quando o telefone tocava a gente ficava receoso; ai meu Deus o que será que aconteceu? Então, esse rio levou o nosso sossego, a nossa paz de espírito, levou muita coisa e como levou, tipo um tsunami, vem aquela onda forte e depois sai arrastando, mas também nos deixou algo, nos deixou esses aprendizados, de valorizarmos os momentos em família, o valor de cada dia, o valor da nossa família, de está sempre próximo, unida, preocupada; por mais que nós não estivéssemos ali todos os dias, a chamada de vídeo acontecia, como está aí? As próprias colegas da escola. Minha gente sente falta. Eu tenho um grupinho de amigas, todas professoras. Minha gente sente tanta falta de vocês, vamos pelo menos conversar aqui mesmo. As nossas atualizações eram pelas redes sociais e a gente valorizou coisas que lá naquela nossa rotina elas não eram valorizadas e depois dessa percepção, dessa caída de fixa, eu acho que a gente passar por toda essa trajetória, nos deu, inclusive a última palavra que eu trouxe aqui foi a esperança que foi uma materializada, tanto na forma de máscara, em forma de vacina, em forma de cuidado. Por exemplo, meu filho está dentro do espectro autista, e ele não utilizava máscara de jeito nenhum no começo, então foi uma adaptação para ele também. Então, acredito que tudo isso veio a culminar, esse fato que é a pandemia. Talvez os mais novos hoje olhem para trás, não tenham a percepção, a magnitude de tudo que representou e representa esse momento. Então, quando está aqui os dois personagens, eu e mais outra pessoa, quando a gente se ver de fora, a gente consegue ver todo esse início, este percurso, nas ondas, essa turbulência, mas a gente já consegue ver ali uma esperança, que era para ser um trevo de quatro folhas, que ficou parecendo cacto, mas essa esperança de nos fazer progredir e acreditar na gente como seres humanos. As palavras chaves eu já falei delas em toda a minha trajetória, mas elas estão aqui: choque, caos, dor, sofrimento e finalizo sempre com essa esperança de que dias melhores sempre virão.

Generosa – Então, como é o rio da pandemia na sua geografia? O rio da pandemia foi um rio de muito medo, de muito pavor. Por que eu dei aula em uma sexta-feira para as crianças como se tudo tivesse normal, que é rio azul aqui do meu desenho.



Estava tudo muito lindo, tudo muito normal e quando foi na segunda-feira a gente recebeu um comunicado dizendo que não poderia ir mais pra escola, que tudo iria fechar, que todo mundo tinha que ficar em casa, por isso que eu desenhei todo mundo dentro de casa. Alguns olhando pela janela com a vontade de sair, mas não podia, com aquela tristeza, com aquele medo e com aquela interrogação: o que está acontecendo? Será que isso tudo é verdade? Será que isso é um sonho? A gente ficou pensando que teria dormido e quando tivesse acordado, estava sonhando, mas quando acordasse tudo voltaria ao normal. De repente o medo que veio depois, que foi esse rio escuro, tudo escureceu; ninguém conseguiu entender nada, ver nada, é como se a gente tivesse numa escuridão profundo, aí vem esses bichinhos aqui, que é a covid-19, e a gente ficou sem saber quem era esse vírus, como era esse vírus, o que, que ele iria fazer com a gente, o que ele iria fazer com nossas crianças da escola, com os nossos familiares. Então, o rio da pandemia é possível entrar, porque nós somos humanos e estamos no mundo, vivemos em grupo. Como era que a gente iria viver separada? Então, a gente tinha que ter coragem de entrar, e a gente não iria ficar de fora porque estamos no mundo. E foi com nossa amiga que falou, foi globalizado, foi no mundo inteiro, não tinha como a gente ficar de fora. Não tinha como eu dizer assim: ah não estou nem aí, eu tinha que estar dentro, eu tinha que entrar e enfrentar. Enfrentar o medo, enfrentar o vírus, enfrentar as incertezas e aquilo que a gente não conhecia. O que a gente sentiu? Medo, a gente sentiu pavor, a gente se perguntou muito se aquilo realmente era real, era uma brincadeira ou era um sonho, era uma mentira. E como a nossa colega falou, teve muitas fake News, a gente ligava o nosso celular e era tanta coisa. Vimos tanto depoimento dizendo que era só uma gripezinha, e que a gente deveria tomar só água que ficava bom, e a gente fez essas besteirinhas, eu acredito que alguém fez, eu também fiz. E o que esse rio levou? Levou quase tudo que a gente tinha naquele momento, alegria de viver os nossos sonhos, nossos projetos, que a gente estava projetando para o nosso futuro. Ficamos com medo, será que amanhã eu acordo e estou viva? Levou tudo que a gente tinha, a gente ficou desarmada, a gente ficou apavorada, eu fiquei apavorada eu fiquei apavorada de não acordar, de não ver mais aqueles alunos, de não ver mais a minha mãe, minha família e meus amigos. Saía na porta da rua olhava aqui para os meus vizinhos, e o que mais me entristeceu foi eu não poder abraçar uma pessoa, eu tinha tanta tristeza por isso; de uma pessoa se aproximar e eu só encostar o cotovelo no outro; isso foi

muito novo para nós. A gente não sabia o valor que um abraço tinha, mas um abraço é valoroso demais, um aperto de mão, a gente ficou apavorada. Tínhamos medo de pegar o vírus até no celular. Então, o que esse rio deixou? Muita tristeza, porque a gente passou por todo esse sofrimento, era um sofrimento grande. Meu irmão pegou covid, foi o primeiro da família que pegou, em maio de 2020, e para mim foi assim pavoroso, porque eu iria deixar comida para ele, eu botava no portão e me distanciava. Ele iria pegar a comida e eu saía. Um dia ele veio me entregar à vasilha e eu disse não, ficar com ela aí, quando você ficar bom você devolve. Levou tudo que a gente tinha nossas alegrias, os nossos sonhos. Esse rio veio em um momento e deixou a gente mesmo desarmada, sem chão. Levou alguns familiares, levou alguns amigos, eu perdi um primo e perdi amigos tão jovens, era uma pessoa que já era cheia de comorbidades, mas muito novo, e mesmo assim eu achava que não seria daquele jeito. Então foi isso, ele levou muitas coisas, nos deixou muitas incertezas, mas também nos deixou um legado, que a gente precisa viver, que a gente precisa do outro, porque quando a gente se viu sozinho ali, a gente ficou apavorada. Meu Deus, como é que eu vejo uma amiga e eu não posso mais dar um abraço nela? Quando eu fui em agosto com a coopesquisadora Fada fazer a busca ativa, eu só via era menino saindo de dentro das loquinhos deles, que eram as casinhas deles para abraçar a gente. Olha o medo que eu ficava, mas eu deixei os meninos me abraçar. Gente, eu fiquei apavorada, mas eu deixei eles me abraçarem. Eu cheguei em casa, eu tive que lavar a roupa, tive que tomar banho; me senti igual aqueles políticos que na época de campanha recebem abraço e aperto de mão e quando chega em casa toma banho de álcool, me senti aqueles políticos. Mas nos deixou a certeza que a gente precisa ser melhor, que a gente precisa acreditar na ciência, eu coloquei aqui alguns caixões, que foram as pessoas que morreram. Esse rio vermelho foi as tristezas e as mortes que foram assim por etapa. O rio era azul, ficou escuro e depois ficou vermelho com muitas mortes e muitos caixões, o vírus; as pessoas trancadas dentro das suas casas. A primeira esperança que veio foi a máscara. As minhas cinco palavras: o medo, que foi no início, a tristeza do que estava acontecendo, do que a gente não poderia fazer e resolver. Ninguém sabia o que era a doença, nem os médicos, que estudam exclusivamente isso, eles não sabiam como lidar com a situação; cada um usou um método. Teve uns que usou os próprios métodos, da cabeça deles, e juntava um remédio com outro e

dava se desse certo bem e se não desse morria, e foi assim. Então, foi muita tristeza. E depois aqueles que se foram nos deixaram muita saudade. E a primeira esperança foi a gente usar a máscara para se proteger e a última palavra que foi vitória, que foi a vitória da vacina, que está desenhada aqui; vitória que a gente



venceu, a gente não venceu por completo, mas a gente venceu nosso medo, as nossas frustrações, venceu a saudade, a tristeza. Todas essas palavras se resumem nesta vitória, mas porque acima de nós tem uma pessoa que é maior do que tudo, que é Deus, e que sem Ele a gente não teria vencido. Esse rio nos trouxe muita tristeza, mas no final a vitória. A certeza que podemos ser pessoas melhores, que podemos ajudar e que unindo as forças, a gente vence tudo que vem, a gente está preparado, mais forte para as próximas que virão, porque a gente sabe que virão muitas pandemias.

Fada – Sobre o meu desenho, esse aqui é um monstro, o monstro da pandemia, que ele foi um monstro, assustou todo mundo, principalmente as crianças e aqui volto a repetir, sou eu, aqui é minha colega (coopesquisadora Generosa), aqui nossos pezinhos, perto dos meninos também, as crianças. Alí eu comeci, estou me referindo ao local onde nós trabalhamos na nossa comunidade. Então este rio representa a nossa comunidade. No campo da saúde, enquanto eles estavam cuidando, fazendo de tudo para salvar vidas, nós nos preocupamos em salvar os meninos que estavam assustados, com medo, e a nossa preocupação foi: tem gente cuidando lá na saúde, o que nós podemos fazer? Então nós juntamos e pensamos então nós estávamos com medo do monstro da pandemia, mas nós enfrentamos o monstro, enfrentamos, seguramos na mão uma da outra e nós fomos para o rio que era a comunidade com as crianças escondidinhas dentro de casa, outros não tinham medo. Como a gente mora perto de um campo aberto, tinha deles que passava o dia soltando pipa, e eu fiquei pensando: engraçado que as mães não deixam as crianças irem à escola, mas na verdade não eram nem as mães, por que por elas, muitas queriam que fossem para a escola, são os decretos, a lei que estava proibindo essas crianças irem, mas tem algumas crianças que passava o dia todo soltando pipa, lá não tinha medo não, de nada. Então, aquilo ali, me encheu assim, eu e a coopesquisadora Generosa; pensamos assim: se eles podem soltar pipa, por que a gente pode fazer para a gente ir buscar esses alunos ou para eles, ou a gente poder oferecer algo que eles tenham mais acesso. Então, Deus usou como

instrumento, veio o projeto das aulas na tv, onde Deus deu uma iluminada e levou nós duas, eu e a cooepesquisadora Noêmia, e essas aulas na tv, e aí eu pensava: vou ter que levar algo que chame, e eu busquei para o lado das historinhas, como contadora de histórias, e naqueles livros, os textos que tinham nos livros, por que as aulas eram só de Língua Portuguesa e Matemática, então eu procurava aqueles textos, procurava levar o possível real para eles, e eu levava recursos para que aquela aula ficasse bem atraente para eles. Então, nesse rio que é a comunidade, onde estão às crianças lá, e aqui eu e a copesquisadora Generosa, aqui o monstro, eu tinha fé, por que eu tinha fé que o pessoal da saúde fazendo a parte deles e a fé em Deus, que tudo iria passar, e nessa fé que iria passar a esperança, era a nossa esperança que tudo iria passar, mas ao mesmo tempo, será que vai passar? Está passando o tempo, passando o tempo, e isso para a cabeça de uma criança que ele não compreende, que até os pais tinham medo de explicar o que é a pandemia, a criança nem sabia o que era a pandemia. Então, tinha ele como um monstro era o medo, a pandemia era um monstro para eles, que eles não sabiam nem o que, que era e aquilo dava aquela incerteza e eles perguntavam: tia não vai ter mais aula não? Aquela incerteza, a esperança, mas ao mesmo tempo não tinha aquela esperança, mas a fé alimentava aquela esperança, tinha aquela angústia, aquela vontade de querer voltar, mas segurando na fé, e no final a gente teve agora a certeza de que tudo passa a certeza que nós podemos sim correr atrás do prejuízo. Que prejuízo é esse? O que eu posso fazer para que essa criança desenvolva essas habilidades que foram queimadas nesse período dessa pandemia, desse monstro da pandemia, que até o psicológico deles afetou. Que estratégia eu vou usar na minha sala de aula para eu não espantar mais, para eu tentar trazer, então me agarrei nisso, na certeza e na fé, e na certeza que eu posso sim fazer algo. E está voltando aos poucos, agora que eles ficaram mais firmes, mas no começo estavam meio temerosos ainda. Então, a pandemia, eu desenhei que ela foi um monstro principalmente para as crianças. Até hoje tem crianças que voltou para a sala de aula, passou esse período de dois anos, mas ele não soube nem o que, que foi mesmo isso aí, e tem adultos também que não sabe nem por que motivo foi. O que nós sentimos como professor também? Tenso, muito tenso para passar até segurança para os alunos e nós também estávamos tensos, abalados, mas nós tivemos que segurar com a certeza que nós podemos sim. É possível sim entrar nesse rio, com certeza, e ao entrar nele, sente-se o medo, a incerteza, mas a coragem também e ao sair dele a gente ver que a gente pode

sim fazer a diferença e nós saímos com sol ardendo na pele para a gente resgatar essas crianças lá dentro do rio que era a comunidade, uma comunidade onde ela é totalmente vulnerável, por que tem muitas bocas de fumo, criança que a mãe bebe, então é triste. E esse rio levou uma mudança até para mim, para acreditar em mim. Levou as habilidades que eles deveriam ter desenvolvido na idade certa. Esse rio deixou muitos prejuízos.

Reservada – Então, sobre o rio da pandemia, quais foram às lembranças? As incertezas? As dúvidas? O que foi que esse período, esse tempo, esse rio causaram na minha vida, na vida das pessoas à minha volta, no que eu pude estar presente nesse momento? Eu coloquei aqui também, a primeira cor que eu peguei foi o vermelho, por que o vermelho ele traz essa lembrança do choro, da tristeza, da morte, então a primeira lembrança veio o vermelho. Depois eu fiz as ondas, quando estava no início, bem no início, algumas pessoas ali na incerteza, naquela insegurança, a gente não tinha muita informação, foi tudo muito novo, e foi todo mundo pego de surpresa. Então, tanto na nossa vida pessoal quanto profissional, social, familiar, foi tudo muito difícil, muito novo e a gente não sabia como lidar com esse momento. Uma das fases mais difíceis foi aquela no início da pandemia, onde a gente perdeu pessoas da família, e a gente começou a ver muita gente morrendo pelo mesmo motivo e a gente querendo saber como sair desse rio; e eu coloquei aqui no início a primeira onda, algumas pessoas querendo sair sem poder, pedindo ajuda e ao mesmo tempo a gente não percebe aqui a ajuda assim a princípio, justamente por causa dessa incerteza, insegurança. As pessoas estavam sem direcionamento, sem ter aquela conexão, e a única coisa que a gente poderia fazer mesmo era se isolar, por que naquele primeiro momento, pensávamos o que fazer? Era ficar dentro de casa e aí foi desenvolvendo nas pessoas muitas angústias, depressões, familiares que quase morreram, não foi nem pela pandemia, mas quase morreram de outras doenças, das consequências psicológicas, da

própria depressão, dentre outras. Então, teve o momento da união, quando ocorreu uma baixa no número de casos. Eu fiz esse rio com altos e baixos, com picos; porque no tempo da calma que a gente foi tentando entender um pouquinho o que estava acontecendo, eu desenhei como se

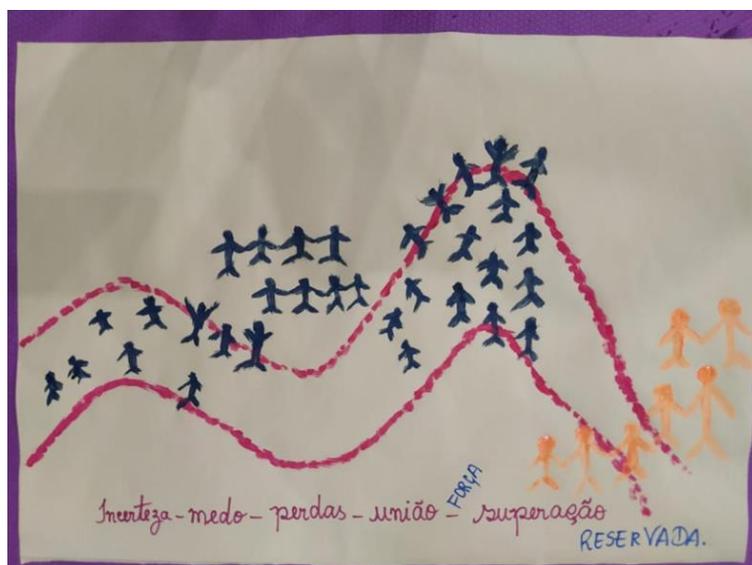


fosse diminuir aquela quantidade de ocorrências da doença e começou a surgir a união, a força entre as pessoas. Mas depois veio o outro pico maior, e que arrastou muito mais pessoas. É possível entrar nesse rio? É possível, muita gente entrou, mas a gente entra também no rio, a gente entra nas situações da

nossa vida e elas nos servem como um aprendizado também, e dá para tirar muito aprendizado desse momento; dos momentos bons e dos momentos ruins a gente aprende, e podemos utilizar isso daí para modificar nossas vidas, para sermos diferentes e para quem sabe no futuro caso venha acontecer algo parecido, a gente já

consegue se sair melhor. O que esse rio levou? Ele levou a alegria de muitas pessoas, ele levou a vida de muitas pessoas. E o que ele deixou? Ele deixou um aprendizado, deixou saudade não daquele momento porque foi um momento triste, saudade das pessoas que se foram, e no final, depois do nosso retorno, na nossa saída desse rio, quando o rio está ali na -baixa maré,

está diminuindo, eu consigo ver nesse final, um pouco de união, eu consigo ver a força das pessoas, eu consigo ver gente, algumas, por que a gente não pode generalizar, mas eu consigo ver gente unida, segurando na mão do outro para tentar se ajudar, para tentar sair mais forte de todo esse caos, que foi causado aqui na vida de todo mundo. E as palavras: no início a incerteza, o medo com certeza, muitas perdas, vem a união aqui pelo meio e depois no final vem a superação. Eu encaixei uma palavra que está fora das cinco, eu coloquei a força, por que a união e superação, elas vêm com a força entre as pessoas. Se eu consigo me unir a alguém, a um par, eu consigo superar, eu consigo fazer dessa força uma superação para que a gente possa se sair melhor deste rio.



4.2.3 Análise de dados

O procedimento de análise de dados da oficina se deu da forma em que a sociopoética se utiliza de análise filosófica, buscando ressonância entre a filosofia produzida pelo grupo de coepesquisadoras com os (as) pesquisadores de profissão com dados que ecoam em nossas produções.

Nessa análise realizou-se uma leitura atenta das narrativas autobiográficas das participantes considerando o objetivo específico de pesquisa impressos na oficina, a saber: -Analisar o que dizem as docentes, a partir de narrativas autobiográficas, acerca do que viveram no período de pandemia causada pelo coronavírus.

Um conceito significativo proposto nesta oficina foi o **Rio da Pandemia**. Esse conceito nos revela o olhar das coepesquisadoras sobre o que é a pandemia para elas a partir

da associação metafórica do processo pandêmico com um rio. Reservada fez o rio de vermelho, associado ao medo daquele momento. Ela argumenta:

-[...] por que o vermelho ele traz essa lembrança do choro, da tristeza, da morte. [...] Depois eu fiz as ondas, quando estava no início, bem no início, algumas pessoas ali na incerteza, naquela insegurança, a gente não tinha muita informação [...] teve o momento da união, da baixa. Eu fiz esse rio com altos e baixos, com picos.¶

Para Generosa, a cor azul do rio denota o estado normal da escola. Com a pandemia, o rio ganhou tonalidade escura. O tom vermelho, que assim como para Reservada simboliza a morte, bem como tristeza, também aparece na produção de Generosa.

-O rio da pandemia foi um rio de muito medo, de muito pavor [...] eu dei aula em uma sexta-feira [...] como se tudo tivesse normal, que é rio azul [...] Estava tudo muito lindo [...] na segunda-feira [...] não poderia ir mais pra escola, que tudo iria fechar, que todo mundo tinha que ficar em casa [...] o medo que veio depois, que foi esse rio escuro, tudo escureceu [...] Esse rio vermelho foi às tristezas e as mortes.¶

Para Noêmia, o rio ganhou ondas que o deixaram turbulento até se transformar em um tsunami que arrastou tudo. Além de pedras escondidas aumentando os riscos de encontrar os pingos de morte de cor vermelha.

-ele veio como uma onda [...] esse rio começou a ficar turbulento cheio de pedras, em baixo que a gente não ver, mas as pedras estão ali e esses pontinhos vermelhos foram esse número de mortes e isso não ficou apenas no rio, mas respingou nas suas margens; tanto é que as margens começaram a ser pintadas também de atropelos [...] tipo um tsunami, vem aquela onda forte e depois sai arrastandol.

Para Luz a pandemia é como um rio tortuoso com rochas e ondas denotando os momentos difíceis da época, que alternam com momentos de menos dificuldades.

-Então ele é tortuoso, todo torto e ele tem momentos diferentes. Então eu fiz esse primeiro momento com várias rochas, com várias ondas, por que foi um momento muito difícil, principalmente o começo [...] E depois em momentos mais de calma e tortuosos de novo, de calma novamente,

Para a Praia, algumas pessoas conseguiram ficar na pandemia numa espécie de zona verde menos perigosa. Outras entraram numa zona mais alargada e avermelhada, onde a pandemia se tornou mais perigosa e letal. Mais uma interpretação das cores como sinais de perigo ou de segurança. De vida e de morte.

-[...] é um rio que tem a parte verde, a parte externa do rio é verde; algumas pessoas na margem do rio e algumas pessoas dentro do rio. Os pontinhos azuis são as pessoas [...] essa parte vermelha é a quantidade de pessoas que morreram [...] Tanto a parte larga como o vermelho é a grande quantidade de pessoas que faleceram

Fada é a única coopesquisadora que não associa a pandemia a um rio. Para ela a pandemia é algo diferente; um monstro.

-[...] esse aqui é um monstro, o monstro da pandemia, que [...] assustou todo mundo, principalmente as crianças. O rio representa a comunidade no pensamento de Fada: "Este rio representa a nossa comunidade [...] uma comunidade onde ela é totalmente vulnerável, por que têm muitas bocas de fumo, criança que a mãe bebe, então é triste [...] Levou as habilidades que eles deveriam ter desenvolvido na idade certa.

A oficina Rio da Pandemia revelou os olhares das coopesquisadoras sobre a pandemia causada pelo vírus covid-19. Percebe-se que se destaca a pandemia como um rio de águas escuras, turbulentas, com pedras e cheio de perigos. Percebe-se também que o rio contém pessoas mortas, mas também pessoas que conseguiram entrar e sair vivas das águas perigosas. A pandemia também foi associada a um monstro terrível, no mesmo diapasão da metáfora do rio. O olhar das coopesquisadoras revela o aspecto sombrio dos tempos de isolamento social, afetando vários campos da vida. Notadamente a incerteza, o afetamento da saúde mental. Neste sentido, o sofrimento mental dos professores, compreendido por meio de um conjunto de manifestações do corpo e da psique, como estresse, ansiedade, depressão e fadiga, estamos nos dirigindo ao que seria a introdução da expressão contemporânea *mal-estar docente* (TOSTES et al., 2018).

No decorrer do desenvolvimento desta segunda oficina que trata sobre produção plástica coletiva do Rio da pandemia, os relatos e dados produzidos na mesma, anunciaram um destaque para abordarmos a categoria o que as coopesquisadoras fizeram no contexto pandêmico de isolamento. Nesse panorama desta temática, Fada revela que:

-No campo da saúde, enquanto eles estavam cuidando, fazendo de tudo para salvar vidas, nós nos preocupamos em salvar os meninos que estavam

assustados, com medo, e a nossa preocupação foi: tem gente cuidando lá na saúde, o que nós podemos fazer? Então nos juntamos e pensamos. Nós estávamos com medo do monstro da pandemia, mas nós enfrentamos o monstro.

A pressão pelo isolamento social, por parte do poder público, dado o avanço da pandemia, obrigou as pessoas a se isolarem, como afirma Reservada:

-A única coisa que a gente poderia fazer mesmo era se trancar, se isolar.

Em outro diapasão, houve quem, depois de um tempo, desafiando o vírus, se viu motivada a criar estratégias pedagógicas capazes de amenizar o impacto negativo do isolamento social.

-[...] e aí eu pensava: vou ter que levar algo que chame, e eu busquei para o lado das historinhas, como contadora de histórias, e naqueles livros, os textos que tinham nos livros, por que as aulas eram só de Língua Portuguesa e Matemática, então eu procurava aqueles textos, procurava levar o possível real para eles, e eu levava recursos para que aquela aula ficasse bem atraente para eles.

Há quem dividisse as angústias com colegas de trabalho e se aventurasse acolhendo e sendo acolhida por alunos em pleno isolamento, mesmo em meio ao medo.

-[...]eu fui em agosto com a coopesquisadora Fada fazer a busca ativa[...] eu via menino saindo de dentro das [...] casinhas deles para abraçar a gente. Olha o medo que eu ficava, mas eu deixei os meninos me abraçar. Gente, eu fiquei apavorada, mas eu deixei eles me abraçar.

A categoria –o que as coopesquisadoras fizeram no contexto pandêmico, revela mais uma vez a situação de medo, mas ao mesmo tempo de sensação de responsabilidade com os rumos da aprendizagem dos alunos, arriscando a própria segurança em prol de alguma mobilização em função da aprendizagem.

Conforme a UNESCO, –a queda na aprendizagem poderá alastrar-se por mais de uma década se não forem criadas políticas públicas que invistam em melhorias de infraestrutura, tecnologias, formação, metodologias e salários, além do reforço para o melhor aproveitamento do tempo, tutoria fora do horário usual das aulas e material adicional, quando possível (UNESCO, 2020).

No decorrer das ideias emitidas pelas coopesquisadoras, podemos dar ênfase para a categoria solidariedade, que se destacou como elemento positivo em meio a vários relatos de tristeza e incertezas vividas naquele tempo pandêmico. Fada destacou que:

-Seguramos na mão uma da outra.

Depois de um tempo de dúvidas e angústias, é possível renovar a esperança, unindo-se com os pares, para o fortalecimento conjunto, na perseguição de dias melhores. Nesse ínterim, Reservada comenta:

-eu consigo ver gente unida, segurando na mão do outro para tentar se ajudar.

Embora tivéssemos em um tempo de incertezas e distanciamento, cada pessoa a seu modo, buscava colaborar com o próximo, na tentativa de união e assistência mútua, inclusive referenciando os profissionais da saúde. Luz relembra que:

(...) as pessoas da área da saúde que estavam ali diariamente lutando e buscando ajudar outras pessoas e até ajudando pessoas que a gente pensava no primeiro momento, como a gente deve ajudar?

O sentimento de solidariedade estimula o ser humano a se importar com o sofrimento do próximo e, principalmente, oferecer ajuda para suavizar o problema, em direção à uma sociedade mais justa. No contexto da solidariedade, Generosa manifestou-se:

(...) a certeza que podemos ser pessoas melhores, que podemos ajudar e que unindo as forças, a gente vence tudo que vem, a gente está preparado, mais forte para as próximas que virão, porque a gente sabe que virão muitas pandemias.

A categoria –solidariedade¹¹ revela também um sentimento de compaixão que provoca no ser humano a sensibilidade de colocar-nos no lugar do outro para experimentar o sofrimento dele (a) e também, não diferente, sua alegria e suas vitórias.

Neste entendimento, Maia e Dias (2020) expressam que é importante cuidar da saúde mental, pois ela está intimamente ligada à saúde física como um todo. Os mesmos autores ainda relatam que a duração prolongada do confinamento, a falta de contato pessoal com os colegas de classe, o medo de ser infectada, a falta de espaço em casa – torna o estudante menos ativo fisicamente do que se estivesse na escola.

Estimular a solidariedade, a resiliência e a continuidade das relações sociais entre educadores e alunos nesse período é fundamental, pois ajuda a minorar o impacto psicológico negativo da pandemia nos estudantes. Agora, importa prevenir e reduzir os níveis elevados de ansiedade, de depressão e de estresse que o confinamento provoca nos estudantes em quarentena.

Outra categoria que foi trazida para a discussão se refere à **ação governamental** que foi desenvolvida para professores (as) de Parnaíba - Piauí para mitigar os *déficits* de aprendizagem dos (as) alunos (as) ocorridos durante o isolamento social. A esse respeito, Fada acrescentou que teve protagonismo para a otimização das aulas.

[...] Veio o projeto das aulas na tv, onde Deus deu uma iluminada e levou nós duas, eu e a coopesquisadora Noêmia a essas aulas na tv.

Tal relato mencionado pela coopesquisadora acima, revira diversas ações, além de diversas discussões, como trazida por Melo (2022), onde em torno das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) e suas relações sociais sugerem, na prática docente, que sua apropriação e incorporação nos processos educativos auxiliando e motivam mais a participação do aluno, elevando seu alcance que anteriormente se restringia ao uso do computador, internet, DVD, Datashow, por exemplo. No ano de 2020, o Brasil e todos os brasileiros, tivemos uma necessidade emergencial de usar mais recursos midiáticos e tecnológicos em aulas remotas, uma vez que a proposta inicial para a continuidade do ensino foi à transmissão em sua totalidade fosse online. Em contrapartida, o novo Ensino Remoto Emergencial (ERE), segue o viés de propostas para que a educação caminhe de forma a oportunizar a autonomia do ensino e aprendizagem, priorizando o (a) discente como sujeito ativo juntamente com seu (sua) professor (a), desenvolvendo uma rede de construção de conhecimento, coerente às necessidades e expectativas da vida real destes alunos, por meio da promoção de recursos tecnológicos e midiáticos que auxiliam e facilitam o acesso à educação e expandem o conhecimento.

De forma complementar, Tornaghi comenta:

A realidade do mundo, na atualidade, requer um novo perfil de profissional e de cidadão que coloca para a escola novos desafios. Encontramos, no cotidiano, situações que demandam o uso de novas tecnologias e que provocam transformações na nossa maneira de pensar e de nos relacionar com as pessoas, com os objetos e com o mundo ao redor. (TORNAGHI et., al, 2010, p. 36).

A **fé** em tempos de pandemia foi outro conceito encontrado no relato das coopesquisadoras. No período da pandemia da covid-19, em meio a momentos de imprevisão e instabilidade emocional, os profissionais da educação dedicaram também seu tempo para reflexões e espiritualidade. A oração, a fé e a esperança ganhavam mais espaço na tentativa de acalmar os ânimos e controlar a ansiedade.

A coopesquisadora Fada mencionou:

[...] -eu tinha fé, por que eu tinha fé que o pessoal da saúde fazendo a parte deles e a fé em Deus, que tudo iria passarl.

A fé e a esperança são como alívio que visam tranquilidade frente a um inimigo que não se vê que pode ser letal e que as pessoas lutam para combater. As experiências vividas por todos (as) naquele instante, direciona-nos, a saber, que o medo é natural e que a fé promove chances de conforto mental e espiritual em busca de encontrar o caminho para a paz.

O afastamento social ocasionado pela pandemia da covid-19 agravou mais ainda a diferença entre estudantes que já tinham bastantes dificuldades de assimilar e aprender a diversidade de conteúdos. Os **prejuízos** na qualidade do aprendizado durante a pandemia é uma categoria de análise que esteve presente nas discussões durante esta oficina.

Deste modo, Fada se revela na seguinte fala:

-Que prejuízo é essell? O que eu posso fazer para que essa criança desenvolva essas habilidades que foram queimadas nesse período dessa pandemia, desse monstro da pandemia, que até o psicológico deles afetou? Que estratégia eu vou usar na minha sala de aula para eu não espantar mais? Então me agarrei nisso, na certeza e na fé, e na certeza que eu posso sim fazer algo!

Os prejuízos na esfera educacional durante o período de distanciamento social por conta da pandemia da Covid-19, demonstraram vários efeitos negativos tanto na aprendizagem dos (as) alunos (as) como também em questões emocionais de cada indivíduo e famílias envolvidas. Nessa perspectiva de pensamento, Nascimento et., al, (2020) comenta que:

A dificuldade em estudar durante o período da pandemia pode ser uma fonte de ampliação da desigualdade no futuro. Estudantes que não puderam estudar durante esse período estariam em desvantagem em relação àqueles que puderam ter acesso ao ensino remoto. As consequências negativas do afastamento das escolas podem ser ampliadas uma vez que, os estudantes mais afetados são aqueles que já se encontram em desvantagens de oportunidades por conta de condições econômicas e sociais piores do que as de alunos com acesso ao ensino remoto. (NASCIMENTO, p. 16, 2020).

Neste contexto percebemos os impactos negativos no aprendizado dos (as) estudantes no isolamento social, principalmente, pela dificuldade de acompanhar os estudos através do ensino remoto, diminuindo as chances de alcançar as habilidades educativas básicas daquela faixa etária.

Podemos destacar também que a ansiedade, o medo, a tristeza, a angústia, a saudade, foram alguns dos principais sentimentos negativos descritos pelas coopesquisadoras durante a pandemia de coronavírus e que também causaram impactos prejudiciais no processo de aprendizado.

A respeito dos **Sentimentos** provocados no contexto pandêmico de isolamento social, Fada revelou o seguinte:

-O que nós sentimos como professor também? Tenso, muito tenso para passar até segurança para os alunos e nós também estávamos tensos, abalados!.

Mais uma vez Fada menciona:

-Nós nos preocupamos em salvar os meninos que estavam assustados, com medo. [...] fomos para o rio que era a comunidade com as crianças escondidinhas dentro de casa, outros não tinham medo. [...] tinha deles que passavam o dia soltando pipa!.

Luz comenta o que sentiu no decorrer da pandemia:

-[...] muito medo, medo de perder os pais, medo de perder os familiares!;

E ainda...

-ele deixou uma ansiedade [...] muito medo, acho que o medo é geral, todo mundo sentiu muito medo de perder, de morrer [...] é um medo que eu vivo até hoje.

Na memória de Praia, ela descreve:

-[...] no auge da pandemia eu continuei fazendo (supermercado) para a minha mãe, algumas vezes eu pedia para deixar na minha casa para me resguardar!.

A coopesquisadora Praia continua suas memórias:

-[...] a gente ainda sentia medo, muito medo [...] saudade das pessoas que se foram, que deixaram filhos, esposas, pais, mães, maridos.

Sobre o sentimento despertado, Reservada comenta:

-[...] foi tudo muito difícil, muito novo e a gente não sabia como lidar com esse momento [...]

Reservada continua:

-[...] foi desenvolvendo muitas angústias, depressões||

A coopesquisadora Generosa também traz suas lembranças deste período na seguinte fala:

-Alguns olhando pela janela com a vontade de sair, mas não podia, com aquela tristeza, com aquele medo[...] a gente ficou apavorada[...] me entristeceu foi eu não poder abraçar uma pessoa[...] só encostar o cotovelo no outro||

Os sentimentos rememorados pela coopesquisadora Noêmia revelam que:

"No primeiro momento trouxe um choque [...] aquela porrada, bem assim forte, e agente começou assim ficar com medo, já chegou e já foi nos trazendo muitos medos, receios, ansiedade[...] [...]||a esperança que foi materializada na forma de máscara [...] de vacina[...] e de cuidado.

No desenvolvimento desta oficina, em meio às expressões de sentimentos rememorados e relatados, trouxemos à baila a discussão sobre **o que a pandemia levou?**

Diante deste questionamento, as coopesquisadoras demonstraram seus pontos de vista, a respeito deste tema e fizeram as seguintes narrativas:

Praia -Levou muita gente, levou muitos sonhos, levou muitos projetos||.

Cecília -Levou além das experiências, levou a margem, levou parte do que ele é, da sua história, porque ele atravessa todo um contexto histórico||.

Luz -Levou muitas vidas [...] levou muitos projetos de vida||.

Noêmia: -esse rio levou o nosso sossego, a nossa paz de espírito||.

Generosa: -Levou quase tudo [...] alegria de viver os nossos sonhos, nossos projetos [...] alguns familiares, levou alguns amigos. Muita tristeza [...] incerteza||.

Fada: -Levou uma mudança até para mim, para acreditar em mim. Levou as habilidades que eles deveriam ter desenvolvidos na idade certa||.

Reservada -Levou a alegria de muitas pessoas, ele levou a vida de muitas pessoas||.

A educação já sofria com sua fragilidade, e a difusão da pandemia da COVID-19, trouxe inúmeras mudanças causam repercussões, direta ou indiretamente, em toda a organização social e geram impactos significativos na saúde de todos.

Para Tostes et., al. (2018) os sistemas educativos são forçados a uma reforma em decorrência das diversas reformulações no mundo do trabalho provocadas pelas crises na esfera econômica. Segundo Zaidan e Galvão:

Professoras e professores experimentaram uma mudança brusca em suas rotinas, que se caracteriza pela penetração insidiosa do trabalho em todos os espaços e momentos de seu cotidiano, não importando que seus empregadores (o governo ou os donos de escola) não lhes tenham garantido estrutura para o tele trabalho (ZAIDAN; GALVÃO, 2020, p. 264).

No que tange à necessidade e importância de adaptação ao novo cenário pandêmico, destaca-se a relevância de indagar quais os **aprendizados** puderam ser abstraídos pelas coopesquisadoras, diante de todo este período de incerteza, medo, saudades e conturbação no campo emocional, social e profissional. Na sequência, apresento as manifestações das coopesquisadoras em estudo:

Praia: -Muita reflexão||.

Generosa: -[...]nos deixou um legado, que a gente precisa viver, precisa do outro [...]a certeza que a gente precisa ser melhor, que a gente precisa acreditar na ciência.

Reservada: -deixou um aprendizado [...] a união [...] a força das pessoas||

Noêmia: -nos deixou esses aprendizados, de valorizarmos os momentos em família, o valor de cada dia, o valor da nossa família, de está sempre próximo, unida, preocupada||;

Luz: -deixou formas de controlar, aí foi o que eu quis colocar aqui do lado. Então, as plantas foram coisas que eu fui desenvolvendo que no primeiro momento pode parecer bobagem, mas que foram coisas que realmente me ajudaram efetivamente, eu comecei a plantar e isso me aproximou também da minha mãe, que ela tinha, coisas que me deixou mais proximidade com a família, com pai, com mãe com os entes queridos realmente.

Cecília: -outros saíram fortalecidos, no sentido de anticorpos, de experiência, de se cuidar e de levar isso adiante e de certa forma dar o seu relato [...] tem que se perceber e aprender com essas atitudes, seja de prevenção, seja de posicionamento, o que, que é, o que que não é fake News; dar valor, dar

importância para ciência independente das questões religiosas que infelizmente também foram pontos cruciais de controle da doença e disseminação [...] pensamentos foram reformulados, novas ideias foram postas, pesquisas desenvolvidas e conseqüentemente aprendizados.

Ao finalizar esta oficina, percebemos que quando se coloca em discussão os sentimentos e lembranças desses (as) profissionais sobre o rio da pandemia, o que ele deixou, o que a pandemia levou e o que ficou de aprendizado neste período, conseguimos perceber que apesar do medo da doença, medo da morte, sentimento de insegurança e vulnerabilidade em meio a um momento de incertezas e demais sentimentos de angústia e tristezas, com o passar do tempo e com a dedicação e compromisso para com a educação, os (as) profissionais conseguiram superar os maiores obstáculos, enfrentando com coragem os -monstros da pandemia que assustavam a todos (as). Sendo assim, o objetivo desta oficina foi alcançado por que foi possível analisar o que disseram as docentes acerca do que viveram do ponto de vista pessoal, no período de pandemia causada pelo coronavírus.

4.3 Oficina 3 - Ações de Ensino no Isolamento e Após Isolamento Social por Seres Mutantes

A terceira oficina da presente pesquisa intitulada -Ações de Ensino no Isolamento e Após Isolamento Social por Seres Mutantes| retrata as atividades pedagógicas que foram conduzidas pelas coopesquisadoras durante e pós-afastamento social ocasionado pela Covid-19. Na sequência temos o plano de ação desenvolvido para a execução, a descrição do desenvolvimento das ações e a análise dos dados produzidos.

4.3.1 Plano de Oficina

Objetivos:

1. Elencar e refletir sobre as ações pedagógicas que foram desenvolvidas pelas docentes no período de isolamento social e após isolamento social causado pelo coronavírus.
2. Produzir conteúdo autobiográfico.

Metodologia:

1ª fase da técnica

1. Massagem em grupo ao som de música;
2. Produção com massinha de modelar criando personagens para os pseudônimos elaborados na oficina I;

3. Viagem imaginária dos personagens modelados de massinha ao rio da pandemia.
4. Transformação dos personagens modelados em seres mutantes devido ao contato com o rio da pandemia.
5. Questionamentos sobre o ensino destes seres mutantes no contexto do isolamento social causado pela pandemia do covid-19.

2ª fase da técnica

6. Viagem dos seres mutantes ao mundo pós-isolamento social.
7. Questionamentos sobre o ensino destes seres mutantes no contexto do pós isolamento social causado pela pandemia do covid-19.

Recursos: massinha de modelar, tatames, música, hidratante corporal.

4.3.2 Descrevendo as ações desenvolvidas na primeira fase da técnica.

Na primeira fase da técnica a facilitadora pediu que as participantes fizessem massagem uma nas outras com ajuda de creme hidratante, na tentativa de relaxar as mãos.



Imagem 5 Massagem relaxante coletiva

Após esse momento de distensão em que as coopesquisadoras aplicaram massagens nas mãos entre si, voltamos ao centro de pesquisa com os cartazes e recebeu-se orientação para se esculpir personagens que simbolizam nossos pseudônimos com massa de modelar. Logo após, a facilitadora fez um convite para as personagens fazerem uma viagem imaginária ao rio da pandemia. A facilitadora conduziu o momento da seguinte forma:

—A partir desse momento sua personagem é capturada por uma bolha. Ela flutua no ar dentro desta bolha por algum tempo. Perde a noção de quanto tempo ficou na bolha flutuando. Em determinado momento a bolha se rompe e

a personagem cai no rio da pandemia. O contato com a água pandêmica torna a sua personagem um ser mutante. Após esta mutação causada pelo contato com o rio da pandemia o seu ser passa a criar estratégias de ensino mutantes, Nesse instante algumas perguntas serão feitas sobre estas estratégias: Como é seu ser mutante? Que elementos esse ser recebeu para se tornar mutante na pandemia? Como foi esse ensino ministrado no Isolamento social por esse ser mutante? Que técnicas foram utilizadas no ensino mutante? Que recursos se utilizou? Quais dificuldades surgiram? Teve algo bom no ensino de mutante? Teve alguma metodologia ativa?‘‘

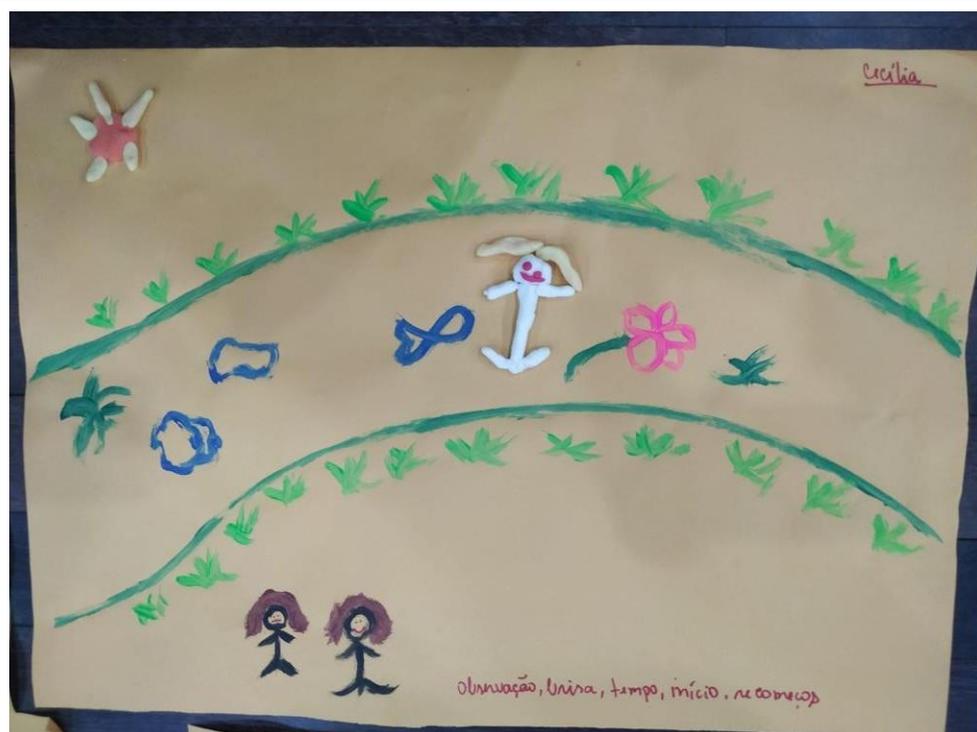
A seguir o quadro com as imagens do rio da pandemia com os personagens em massinha de modelar:

Pseudônimo	Personagem Representativo do Pseudônimo
Generosa	

Noêmia



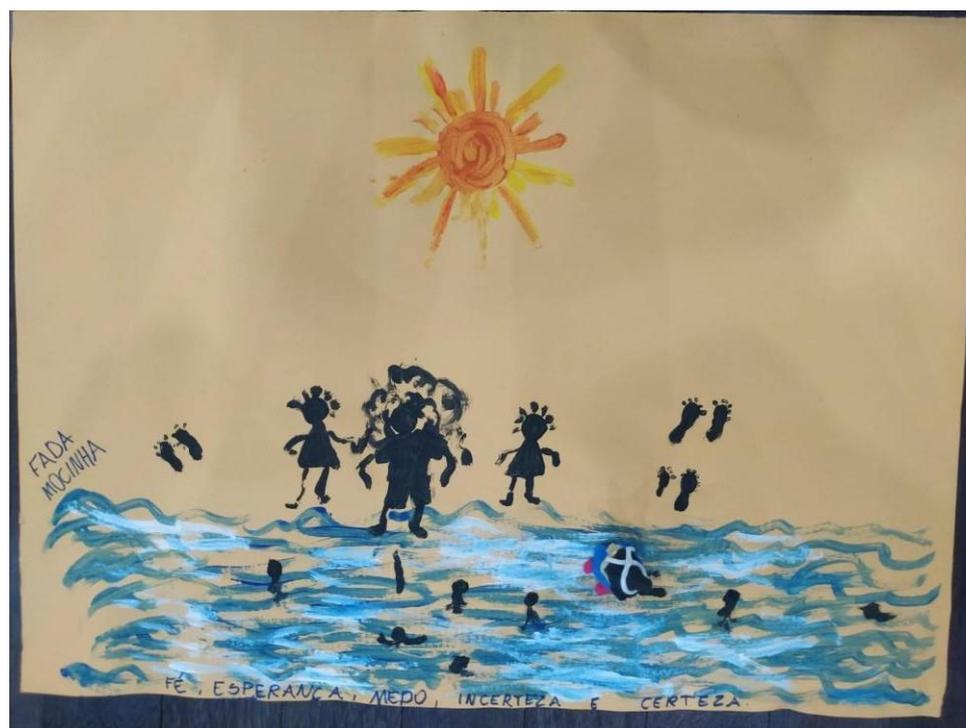
Cecília



Luz



Fada



Reservada



As indagações realizadas para as coopesquisadoras na primeira fase da técnica resultaram nos seguintes relatos em torno das ações pedagógicas desenvolvidas pelo grupo no contexto do isolamento social, a saber.

Como é seu ser mutante?

Praia – Mudou a questão de olhar o aluno de forma diferente, de olhar as limitações, as dificuldades, então não só focar na questão do conteúdo, o conteúdo é importante sim, mas nós precisamos acolher aquele aluno também. Então precisamos dar um olhar diferenciado para aquele aluno. Para cada aluno tem que ter um olhar diferenciado.

Cecília – mudou que esse professor ele tem um olhar mais voltado para o contexto, ele não é o indivíduo, não faz parte do sistema, mas além do sistema a qual ele é está envolto ele tem o seu próprio contexto, sua própria realidade, ele não é uma página em branco, tem toda essa sua bagagem, e ela deve ser levada em consideração no processo de aprendizagem.

Luz: Mudou a coragem, a coragem de ir lá e fazer e a vontade ficou mais forte durante a pandemia.

Noêmia – mudou a capacidade de se adaptar a uma nova realidade. Uma professora camaleoa, adaptativa, não sabia o que vinha pela frente e mesmo assim procurava buscava-se qualificar.

Generosa – mudou a forma de trabalhar, buscar mais recursos, buscar mais ferramentas para trabalhar o novo.

Fada – Mudou para uma professora de coragem.

Reservada – muitos aprendizados novos; aprendizados inclusive na área tecnológica, na didática de trabalhar de forma distanciada dos alunos.

Que elementos esse ser recebeu para se tornar mutante na pandemia?

Praia – Coração, um pouco maior do que o normal, para representar a questão da sensibilidade com os alunos, mostrando que nós precisamos ter empatia, acolher melhor esses alunos.

Cecília – ferramenta de pesca e lavoura representando a realidade dos alunos. Ter esse tocante com relação à realidade do aluno.

Luz – um escudo, mas uma força.

Noêmia – capa de super herói, mas não no sentido de uma mudança de uma hora para outra, no sentido de se revestir de novos poderes, de novas habilidades para conduzir seus trabalhos.

Generosa – computador, que é mais uma ferramenta de trabalho, por que foi o que mais nós utilizamos, foi a tecnologia do computador, do celular, essas ferramentas de tecnologias que utilizamos para avançar nas aulas.

Fada – coração, porque aumentou o amor, esperança e fé.

Reservada – o cérebro, que aprendeu novas metodologias, novos trabalhos através das tecnologias.

Como foi esse ensino de mutante do isolamento social?

Praia – entusiasmado e de forma leve. Entusiasmo no quesito de quando eu iria avaliar um trabalho, procurava também sempre colocar o aluno para cima, falando que o trabalho dele estava muito bom, que ele estava fazendo um excelente trabalho, continue assim. A forma da leveza, que os pontos que ele precisava melhorar, eu procurava encontrar as palavras certas para chamar a atenção dele, de forma leve.

Cecília – esse ensino mutante levou em consideração muito a própria realidade e as próprias experiências e vivências. Ou seja, não só levar o conteúdo, mas também exemplificar com a própria realidade e tentar contextualizar, por exemplo: o ensino de microrganismo, de o aluno ir lá e falar que ele pegou que ele sentiu o cheiro ou de algum alimento que ele consumiu derivado daquilo.

Luz – Foi difícil e desafiador, mas ao mesmo tempo eu acredito que ficou muita gratidão, por que mesmo com todos os problemas conseguiu-se fazer um trabalho ainda assim.

Noêmia – desafiador inicialmente, por que fugia daqueles moldes que nós estávamos acostumados e também exigiu tanto do professor quanto do aluno certa parceria, afinal de contas nós precisaríamos dessa troca durante todo o processo.

Generosa – Foi um grande desafio, mas foi uma questão de nos preocupar de fazermos algo que chamasse atenção daquelas crianças naquele momento, que a gente tivesse transmitido pelo celular, pelo computador algo que eles ficassem ali durante aquele tempo, então foi mesmo usar a tecnologia da melhor forma possível.

Fada – Tive que me adaptar ao novo e buscar coisas novas para levar para as crianças, porque era uma nova realidade.

Reservada – através das tecnologias da comunicação e da informação. Nós desenvolvemos nos alunos o ensino ativo, no qual o aluno também participa desse processo de aprendizagem.

Que técnicas foram utilizadas no ensino mutante?

Praia – Foram utilizadas as aulas online pelo Google meet, só que as aulas tinham que ser diferenciadas, tinha que fazê-las mais enxuta, por que os alunos não queriam ficar muito tempo assistindo aula; a aula fica enfadonha, cansativa; as aulas tinham que ser mais pontuais.

Cecília – Foi através de aulas on-line; também foi utilizada ramificação envolvendo práticas cotidianas que tanto eles poderiam fazer virtualmente e vivenciar, assim como também através de vídeo aulas e eles também elaboraram através de vídeo experimentos, colocando em prática com o que eles tinham de recurso em casa, colocando na prática a parte teórica anteriormente apresentada.

Luz – Na internet, tivemos que mudar a internet como lazer que era e mostrar como é que ela pode ser usada também para a educação. Então, a internet foi utilizada para pesquisa de aulas on-line, livros e sites educacionais.

Noêmia – De forma macro, o ensinar como pesquisa, fazer com que o aluno busque, mas também dentro das atividades propostas de sala de aula invertida, ramificação, até mesmo não apenas para cumprir o objetivo da aula, mas essa aproximação entre pais e filhos, envolver a família, já que era quem estava próximo, acredito que essas foram as principais metodologias utilizadas nesse período.

Generosa – mudança de tecnologia com a utilização do Whatsapp. Foi utilizado o celular pelo aplicativo Whatsapp, que é uma coisa que as crianças gostam muito de brincar, de mexer, de jogar. Então, foi utilizado o celular com imagens, músicas, joguinhos que passávamos para eles fazerem, para que eles tivessem acesso à tecnologia e gostasse do que estava fazendo durante a aula.

Fada – as aulas na TV.

Reservada – a técnica das metodologias ativas, a técnica do aprender fazendo, aquela que o aluno vai à busca do seu próprio conhecimento, ele que busca, pesquisa, estuda com antecedência para que ele seja o protagonista do seu próprio saber.

Que recursos no ensino mutante?

Praia – pelo google meet, WhatsApp e materiais que elaboramos.

Cecília – WhatsApp, google meet, alguns vídeos do YouTube e apostilas.

Luz – livro didático e WhatsApp.

Noêmia – WhatsApp, aulas televisionadas e apostilas que nós elaborávamos, e que os responsáveis pelas crianças buscavam e deixavam na escola.

Generosa – o livro didático e o Whatsapp.

Fada – aulas na TV.

Reservada – Whatsapp.

Quais as dificuldades no ensino mutante?

Praia – o tempo que tinha que ser bem curto e internet ruim.

Cecília – a conectividade, e pelo fato deles estarem em casa tem toda aquela influência dos pais se metendo, chamando-os, deles se conectarem e permanecerem de fato ali, não somente conectados naquele momento e fazendo inúmeras outras coisas, conectados cognitivamente falando.

Luz – o acesso a internet que muitos não tinham, não tinham as vezes nem celular para assistir as aulas e também a atenção, porque dentro de casa é muito mais difícil manter a atenção do que dentro da sala de aula.

Noêmia – o retorno do aluno seja por problemas de internet, problema de aparelho, de está ali ouvindo, assistindo às aulas.

Generosa – o tempo, o tempo de ministrar a aula no Whatsapp e segurar os alunos durante aquele tempo, tinha uns que entravam e saíam logo por que não tinham paciência de ficar assistindo a aula, e outra dificuldade foi o retorno das atividades.

Fada – muitas famílias tinham apenas um único celular, e às vezes as famílias eram numerosas, o pai levava para o trabalho, e a mãe e a criança o esperava chegar à noite para poder fazer as atividades e usavam os dados móveis que a mãe comprava e que expirava muito rápido e não tinham internet wi-fi, então essa foi a maior dificuldade.

Reservada – o acesso à internet que alguns alunos não tinham e aquele controle de aula, porque nem sempre os alunos estavam no horário da aula e querem mais flexibilidade.

Teve algo de bom no ensino mutante?

Praia – sim, o aprendizado tanto para alunos quanto para professores de novas habilidades com relação à internet e programas.

Cecília – Sim, essa disponibilidade para investimento de capacitação de novas metodologias, inclusive em termo de internet, isso foi de grande importância de ambas as partes, tanto para os alunos que antes usava a internet para lazer, passou a utilizar para estudos e os nós professores nessa mesma linha de utilização.

Luz – teve sim, quando a gente pensa em uma nova forma de fazer, aprender uma nova forma de ensinar na realidade.

Noêmia – sim, teve coisa boa, tanto para professor quanto para aluno, acredito que o professor aprendeu muita coisa, vários conhecimentos novos e para os alunos também, eu acredito que eles valorizaram mais o ambiente escolar, a relação com o professor, com os próprios colegas, acredita que valorizam hoje bem mais do que valorizavam no período anterior ao isolamento.

Generosa – Sim, o professor teve que aprender, se reinventar e dar conta do recado, que foi bastante difícil, e também a questão de se disciplinar tanto os professores quanto os alunos naquele horário, largar tudo e fazer o que tinha que fazer que era ir para aula.

Fada – superação, passamos pela dificuldade, mas deu tudo certo no final.

Reservada – sim, teve ganho, por que eles aprenderam também, mesmo que tenha sido pouco por causa da distância, mas essa nova forma de ensinar é um aprendizado. Muito foi perdido, mas nós conseguimos ter mesmo que tenha sido pouco, mas tivemos contato com o aluno, nós não ficamos completamente afastados, eles tiveram contato conosco e não foram 100% perdido.

Você trabalhou com metodologias ativas no ensino mutante?

Praia – sim, discussão de trabalhos em grupos.

Cecília – sim, a ramificação e contextualização dos problemas com a família.

Luz – sim, aprendizagem baseada em projetos e estudo de caso.

Noêmia – sim, estudo de caso.

Generosa – sim, aprendizagem com a utilização de pesquisas.

Fada – sim, aplicando literatura familiar.

Reservada – sim, aprendizagem baseada em problemas.

4.3.3 Análise de dados da 1ª fase da técnica

A análise dos dados produzidos na primeira fase da oficina consiste em refletirmos em torno das ações pedagógicas desenvolvidas pelo grupo no contexto do isolamento social, informações fundamentais para o estudo. A primeira questão teve o propósito de saber que mudanças o isolamento social causou nas docentes. Em linhas gerais, o que mudou de acordo com o relato das coopesquisadoras foi à questão de –olhar|| do aluno diante dos conteúdos pode ser diferente, a partir de suas limitações, suas dificuldades, não só focar na questão do conteúdo, mas de modo abrangente e acolhedor, o docente precisa deduzir que o (a) professor (a) está inserido (a) em um contexto, com sua própria realidade, o (a) mesmo (a) não é uma página em branco, tem toda sua –bagagem||, e ela deve ser levada em consideração no processo de aprendizagem.

A coragem de ir, enfrentar e fazer as coisas com vontade e firmeza ficou mais evidente durante a pandemia. Nesse viés, constata-se a capacidade do(a) docente de se adaptar a uma nova realidade, buscando sempre por novas maneiras de qualificação, com novas formas de trabalhar, com mais recursos e mais ferramentas para o novo trabalho.

No tocante aos elementos que o novo ser (docente) recebeu para se tornar mutante na pandemia, destaca-se o coração, porque aumentou o amor, esperança e a fé, um pouco maior do que o normal, para representar a sensibilidade dos alunos, mostrando que é preciso ter empatia e acolhimento uns com os outros. Após o processo de mutação no decorrer da pandemia, os (as) professores (as) ganharam uma –capa de super herói||, no sentido de encobrir as fraquezas e desenvolver com novos poderes e de novas habilidades para conduzir seus trabalhos. Essa ideia remete à lembrança de um escudo protetor com uma grande força. Outros elementos que tiveram maior destaque no período pandêmico foram o computador e o celular, como mais uma alternativa de ferramentas de trabalho para avançar nas aulas. Frente a esses realces, a parte cognitiva do cérebro pode representar como uma nova figura que expresse um aperfeiçoamento intelectual, aprendido dentro das novas metodologias e novos trabalhos através das tecnologias digitais.

Sobre o ensino mutante do isolamento social, o entusiasmo e o incentivo para motivar os(as) aprendentes surgiram de forma leve, apontando o que eles(elas) precisavam melhorar. O ensino mutante levou em consideração muito a própria realidade e as próprias experiências e vivências; não só levar o conteúdo pronto e acabado para a sala de aula, mas exemplificar e contextualizar são algo desafiador durante o ensino mutante na pandemia foi difícil e desafiador, mas ao mesmo tempo carregado de gratidão.

Através dos conhecimentos adquiridos no período de formação e capacitação as tecnologias da comunicação vêm como algo a mais a ser usado como informação a ser usada para com os (as) alunos (as) o ensino ativo, no qual o (a) mesmo (a) também participa desse processo de aprendizagem. Nesse sentido, Carvalho et., al (2021) cita que:

Considerando que, para ensinar às novas gerações, as escolas precisam inovar e se adaptar à realidade dos jovens, essas metodologias devem fazer parte da sua cultura, tornando indispensável inserir a tecnologia educacional em seu serviço. Mesmo antes do isolamento social, a modalidade de ensino que priorizam a autonomia e o uso de recursos digitais para tornar a participação dos alunos mais ativa já são consideradas essenciais para gerar uma aprendizagem mais significativa e eficaz. (CARVALHO; et., al, 2021, p. 04)

O que se exigiu tanto do (a) professor (a) quanto do (a) aluno (a) certa parceria, afinal de contas, era importante essa troca durante todo o processo. Também foi um processo de adaptação ao novo e buscar coisas novas para levar para as crianças, porque era uma nova realidade.

As principais técnicas utilizadas no ensino remoto foram às aulas online, usadas pelo Google meet ou pelo aplicativo de whatsapp, no qual as crianças assistiam as aulas ao vivo pelo link ou gravada pelas professoras, alguns alunos acompanhados por responsável e outros sozinhos, por essa plataforma era possível envolver os alunos em atividades por aplicativos, onde era possível brincar, de mexer, de jogar, interagir com imagens, músicas, joguinhos e também criar aulas mais diferenciadas, tinha que fazê-las mais enxuta, por que os (as) alunos (as) não conseguiam se concentrar muito tempo assistindo aula pela tela. As outras didáticas utilizadas foram desenvolvidas através dos arquivos em pdf enviado aos pais ou para aqueles que não tinham acesso a tecnologia, poderiam buscar na escola as atividades impressas, sem esquecer-se dos demais experimentos do cotidiano-, unindo a prática à parte teórica anteriormente apresentada em sala de aula. Neste entendimento, por vezes a internet também era utilizada como lazer para demonstrar que é possível aprender de forma lúdica, porém seguindo um direcionamento previamente planejado. De acordo com Bezerra (2022):

Nesse período, alunos e professores tiveram de se adaptar a práticas remotas — basicamente efetuadas por meio de computadores, celulares e tablets — ou semipresenciais. Valeram-se também de atividades "apostiláveis", que é quando o material de estudos, juntamente com as instruções para a execução de deveres, é entregue aos alunos na escola, mas trabalhando em casa (BEZERRA, 2022, p.1)

Para enfatizar a utilização de recursos no ensino mutante, encontramos durante a pesquisa de campo que as aulas foram ministradas principalmente pelo aplicativo de Whatsapp e Google meet, livro didático, aulas televisionadas e materiais apostilados que foram elaborados e impressos, no qual os(as) responsáveis pelas crianças buscavam e deixavam na escola para feedback.

De forma macro, o ensinar como pesquisa, faz com que o aluno busque construir seu próprio conhecimento, mas também dentro das atividades propostas de sala de aula invertida e ramificação, não apenas para cumprir o objetivo da aula, mas para aproximação entre pais e filhos, envolver a família, já que era quem estava mais próximo. Outras técnicas utilizadas foram às aulas transmitidas pela Tv local da cidade. Enfim as técnicas de metodologias ativas estimula o aprender fazendo, em que o (a) aluno (a) vai à busca do seu próprio conhecimento, ele (a) que busca pesquisa, estuda com antecedência para que seja o protagonista do seu próprio saber.

No decurso do relato das coopesquisadoras, encontramos como dificuldades no ensino mutante o tempo de ministrar a aula no Whatsapp e –segurar a atenção dos (as) alunos (as) durante aquele tempo. Tinha uns (umas) que entravam e saíam logo, por que não tinham paciência de ficar assistindo a aula, esse tempo tinha que ser bem curto; a conectividade de internet ruim, muitas vezes também a falta do próprio aparelho de celular ou computador, pelo fato dos (as) alunos (as) estarem em casa com a influência dos pais, chamando-os (as) e a dificuldade de permanecerem de fato ali naquele momento de aula remota, não somente conectados, mas fazendo inúmeras outras coisas e se apegando a distrações. Outra dificuldade encontrada foi o retorno das atividades enviadas. Muitas famílias tinham apenas um único celular, e às vezes as famílias eram numerosas, o pai levava o aparelho para o trabalho, e a criança o esperava chegar à noite para poder fazer as atividades e usavam os dados móveis que a mãe comprava e que expirava muito rápido. Corroborando com o exposto, Bezerra (2022) aponta:

Não só a defasagem de aprendizagem se acentuou, mas também os prejuízos psicológicos. Nos anos anteriores, tínhamos um caso a cada mês, e mapeávamos o aluno, junto com a orientação educacional, com a família. Era algo pontual. Esse ano, todos os dias atendemos um aluno com alguma necessidade: ou numa crise de ansiedade, ou desmaiando, ou se cortando. É incrível. [...] Percebemos também que as suas famílias estão vivendo isso.

Até os professores apresentam muitos casos de ansiedade, síndrome do pânico e depressão. (BEZERRA, 2022, p.1)

Com o decorrer do tempo, apesar das dificuldades enfrentadas por todos os agentes pertencentes à comunidade escolar durante o período pandêmico, o aprendizado tanto para alunos (as) quanto para professores (as) de novas habilidades com relação à internet e programas, foi um dos pontos destacados para ressaltar o que houve de bom no ensino mutante. A disponibilidade para investimento de capacitação de novas metodologias, inclusive em termo de internet, foi de grande importância de ambas as partes, tanto para os (as) alunos (as) que antes usavam a internet para lazer, passaram a utilizar para estudos e para os (as) professores (as) nessa mesma linha de utilização. Com o advento das novas técnicas de trabalho didático utilizando recursos tecnológicos surgiram vários conhecimentos novos, os indivíduos valorizaram mais o ambiente escolar, a relação com os (as) professores (as), com os próprios colegas, intensificaram hoje bem mais do que valorizavam no período anterior ao isolamento. O (a) professor (a) teve que aprender, se reinventar, foi um processo bastante difícil de adaptação ao novo, teve que se disciplinar tanto os (as) professores (as) quanto os (as) alunos (as) naquele horário, dando prioridade ao que se tinha de fazer que era ir para as aulas. Houve superação com novas formas de ensinar e isso também é um aprendizado, passamos pela dificuldade, mas deu tudo certo no final. Nesse contexto,

Este reinventar foi buscar possibilidade em plataformas na “web” para continuar com a educação escolar, agora em regime remoto. As instituições privadas e públicas foram orientadas a utilizar ferramentas tecnológicas educacionais disponíveis no mercado. De uma hora para outra, presenciamos professores/as produzindo vídeo-aulas, criando exercícios, ministrando aulas “online” em diversas plataformas, tudo para que os/as alunos/as pudessem manter o ritmo de aulas e estudos. (CAETANO; SILVA JÚNIOR; TEIXEIRA, 2020, p. 123).

Na presença de todos os comentários emitidos pelas cooepesquisadoras, constata-se que de modo geral houve trabalho com metodologias ativas no ensino mutante, através de discussão de trabalhos em grupos, ramificação e contextualização dos problemas com a família, aprendizagem baseada em projetos e estudo de caso, aprendizagem com a utilização de pesquisas, aplicando literatura familiar e aprendizagem baseada em problemas.

4.3.4 Descrevendo as ações desenvolvidas na segunda fase da técnica.

Na segunda fase da técnica, após os registros sobre o ensino no período de isolamento social, demos um tempo para não ficar exaustivo. Água, café, comer algo, retocar a maquiagem e retorno para os tatames. Nossos seres mutantes estavam todos no rio da pandemia. A facilitadora então nos convidou para focar naquela situação pandêmica mais uma vez. Conduziu exercícios de respiração e nos fez refletir sobre as seguintes questões.

Os seres mutantes se encontram no rio da pandemia. Mas repentinamente uma grande tela emite raios de tonalidade azul nestes seres mutantes. Eles são resgatados para o mundo pós-isolamento social. Reflita: como é meu ser mutante no pós-isolamento social (PÓS)? Como passou a ser meu ensino no PÓS? Que técnicas foram utilizadas na influência do período de ensino no isolamento social? Que recursos utilizar no PÓS? Que dificuldades e se teve algo de bom no PÓS?

As indagações realizadas para as coopesquisadoras na segunda fase da técnica resultaram nos seguintes relatos em torno das ações pedagógicas desenvolvidas pelo grupo no contexto do pós-isolamento social, a saber.

Como se tornou meu ser mutante no pós-isolamento social?

Praia – mais capacitado, humanizado e acolhedor.

Cecília – esse ser mutante se transformou em um profissional mais adaptável, passível de se adaptar às novas técnicas e ser mais sensível às necessidades dos alunos e tentar contextualizar em prol do melhor ensino.

Luz – está mais preparado, mas não deixando de ser mutante, cada vez mais se desenvolvendo, mudando, criando novas formas de fazer, de agir e de se relacionar.

Noêmia – continua mutante, por que o período pós-isolamento deixou consequências, e essas consequências vão demorar ainda um tempo, porém, continua mutante, mas adaptado para essas constantes mudanças que hoje em dia não tem para onde correr, que vai aparecer na sua sala, o professor tem que lidar com aquilo.

Generosa – se tornou mais capacitado, apesar de continuar mutante, mas está com mais técnicas, mais recursos e mais capacitado.

Fada – preparado para possíveis transformações e mudanças.

Reservada – aprendeu novas técnicas, ele tem a capacidade de se reinventar mais facilmente, já aprendeu a capacidade de adaptação, então ele está cada vez mais aprendendo e evoluindo com mais facilidade.

Que técnicas são utilizadas pelo ser mutante no pós-isolamento social sob influência da pandemia?

Praia – utilização do Whatsapp, só que hoje se torna um pouco diferente por que eu coloco mais informações para eles ver a relação da teoria com a prática, onde o que eu explico em sala de aula onde é aplicado na prática, onde é encontrado.

Cecília – Whatsapp, complementando como a coopesquisadora Praia falou trazendo essa contextualização, mostrando essa aplicabilidade daquele

conhecimento desenvolvido por eles, reforçado nas aulas agora como forma de complementar esse conhecimento adquirido.

Luz – a questão de fazer com que os conteúdos conversem mais com eles pessoalmente, tirar essa coisa de só utilizar o livro didático, só responder as atividades do livro, e fazendo outros projetos que englobam a questões deles do dia a dia; e o Whatsapp também eu acredito que foi uma ferramenta que até aproximou mais os pais da escola, por que os pais antes não tinham antes tanto interesse, claro que nem todos, então essa aproximação dos pais foi um saldo positivo.

Noêmia – as técnicas que eu continuo utilizando, acredito que a aprendizagem baseada em algum problema, os estudos de caso como são mais conhecidos, que busca proporcionar ao aluno essa aprendizagem mais significativa, não como ele ver o ensino como aquela coisa distante da sua realidade, mas algo ali concreto, palpável e que ele compreenda que aquilo que ele aprende na escola tem aplicabilidade no seu dia a dia, acredito que isso que foi uma demanda grande lá do período pandêmico, do período do isolamento, acho que é importante continuar na prática hoje aquilo que eu procuro está exercendo.

Generosa – a técnica utilizada por mim hoje, seria a reflexão e a mudança da nossa prática, da nossa metodologia e também buscar trabalhar melhor com essas crianças presencial, por que eles tiveram toda essa falta, essa carência quando eles estavam afastados da sala de aula; para que eles entendam que como eles realmente já sabem, já estão entendendo que é melhor e mais gratificante. Nós ainda utilizando essas técnicas como o celular, com vídeos, imagens, continuamos usando, só que a gente faz uma adaptação das técnicas atuais com o recurso do celular que a gente utilizou lá no período de isolamento.

Fada – a técnica que eu estou usando é a calma, a paciência com eles, por que foram dois anos, então tem que ir devagar, tendo paciência e com muito cuidado. E a questão da avaliação para mim é muito importante por que nós precisamos ter muito cuidado para avaliar, por que não posso avaliá-los só como 3º ano, como se não tivesse acontecido os dois anos de isolamento da pandemia, então eu tenho que ter esse critério que é a calma e paciência. Continuo usando um grupo de Whatsapp da turma para ir ajudando, quando eu passo atividade, os pais tiram as dúvidas para poder ajudar seus filhos na realização da tarefa, então eu explico e também todas as atividades que eu trabalho com a agenda direitinha eu coloco no grupo todo dia.

Reservada – agora muito mais fortemente a questão das metodologias ativas, quando o aluno trabalha com projetos, problemas, quando ele mesmo desenvolve a sua técnica de aprendizado, o aprendizado significativo para o aluno, aquele que ele entende que ele vai lá, que ele produz, que ele mesmo pesquisa, que ele mesmo vai buscar seu conhecimento, que aquele conhecimento tenha significado na vida dele. Tem a sala de aula invertida, tem a ramificação, tem várias técnicas que nós aprendemos mesmo que de forma forçada durante o afastamento social e agora mais intensificada no presencial de uma forma mais dinâmica e mais participativa.

Que recursos continuam sendo utilizados no pós-isolamento social?

Praia – utilização de grupos de discussões, sempre relacionando a teoria e a prática do que eles estão discutindo com relação aquele trabalho e com a realidade que eles vivem.

Cecília – seria pela internet, mostrando e motivando eles a buscarem outras técnicas, por exemplo, antes da pandemia eles utilizavam biblioteca física, então hoje temos acesso a acervos de bibliotecas on-line, e mesmo para o ensino básico ela também é acessível, essa é uma técnica, outra seria a questão de práticas on-line, tem alguns aplicativos que dá para trabalhar a ramificação que dá para contextualizar esse conhecimento de acordo essa nova experiência somada ao ensino.

Luz – a internet ainda é bastante utilizada para pesquisas entre outras coisas que a gente pede.

Noêmia – os principais recursos que eu ainda continuo utilizando as aulas que foram gravadas pela Secretaria de Educação, não como principal instrumento, mas como complemento, o direcionamento que eu dou é que realmente está fazendo essa mudança e outros recursos como os estudos de casos, análise das diferentes realidades, o que aquilo tem haver com a nossa aula; eles podem expor aquele recurso de alguma forma que vai depender muito do contexto e o que a gente tem em mãos para poder trabalhar.

Generosa – nós continuamos com o grupo do Whatsapp para termos o feedback com os pais, que quando nós precisamos dá um aviso, quando o pai tem uma dificuldade em casa, às vezes a criança nas abe chegar em casa e dizer o que realmente tem que fazer naquele recurso didático que é o livro e a gente pode fazer um áudio e dá uma explicação. Nós ficamos muito mais próximos dos pais com a utilização do celular com o aplicativo Whatsapp, criamos um vínculo.

Fada – Pelo Whatsapp, eu faço também o portfólio para que eu possa ir acompanhando quem é quem, para ver quem avançou, e eles ainda não tem segurança, eles confiam muito no professor, eles tiveram muitas dificuldades das aulas pelo Whatsapp, quase não surtiu muito efeito por que muitos não tinham o celular, ou o celular era só um para a família inteira. A pandemia deixou os alunos inseguros, eles têm medo de fazer as atividades; eles perguntam se está certo e enquanto não falamos que sim, que está bom, que está certo eles não ficam seguros, então ainda utilizo o Whatsapp para dar um apoio.

Reservada – atividades com jogos, e algumas atividades com computadores que eles vão mexendo, mesmo que de forma resumida e breve, mas eles têm ainda acesso em algumas partes da aula, em alguns momentos eles ainda têm acesso a esta trabalhando, pesquisando no computador.

Que dificuldades foram encontradas no pós-isolamento social? Teve algo de bom?

Praia – as dificuldades que encontrei e que já foi relatado aqui, com relação ao atraso do ensino e aprendizado, e a gente realmente teve que voltar um pouco o conteúdo, por que senão os alunos não iriam conseguir dá continuidade no conteúdo; e a única coisa que eu vi de bom foi a questão do professor ficar mais próximo ao aluno, mesmo depois da pandemia.

Cecília – as dificuldades seriam o aluno de o ensino básico saber dissociar o ensino com a vida real, ou seja, ele trouxe essa frequência de mídia, de celular para sala de aula e por vezes ele confundi ainda, pois, quer ficar na internet, sendo uma prática que ele fazia no ensino remoto, que era está no ensino ali, mas fazendo inúmeras coisas, inclusive brincando, lazer com o celular. E o que foi de bom, foi o aluno saber manusear, complementar por vezes o que está

sendo trabalhado em sala utilizando a internet para complementar o ensino, e trazer essa novidade no momento da aula, então, tem essa dualidade diante desse cenário.

Luz – acredito que esse atraso mesmo, por que alguns alunos tiveram pais que ficaram ali ajudando a fazer a atividade, mas teve muitos que não tiveram essa ajuda, esse auxílio em casa. Algo bom, talvez, foi a gente criar um vínculo mais próximo com o aluno, não só vendo ele como aluno, mas também pensando nas questões que ele enfrenta dentro de casa, na vida dele privada.

Noêmia – as maiores dificuldades nesse período foi o déficit dos nossos alunos, o déficit eu acho que é o que é mais assim alarmante. Também o nível maturacional do trabalho no fundamental maior, nos anos finais, e eu vemos alunos do 8º ano com características de alunos do 5º ano; aluno que se recusa em fazer uma prova de caneta, que não quer escrever no caderno de matéria, coisas bem peculiares de alunos só de quem realmente conhece a realidade de sala de aula sabe ver a importância disso; a maturação do nosso aluno parece que foi pulada. E o que teve de bom foi que a gente começou a valorizar, a gente professor e o próprio aluno também, a gente não valoriza mais somente o aspecto cognitivo, a gente está valorizando também os aspectos sociais, a gente se coloca mais no lugar do aluno. Então, acho que esse foi um lado bom de tudo isso que a gente passou.

Generosa – se readaptar na sala de aula, por que eles estavam afastados da sala de aula, assistiam às aulas em casa, muito bem acomodados ou não assistiam, então a questão de segurar eles na sala de aula atualmente, está sendo essa a maior dificuldade, e também a outra dificuldade foi fazer com que eles voltassem a ter interesse de estudar, por que eles não estão tendo mais, chegaram também indisciplinados, sem foco, sem interesse de estudar, essas foram as dificuldades. O que teve de bom foi que agora que a gente está conseguindo trazer eles para estudar, para gostar de novo, o bom foi que eles viram que estudar presencial é melhor que estudar on-line, fazer o diferencial.

Fada – o ruim foi para os pais aceitar, porque na pandemia os alunos foram promovidos, e pra gente trazer eles para a sala de aula, todos os alunos foram foi muito difícil, porque muitos acreditam que vão ser promovido da mesma forma. Então, essa foi uma dificuldade muito grande também, porque tinha dia, agora que tá mais, eles estão indo mais, mas no começo estava indo bem pouquinho, não dava importância porque eles achavam que seriam promovidos também. Então, isso pra mim foi uma dificuldade muito grande. O que teve de bom foi que eles acreditaram, confiaram, tudo era um medo, essa distância que aconteceu nesses dois anos e o bom é que eles agora parecem que estão interessados mesmo, os pais também valorizaram e foi um aprendizado pra gente também.

Reservada – basicamente foi a questão de ter que voltar muito do conteúdo, fazer uma revisão por que eles praticamente perderam dois anos de aula, de aprendizado, de socialização com a turma, com o professor. Esse aprendizado está mais próximo, então estamos agora fazendo esse trabalho de resgate, de voltar no tempo, por que eles perderam esse tempo, eles deveriam está mais avançados se não tivesse tido esse isolamento, e eles estão –atrasados. O que teve de bom foi o que a gente aprendeu, as técnicas novas que tivemos que aprender durante o afastamento social, que nós não utilizamos antes da pandemia e tivemos que aprender.

4.3.5 Análise de dados da 2ª fase da técnica

A análise dos dados produzidos na segunda fase da oficina consiste em refletirmos em torno das ações pedagógicas desenvolvidas pelo grupo no contexto do pós-isolamento social, informações fundamentais para o estudo. A primeira questão teve o propósito de saber como é o ser mutante no pós isolamento social. Em linhas gerais, o que ficou compreendido é que diante dos percalços e sofrimentos alegados por todas durante o período pandêmico transformou todo um perfil docente em um profissional que teve de se adaptar, ou seja, ser abvil às novas técnicas e exigências atuais e vindouras, se tornou um ser mais capacitado, humanizado e acolhedor.

Muito embora tenha carregado consigo as marcas e consequências de um tempo sombrio, esse ser mutante docente passou por sucessivas metamorfoses e agora se apresenta, com mais uma formação diversificada, com técnicas e outros recursos de ensino inovador, aliando e mesclando teoria, prática e realidade contemporânea em prol do melhor ensino.

Aprendeu novas técnicas de ensino, presentemente tem a capacidade de se reinventar com maior presteza e facilidade, adquiriu a capacidade de adequação, está simultaneamente aprendendo e evoluindo com mais compreensibilidade.

Nestas condições o ser mutante no pós-isolamento social está mais preparado (a), cada vez mais se desenvolvendo, mudando, mudando, criando novas formas de fazer, de agir e de se relacionar. Continua mutante, porque o período pós-isolamento deixou consequências, e essas consequências vão perpassando pelo tempo, contudo, está mais consciente e capacitado para essas eventuais e/ou constantes mudanças iminentes.

Em se tratando das técnicas que são utilizadas pelo ser mutante no pós-isolamento social sob influência da pandemia, percebemos claramente a forte predominância na utilização do Whatsapp, embora tenha sofrido alterações em relação ao modo de como ele é utilizado no período pós-pandemia. As informações são trabalhadas de forma que os (as) alunos (as) possam perceber melhor a relação da teoria com a prática acerca do conteúdo que está sendo abordado na aula, contextualizando-os e mostrando a aplicabilidade do conhecimento adquirido. A utilização do aplicativo do whatsapp possibilitou interação com os conteúdos que estavam sendo estudados, trazendo-os para a realidade da turma, envolvendo projetos que ampliam a visão de mundo, evitando assim, a delimitação do aprendizado apenas com o manuseio do livro didático.

Outro saldo positivo foi que essa ferramenta também facilitou a comunicação entre escola e família, ela aproximou mais os pais e/ou responsáveis pelos (as) alunos (as) da equipe escolar. Seguindo essa linha de pensamento.

a aceleração do desenvolvimento tecnológico tem acentuado de maneira enfática o aspecto essencialmente mutante da cultura contemporânea, o que implica dizer que o modelo de ensino vigente não corresponde mais à realidade e às necessidades do contexto sociocultural da história recente. (SILVA e CAMARGO, 2015, p. 262)

A inserção no campo da tecnologia facilitou o trabalho dos (as) docentes em sala de aula. A aprendizagem baseada em algum problema, os estudos de caso como são mais conhecidos, busca proporcionar ao aluno uma aprendizagem mais significativa, aproximando o ensino da sua realidade, demonstrando o conteúdo de forma mais compreensível, concreta, palpável e que o (a) estudante compreenda que aquilo que se aprende na escola tem aplicabilidade no seu dia a dia, foi também umas das técnicas relatadas pelas coopesquisadoras que consideram importante continuar exercendo em seus trabalhos no período pós-pandêmico, buscando trabalhar melhor com as crianças presencialmente, observando o que deixou de ser aprendido quando os (as) mesmos (as) estavam afastados (as) da sala de aula.

Depois de um longo período de isolamento social, enfrentando o medo, a dúvida e a tristeza, é relevante frisar a técnica da calma, da paciência e do cuidado emocional para com os (as) alunos (as). No ponto de vista da avaliação é importante o (a) professor (a) ter a sensibilidade para observar os (as) alunos (as) de modo global, levando em consideração todo o contexto em que aquela turma está inserida. Seguindo nesta ideia de observação, as metodologias ativas em sala de aula com a utilização de trabalhos com projetos, problemas... Ajudam o (a) professor (a) a entender melhor o nível de aprendizado da sua turma quando ele (ela) (docente) dá condições para que o próprio aluno (a) construa e desenvolva a sua técnica de aprendizado, ou seja, o aprendizado significativo, aquele que o (a) aluno (a) entende, produz pesquisa e vai à busca do seu próprio conhecimento; conhecimento esse que tenha significado na sua vida. Outros exemplos que facilitam a organização e compreensão do conteúdo pelos aprendentes são a sala de aula invertida e a ramificação, nas quais muitos profissionais docentes relataram não trabalhar essas técnicas com tanta frequência antes da pandemia do covid-19, mas que tiveram de aprimorar suas práticas durante o afastamento

social e agora essas práticas foram intensificadas no retorno presencial de uma forma mais dinâmica e mais participativa.

Corroborando com esta linha de entendimento, os recursos que continuam sendo utilizados no pós-isolamento social, de acordo com a amostragem pesquisada, enfatiza-se a utilização de grupos de discussões, sempre relacionando a teoria e a prática, comparando o que os (as) alunos (as) estão discutindo no contexto de estudo em destaque, com a realidade que eles (elas) vivem. Para as coopesquisadoras a internet é bastante utilizada para pesquisas, dentre outras atividades que também são solicitadas pelos (as) docentes. Atividades com jogos, que podem ser desenvolvidas no próprio aparelho de celular ou no computador, nos quais eles (elas) vão manuseando, pesquisando, mesmo que de forma resumida e breve, em alguns momentos da aula. Neste ponto de vista.

[...] neste contexto de pandemia, faz-se necessário utilizar e desenvolver estratégias de ensino e de aprendizagem, com a contribuição da tecnologia da informação como um importante recurso didático-pedagógico, com vistas a minimizar o prejuízo no ensino, usando a criatividade e inovando o processo de trabalho, na esperança que dias melhores virão e que esse será mais um desafio, senão o maior vivido nos últimos anos, a ser superado no ensino formal. (VALENTE et., al., 2020, p.11)

Através da internet é possível motivar os alunos a buscarem outras técnicas de aprendizado, por exemplo, antes da pandemia eles (elas) utilizavam biblioteca física, hoje é possível ter acesso a acervos de bibliotecas on-line, e mesmo para o ensino básico, a internet também é acessível como uma técnica viável. Outra técnica seria a de práticas on-line, com alguns aplicativos que facilitam o trabalho com a ramificação, contextualizando esse conhecimento de acordo com essa nova experiência somada ao ensino.

Outro recurso comentado na fala das coopesquisadoras que continua sendo utilizado são as vídeo-aulas que foram gravadas pela Secretaria de Educação de Parnaíba, não como principal instrumento, mas como complemento, de modo direcionado e exemplificado. Também são trabalhados os estudos de casos, análises das diferentes realidades, referenciando e contextualizando cada caso com o tema da aula em discussão e que posteriormente, utilizando-se desta mesma técnica, os (as) alunos (as) poderão expor esse recurso para os demais colegas da escola.

Ficou evidente e enfática a utilização do aplicativo de whatsapp para comunicação com alunos (as) e familiares. É através dos grupos de Whatsapp que se tem o feedback com os pais e/ ou responsáveis quando é preciso repassar os informes escolares necessários. Associado a esse recurso do aplicativo, tem-se também a entrega das tarefas impressas na

escola para aqueles (as) alunos (as) que não tinham acesso à internet e os registros individualizados dos (as) alunos(as) nos portfólios e é por meio deste que o(a) professor(a) tem condições de ir acompanhando o desenvolvimento individual de cada aluno(a) de sua série, observando seus avanços e dificuldades para possíveis intervenções e/ou mudanças de estratégias futuras.

No tocante às dificuldades que foram encontradas no período de pós-isolamento social, relacionando os aspectos positivos e negativos no decorrer do processo de ensino aprendizagem, as coopesquisadoras relataram que dentre outras coisas, tiveram dificuldades com relação ao atraso do ensino e aprendizado, no qual tiveram que fazer um retrocesso de revisão nos conteúdos de anos anteriores; outra dificuldade encontrada foi incentivar no (a) aluno (a) do ensino básico a importância de saber dissociar o ensino com a vida real, ou seja, a frequência da mídia pela manipulação de celulares em sala e que por vezes ele (ela) se confunde, atrapalhando o ritmo da aprendizagem por querer permanecer na internet, sendo que essa prática foi bastante utilizada no ensino remoto. Por outro lado, saber manusear de modo satisfatório os recursos tecnológicos para complementar o conhecimento que está sendo trabalhado em sala, utilizando a internet como mais uma alternativa no processo de ensino-aprendizagem, sinaliza como um aspecto positivo nesta conduta. Colaborando com essa ideia Valente (2020) expõe que.

Considerando que todos merecem garantia de educação de qualidade, buscam-se ambientes virtuais variados que agreguem saberes tecnológicos e habilidades que favoreçam a empatia, diálogo e a troca onde, alunos e professores, devem oferecer o melhor de si na educação atualmente possível. Acredita-se que nada substitui uma aula presencial e a convivência social que a universidade proporciona, mas é preciso estar abertos ao aprender e experimentar. (VALENTE et., al., 2020, p.11.)

Entende-se assim que, é de suma importância adquirir habilidades de aprendizagens variadas que se utilizem também dos meios tecnológicos. A falta de experiência no manejo com os meios tecnológicos retardou o avanço do conhecimento dos alunos no decorrer deste período pandêmico. O processo de readaptação em sala de aula foi bastante lento, por causa do afastamento dos (as) alunos (as) das escolas, a acomodação em assistirem às aulas em casa através do ensino remoto, ou muitas vezes eles(elas) nem assistiam às aulas, indisciplina, falta de interesse, perda do foco e por ter que motiva-los(as) a voltarem aos estudos foram outras dificuldades mencionadas nesta pesquisa. A visão positiva neste cenário foi à reaproximação dos (as) discentes com o ambiente escolar, professores (as) e alunos (as) mais próximos (as), e sensíveis à nova realidade, houve a valorização não mais

somente no prisma cognitivo, mas também nos aspectos sociais, ou seja, um indivíduo se propôs a se colocar no lugar do outro, enfatizando a empatia e a compaixão. Os (as) alunos (as) acreditaram, confiaram, aos poucos foram afastando o medo e voltando a ter interesse nos assuntos escolares, valorizando a aprendizagem e a socialização com a turma e equipe escolar.

4.4 Oficina 4 - Círculo de cultura - Ritual dos elementos da natureza institucional na pandemia

A quarta oficina da presente pesquisa intitulada –Círculo de cultura - Ritual dos elementos da natureza institucional na pandemia faz referência ao papel das instituições públicas frente à condução de ações que visam subsidiar os (as) docentes no ensino remoto emergencial. Na sequência apresento o plano de ação desenvolvido para a execução, a descrição do desenvolvimento das ações e a análise dos dados produzidos.

4.4.1 Plano de Oficina

Objetivo: Conhecer qual o lugar da instituição pública frente ao desenvolvimento das atividades remotas dos (as) docentes no período de isolamento social.

Metodologia:

1. Dançar uma música bem animada;
2. Ouvir as demandas: Se a atuação institucional nos tempos de isolamento social fosse um elemento da natureza, que elemento seria?
3. Pedir para que se reúnam em equipes e montem um ritual com os elementos da natureza que pensaram para representar a atuação institucional nos tempos de isolamento social;
4. Na apresentação do ritual explorar: Foi atuante? Teve formação de professores? Teve apoio pedagógico? Que sentimentos essa atuação institucional provocou nas docentes.
5. Recursos: Gravador, caixa de som para transmissão de música, tapetes, gravador de voz.

4.4.2 Descrevendo as ações desenvolvidas

A presente oficina sociopoética de produção de conceitos iniciou com a facilitadora disponibilizando uma música para dançar. Parecia uma música de boate. Uma música eletrônica. Todas nós dançamos livremente até entrar no ritmo de animação.



Imagem 6. Dança para inspiração dos elementos da natureza institucional na pandemia.

Em seguida a facilitadora conduziu da seguinte forma:

Peço que todas alonguem seus corpos crescendo para cima. Inspira, expira. Eleva bem os braços e, se possível, estica até ficar na pontinha dos pés. Inspirando e expirando. Alonga para o lado direito na lateral do corpo com as pernas afastadas no ângulo dos ombros. Assim... inspirando e expirando. Agora para a outra lateral do corpo. Alongando bem. Inspira e expira. Agora peço que feche os olhos e continue os exercícios de respiração. Com a música agora lenta focando na concentração de suas mentes e corpos, peço que viagem até seus momentos de ensino remoto no período de isolamento social. Pensem no trabalho que desenvolveram, nas dificuldades e facilidades. Diante desse cenário, qual foi a atuação do poder público nas ações pedagógicas? O poder público foi atuante? De que forma? Foi disponibilizada formação de professores (as)? Teve apoio pedagógico? Quais? Que sentimentos essa atuação institucional provocou em você? Agora, frente a essas reflexões pense: Se a atuação institucional nos tempos de isolamento social fosse um elemento da natureza, que elemento seria? De posse dessa imagem, junte-se a sua dupla e crie um ritual da atuação institucional no tempo de isolamento social, considerando a simbologia com um elemento da natureza.

Após a atividade abrimos os olhos, montamos as equipes e fomos refletir sobre a atuação das instituições públicas no período de ensino remoto em função do isolamento social. Após alguns minutos de debate, fomos pensar de que forma traduzir nossas reflexões, constatações e críticas para um ritual a partir de um elemento da natureza. Depois de quinze minutos as três equipes estavam preparadas para atuarem como atrizes no palco da pesquisa. Os rituais dramáticos foram gravados e seguem a seguir as falas e algumas imagens:



Imagem 7 Apresentação da primeira equipe de copesquisadoras

A primeira equipe de copesquisadoras iniciou sua apresentação teatral fazendo movimentos com o corpo associando à representatividade do elemento da natureza Terra. A copesquisadora Fada inclinou o corpo para frente, dando-lhe uma forma curva para representar uma montanha e a copesquisadora Generosa trouxe a ideia de que precisamos agir para podermos alcançar nossos objetivos.



Imagem 8 Continuação da apresentação da primeira equipe de copesquisadoras

Generosa - O nosso elemento, a gente falou assim, é a terra. A terra se você não fizer nada, ela é algo parado. Por que eu associei, eu e a -fada!! associamos esse elemento da natureza com o poder público? Ele ficou como a terra, parado. A professora ficou desesperada, sem entender nada, sem saber o que fazer, pedindo ajuda e nada foi feito, nós tivemos que se virar nos trinta, tivemos que comprar celular que prestasse para dar nossas aulas, nossos celulares todos deram pane, memória de celular, às vezes eu tava dando aula, parava meu celular, meu celular parava, porque a memória estava cheia. Então assim, eu acho que o poder público não deu essa cobertura, esse suporte que a gente precisava o apoio, então pra mim eles foram omissos, eles foram parados no início, eles tocaram fogo mesmo na gente, nós pegamos queimadura de terceiro grau e a terra ficou parada, porque eles foram terra parada, os agricultores era nós, mas o poder público que podia ajudar não fez nada.

Fada - Eu representei a montanha, porque uma montanha bem alta que a gente queria passar, pedir socorro, pedir ajuda, e a gente chegava lá, nem eles mesmos sabiam e não estavam nem aí, só queriam que tivesse aula, se virasse, horário sete hora, nove horas, não importava como. E detalhes, eles queriam voltar ainda morrendo muita gente, foi preciso o ministério público entrar né, e o juiz entrou e barrou, mas se não, eles queriam que voltasse. Então, foi aquela montanha, né? Por isso que eu representei aqui a montanha, que o professor queria pedir socorro e não tinha.

Facilitadora - E a pobre da montanha em tempo de desmoronar!

Fada - Eu já tava me tremendo já, a montanha, era o vento que ficava balançando na hora.

(Palmas)

Facilitadora - Excelente, excelente!



Imagem 9 Apresentação da segunda equipe de coopesquisadoras

Na segunda apresentação teatral, as duas coopesquisadoras começam a correr, Cecília segura o vestido de Praia balançando, e logo após, Cecília solta o vestido de praia. As duas representaram o elemento água, comparando a uma forte chuva destruidora, fazendo alusão a falta de ajuda governamental para com o quadro docente.



Imagem 10 Continuação da apresentação da segunda equipe de copesquisadoras

Praia - A gente quis representar as instituições públicas e o que a gente associou foi à água. Durante a pandemia, as instituições são como se elas tivessem sob uma forte chuva, tá, que saiu levando tudo. Tanto as instituições públicas mais estruturadas, como as menos estruturadas elas tiveram impactos e é claro que as que estão menos estruturadas sofreram um impacto maior, por isso que eu mostrei ali que elas foram debilitadas, teve inundações, falta de estrutura mesmo né, então...

Cecília - Desabou em alguns momentos por falta desse suporte para investir mesmo nessa nova realidade em tão pouco tempo e dar continuidade ao ensino.

Praia - E como a professora falou né, eles queriam que os professores se levantassem em tempo recorde, para os alunos não serem prejudicados, mas assim, os professores não estavam preparados, a princípio nem eles sabiam como preparar a gente, a gente não tinha estrutura, não tinha câmera, não tinha celular bom, não tinha memória boa, nem internet boa à gente tinha, e tudo isso a gente teve que providenciar do dia para noite, teve que se adaptar, o importante era que os alunos não ficassem desamparados, mas nós professores, a gente teve muita dificuldade, e a gente não tinha muito apoio das instituições porque eles mesmos estavam tão perdidos quanto a gente.

Fada - E teve um plantão escolar né, porque a gente ia para lá para receber as atividades que os alunos levavam para casa e nós com medo de pegarmos naquelas atividades que iam para casa, tínhamos que ir para a escola para receber essas atividades das crianças não tinham acesso a internet nos celulares, tinham que ser impressas, nós tínhamos que correr o risco em

receber, pegar naquele material, que eles precisavam devolver e o professor levar para casa para corrigir.

Cecília - Isso chama dois outros fatores, né. Um é essa questão de além de toda essa movimentação da continuidade de ensino diante desse novo cenário, tem a questão emocional e psicológica do profissional diante dessa cobrança da instituição, e outra coisa paralela a isso é em relação em como lidar com isso financeiramente, porque uma coisa é tu ter um celular e utilizar para determinada coisa, a partir do momento que tem uma cobrança maior, nem sempre esse aparelho vai suprir essa nova necessidade, então era preciso ter tido um apoio ou investimento, também, na melhoria financeira nesse sentido e não somente a cobrança, a exigência de produzir essas novas metodologias para atender, e mesmo assim verificasse, como foi falado aqui durante todo dia, por vezes um grupo de alunos não conseguiam acompanhar a série, estavam no terceiro ano mas com mentalidade atrasada, ensino e desenvolvimento de primeiro ano, estavam no quinto ano mas é como se tivesse tido uma pausa no ensino, eles não acompanharam. Essa reinvenção de metodologias, o professor aprendeu a copiar e a colar da internet, então por vezes, me corrijam se eu estiver errada, a princípio ele não conseguiu desenvolver essas novas formas de ensinar, de acompanhar essas metodologias, porém, ele foi lá, mas não tinha certa interação, era apenas para atender a demanda que o sistema tava pedindo, e não, nem sempre para o engrandecimento e conhecimento.

Facilitadora - Então em síntese, o papel da instituição pública foi representado pela água por quê?

Praia - Porque foi um elemento... na verdade, a água na representação de chuva, porque ela teve uma grande enxurrada de prejuízos.

Cecília - Cobranças e falta de estrutura para atender as demandas propostas pela nova realidade de ensino durante a pandemia.

Facilitadora - Show!

(Palmas)



Imagem 11 Apresentação da terceira equipe de copesquisadoras

O terceiro grupo de copesquisadoras deu início a sua apresentação teatral com Noêmia segurando folhas de papel nas quais continham palavras que referenciavam o período antes da pandemia, durante a pandemia e pós-pandemia, neste momento as outras duas copesquisadoras, Luz e Reservada representavam o fogo do vulcão que em determinado momento avançou, explodiu e tomou conta de todo o palco.



Imagem 12 Continuação da apresentação da terceira equipe de copesquisadoras

Reservada - Quando a gente tava ali conversando, a gente disse ah! Pode ser isso, ah! Pode ser aquilo, cada uma pensou em algo diferente e a gente resolveu

colocar o fogo nesse vulcão entrando em erupção que foi como a gente percebeu que é a pandemia. Vamos imaginar a educação como esse vulcão que estava ali ao ponto de entrar em erupção e precisava apenas de um pequeno detalhe para que ele pudesse explodir esse pequeno detalhe foi à pandemia, que como posso dizer? Saiu arrastando tudo e todos.

Luz - Vocês viram que eu arrastei vocês!

Noêmia - Saiu arrastando tudo e a todos. Pessoas que tinham certos privilégios, o máximo que sentiram foi uma fumaça ali, deixando um mal cheiro no cabelo, um resquício, uma tosse ali por conta da fumaça, mas tiveram aqueles que realmente estavam bem no meio, foram queimados, abrasados, e a gente percebeu muito das instituições, né, quem é que está ali coordenando, gerenciando esses trabalhos, que eles até um primeiro momento estavam tão perdidos quanto a gente, nessa situação. Surgiram medidas paliativas no decorrer do processo, mas o fogo já estava queimando a todos. Sempre gosto de dizer que o trabalho da educação como um todo, independente que seja de sala de aula, da direção, da coordenação, da gestão, é muito similar como se a gente tivesse descendo uma ladeira, a corrente da bicicleta caiu, e a gente está tentando colocar a corrente dessa bicicleta, com a bicicleta em movimento. Então são medidas, foram medidas, paliativas, no intuito de minimizar o impacto, porque o impacto foi sentido, vem sendo sentido por todos. Então... dessa forma, quando a gente tentou demonstrar com fogo né, fazendo essa analogia com o vulcão, o fogo, esse elemento, foi nesse intuito de que ele já estava ali, já era uma situação, já era uma problemática, e precisou apenas desse detalhe da pandemia para que pudesse explodir e deixar seus males.

Facilitadora - As instituições públicas, a ajuda pública, por que ela é fogo? Ai eu estou falando dos agentes públicos, ajudando ou não. Esses agentes públicos, as instituições né, elas são fogo?

Facilitadora - Por que elas são fogo?

Noêmia - Porque como eu já disse, veio abrasando a todos e as medidas que foram tomadas, primeiramente foi no sentido de minimizar os impactos, mas como essas medidas foram desorganizadas e não coordenadas adequadamente, elas queimaram, elas machucaram, alguns pelo próprio fogo da ineficiência, apenas só queimaram ali, trouxeram um pequeno dano, mas para grande parte da população que precisou das instituições públicas, não tiveram apoio necessário, no início ela realmente causou um grande impacto negativo nesse sentido.

Facilitadora - Um grande impacto de queimar?

Toda a equipe - De queimar!

Facilitadora - De queimar pela ausência?

Noêmia - Pela ausência! Com um tempo isso foi sendo minimizado com as medidas paliativas.

Facilitadora - Então, esse fogo foi atuante?

Noêmia - Esse fogo foi atuante? Não! O fogo teve um sentido negativo, de destruição. Porque não tinha certo direcionamento. O que surgiram logo após a devastação, foram medidas paliativas, mas nada para minimizar o impacto negativo.

Facilitadora - Esse fogo foi um fogo que formou?

Reservada - Esse fogo foi um fogo que destruiu que prejudicou.

Facilitadora - Então não teve formação, ele não formou ninguém?

Noêmia - No início, Não! Ele não colaborou, a gente sentiu dificuldade.

Luz - Na verdade ele pediu muito do professor e não foi ofertado!

Facilitadora - Então o que foi que esse fogo provocou nos docentes?

Todo o grupo - Queimaduras de primeiro grau.

Facilitadora - Perfeito! Assim ficou óbvio!

(Palmas)

4.4.3 Análise de Dados

Analisando as metáforas produzidas pelas coopesquisadoras no decorrer desta quarta oficina, na qual fizeram referências a elementos da natureza para caracterizar a atuação das instituições públicas frente ao ensino no período pandêmico, é possível evidenciar a precariedade do sistema público no que tange a subsidiar o trabalho dos (as) professores (as) no ensino remoto.

O elemento da natureza que representava a terra estava associado à ação inerte do poder público diante das necessidades dos (as) docentes. A terra, se você não fizer nada, ela é algo parado.

Os professores foram pegos de surpresa no período da pandemia, ficaram desesperados diante do isolamento social e conseqüentemente da necessidade de trabalhar com aulas remotas sem formação ou planejamento prévio. Repentinamente os professores apenas tiveram que assumir uma tarefa de ensinar de forma compulsiva sem nenhuma preparação anterior.

Sem entender direito o que estava acontecendo os docentes estavam pedindo socorro, ao perceberem que a princípio nada foi feito por parte das instituições públicas, acabaram assumindo para si esse desafio, onde tiveram que adquirir um novo aparelho celular

ou computador para ministrarem suas aulas, pois em algumas ocasiões os aparelhos que portavam não suportavam a demanda que ora estava sendo exigida.

As cooepesquisadoras relataram que no início o poder público não deu essa cobertura, esse suporte que precisavam, o apoio foi ineficiente tanto na esfera formativa como no campo econômico, eles (representantes das instituições públicas) ficaram paralisados no início da pandemia, o poder público que é o órgão maior das instituições e que poderia ter empenhado esforços para auxiliar os docentes, ficou estático.

Colaborando com essa ideia,

A pandemia, num primeiro momento, desacelerou todos nós, parou o mundo, criando uma nova realidade. Todos os setores da sociedade sofreram impactos brutais, com restrições de circulação e de atividades, mudanças nos hábitos de higiene, ao mesmo tempo em que nos fez conviver com a possibilidade da infecção e com a fatalidade de milhões de pessoas. Num segundo momento, exigiu (e exige) reação, da população, dos sistemas de saúde, dos cientistas, dos governantes –, que nem sempre corresponderam com eficiência ou idoneidade, negando a ciência, contribuindo para o aumento do número de mortos –, das organizações de saúde e humanitárias e das instituições ligadas à Educação (DIAS; PINTO, 2020, p. 566).

Correspondendo a esse entendimento, compreendemos que o sistema educativo público não estava preparado para enfrentar essa excepcionalidade de aulas remotas emergenciais em pleno período pandêmico, as fragilidades foram gritantes na oferta de ensino aprendizagem.

A segunda equipe de cooepesquisadoras na encenação teatral representou o elemento água, comparando o poder público a uma forte chuva destruidora, fazendo alusão a falta de ajuda governamental para com os (as) profissionais de ensino no princípio das aulas remotas. Durante a pandemia, a impressão era que as instituições públicas tivessem sob uma forte chuva e que essa enxurrada de desorganização saiu arrastando tudo pela frente. Tanto as instituições públicas mais estruturadas, como as menos estruturadas, tiveram impactos negativos e é claro que as que estão menos estruturadas sofreram um impacto ainda maior, por isso que foi feita a alegoria das debilitadas ações governamentais, teve inundações, falta de estrutura mesmo. A organização desabou em alguns momentos por falta de suporte para investir na nova realidade em tão pouco tempo e dar continuidade ao ensino. Diante disso,

Conforme o exposto, se faz necessário reconhecer a importância desses processos, dado que são a chave para o alcance da eficiência docente, que não pode e nem deve estar alheio à instituição, pois um bom docente sem investimento da instituição não fará um serviço pleno. Nesse contexto de crise pandêmica, ao qual estamos inseridos, cabe salientar que a ineficiência de investimentos na qualificação e na instrumentalização para a educação pública brasileira ocasionará um impacto ainda maior. Vale ressaltar a necessidade de formação continuada para o uso das metodologias ativas e das redes digitais de aprendizagem, além da

disponibilização de instrumentos e materiais nas escolas, tais como internet de qualidade e equipamentos midiáticos, dentre outros, sabendo que, não basta apenas tê-los, deve existir periodicamente a manutenção eficaz desses insumos. (CARVALHO et al. p.05, 2021)

Diante de todo esse transtorno ocasionado pela pandemia, as instituições públicas exigiram que os (as) professores (as) se organizassem para aulas remotas em tempo recorde, para que os alunos ficassem prejudicados, embora os professores não estivessem preparados para essa ação. O próprio poder público não sabia como preparar os(as) professores(as) para a demanda, não tinha estrutura nem equipamentos adequados, não tinha câmera, não tinha aparelho de celular eficiente, nem internet disponível em todas as escolas, e tudo isso os docentes tiveram que providenciar repentinamente, tiveram que se adaptar; a exigência que importava era que os alunos não ficassem desamparados, sem aulas. Paralelo a isso é em relação a como lidar com esses fatores financeiramente, porque uma coisa é ter um celular e utilizar de forma pessoal, outra coisa é utilizar esse instrumento para demandas profissionais; a partir do momento que tem uma cobrança maior, nem sempre esse aparelho vai suprir essa nova necessidade, por isso, então era preciso ter tido um apoio ou investimento e não somente a cobrança e a exigência de produzir novas metodologias para atender. Contudo, nós professores (as) tivemos muita dificuldade e a gente não tinha muito apoio das instituições no início das aulas, porque eles estavam tão despreparados quanto à gente.

A terceira equipe de coopesquisadoras fez menção aos períodos de antes da pandemia, durante a pandemia e pós-pandemia. Elas escolheram como elemento da natureza o fogo, mais uma vez como elemento de destruição, para representar a desorganização do poder público frente a falta de apoio no processo de ensino no início do período pandêmico. O fogo do vulcão que em determinado momento avançou, explodiu e tomou conta de tudo e todos. Vamos imaginar a educação como esse vulcão que estava ali ao ponto de entrar em erupção e precisava apenas de um pequeno detalhe para que ele pudesse explodir, esse pequeno detalhe foi a pandemia, que como posso dizer saiu arrastando tudo e todos. Seguindo esse raciocínio,

[...] a pandemia da COVID-19 –obrigou, professores/as e alunos/as, a mudanças rápidas de práticas devido a suspensão das atividades presenciais. Isso –gerou a obrigatoriedade dos professores e estudantes migrarem para a realidade online, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem, naquilo que tem sido designado por ensino remoto de emergencial (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, p. 352, 2020).

Essa transição para o ensino remoto aconteceu de forma desorganizada. Para as coopesquisadoras quem estava coordenando, gerenciando os trabalhos no setor educacional,

até um primeiro momento estavam tão –perdidos‖ quanto os profissionais de ensino, naquela situação.

Surgiram medidas paliativas no decorrer do processo, mas o fogo já estava queimando a todos. A coopesquisadora utilizou uma metáfora para comparar o trabalho da educação como um todo, independente que seja de sala de aula, da direção, da coordenação, da gestão, como sendo muito similar a uma descida de bicicleta em uma ladeira, em que a corrente da bicicleta cai e a gente está tentando colocar a corrente dessa bicicleta, com a bicicleta em movimento, ou seja, tentando consertar um problema com ele em movimento. Então, foram medidas paliativas, no intuito de minimizar o impacto, porque o impacto foi sentido, vem sendo sentido por todos. A ideia do fogo fazendo essa analogia com o vulcão, o fogo, esse elemento, foi nesse intuito de que ele já estava ali, já era uma situação, já era uma problemática, e precisou apenas desse detalhe da pandemia para que pudesse explodir e deixar seus males.

O fogo teve um sentido negativo, de destruição. Porque não tinha certo direcionamento. O que surgiram logo após a devastação, foram medidas paliativas, mas nada para minimizar o grande impacto negativo. Esse fogo foi um fogo que destruiu que prejudicou, ele não colaborou, a gente sentiu dificuldade durante o processo de ensino-aprendizagem no período pandêmico. A princípio não houve formação docente, as medidas que foram tomadas, primeiramente foram no sentido de minimizar os impactos, mas como essas medidas foram desorganizadas e não coordenadas adequadamente, elas queimaram, elas machucaram, alguns pelo próprio fogo da ineficiência, apenas só queimaram ou trouxeram um pequeno dano, mas para grande parte da população que precisou das instituições públicas, não tiveram apoio necessário, o fogo realmente causou um grande impacto negativo nesse sentido. Diante do exposto, vislumbramos que foi possível alcançar o objetivo proposto pela oficina que foi conhecer qual o lugar da instituição pública frente ao desenvolvimento das atividades remotas dos (as) docentes no período de isolamento social.

5. INCLUSÃO DE NOVOS SABERES NA PRÁTICA DOCENTE PARA O TRABALHO COM METODOLOGIAS ATIVAS: na Educação Pública pós-pandêmica

Sendo relevante considerar as mudanças curriculares por meio da passagem da disciplinaridade para a interdisciplinaridade, de maneira a apresentar novas estratégias de ensino e aprendizagem, como as metodologias ativas, considerando assim um novo desafio para a formação de professores do futuro (ARAÚJO; SASTRE, 2009).

O cenário da educação oferece um ensino tradicional, precário de recursos, fechado a inovações, mas veio à pandemia e tudo mudou, possibilitando um ensino conectado com o mundo digital. Mudando a roupagem de ensino/aprendizagem a experiência vivenciada durante a pandemia do novo coronavírus no ano de 2020, ocorreu de forma remota durante o contexto da pandemia um lado o mundo digital a partir de seus aparelhos particulares durante aulas presenciais.

Para compreender as metodologias ativas, recorremos a Stroher (2018, p. 735) que elucida:

As metodologias ativas são compreendidas como estratégias de ensino em que os alunos são os protagonistas do seu processo de aprendizagem e os professores assumem o papel de mediadores/facilitadores, apoiando, ajudando, desafiando, provocando e incentivando a construção do conhecimento. Referem-se à prática educativa e aos processos de ensino e aprendizagem que levam o indivíduo a aprender a aprender, a saber, pensar, a criar, a inovar, a construir conhecimentos e a participar ativamente de seu próprio crescimento (FERNANDES et al., 2005, apud STROHER, 2018, p. 735).

Por meio de atividades digitais e orientações que sejam determinantes em seu cotidiano educacional, de maneira que possa ser interessante o professor falar menos, e orientar mais o aluno de modo que o torne mais participativo e a aprendizagem mais significativa Moran e Bacich (2015) a cada ajuda além dos alunos todo o sistema também evolui.

As metodologias ativas como fundamentais ao papel protagonista do aluno, de maneira que, o envolvimento direto, participativo e reflexivo deste, facilita esse processo educativo refletindo positivamente em todas as etapas de ensino e aprendizagem.

Assim, o método ativo nas atividades de ensino compõe-se numa atividade educativa que enaltece procedimentos de ensino e de aprendizagem numa perspectiva pensante e questionadora, em que o aprendentes possui papel atuante e é responsável pelo domínio de seu próprio entendimento.

O método envolve a construção de situações de ensino que promovam uma aproximação crítica do aluno com a realidade; a opção por problemas que geram curiosidade e desafio; a disponibilização de recursos para pesquisar problemas e soluções; bem como a identificação de soluções hipotéticas mais adequadas à situação e a aplicação dessas soluções. Além disso, o aluno deve realizar tarefas que requeiram processos mentais complexos, como análise, síntese, dedução, generalização (MEDEIROS, 2014, p. 43).

As tecnologias estão tão presentes em nossas vidas que já nos acostumamos e nem percebemos que nas nossas atividades cotidianas mais comuns utilizamos produtos, equipamentos e processos, que não são naturais, mas que foram planejadamente construídas na busca de melhores formas de viver.

Toda pesquisa tem seu papel como instrumento complementar para a sociedade, todos os demais pesquisadores, devem compreender que a educação pós-pandemia foi algo que despertou novos saberes docente e está levando a atuarmos diante dessa revolução educacional, ainda será necessário nos aperfeiçoamos diante do novo tempo digital, as novas ferramentas visam melhorar a prática pedagógica em direção a um trabalho mais amplo, digno, transversal, diversificado e transformador de vidas, utilizando as metodologias ativas, com ou sem o auxílio das tecnologias, alguns ainda terão as dificuldades de ver, pensar e fazer acontecer nessa nova era.

A tecnologia para Kenski (2003. P.18), é o conjunto de conhecimentos, maneiras, jeitos, modos ao utilizar exige-se planejamento, as técnicas usadas precisam ser dominadas para ser executada na sua real importância e eficiência.

São as tecnologias da inteligência definidas por Levy (1993, p.22.), –como construções internalizadas nos espaços da memória das pessoas que foram criadas pelos homens para avançar no conhecimento e aprender mais|. São exemplos desse tipo de tecnologia, a linguagem oral, a escrita e a linguagem digital.

A tecnologia na Educação inclui a utilização do computador no ambiente escolar. No entanto, nesse estudo, a tecnologia não se restringe apenas ao computador, inclui, também, o uso de televisão, do vídeo, do rádio e do cinema na promoção da educação. Segundo Moran (2001), educar com novas tecnologias é um desafio que até agora não foi enfrentado com profundidade, são feitas apenas adaptações, pequenas mudanças. –Ensinar com novas tecnologias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial| (MORAN, 2001,28).

Estamos deslumbrados com o computador e a internet na escola e vamos deixando de lado os meios de comunicação audiovisuais, como se já estivessem ultrapassados, como se não fossem mais tão importantes ou como se já dominássemos sua linguagem. Não devemos esquecer que os meios de comunicação audiovisuais desempenham indiretamente um papel educacional relevante.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de um longo período de isolamento social, a mudança de comportamento foi geral e não foi diferente na educação, no modo de ensinar principalmente, levando os (as) professores(as) a um grande desafio na sua nova didática. Foi possível verificar que (as) docentes da rede pública municipal de Parnaíba-PI, a princípio, não receberam formação docente para o trabalho com as aulas remotas (online), entendemos que esse fazer pedagógico foi uma forma emergencial de minimizar os impactos negativos na educação.

Os docentes tiveram que se adaptar repentinamente a uma nova realidade de ensino em um reduzido espaço de tempo e a principal ferramenta de ensino utilizada foi o uso do Whatsapp como tecnologia no emprego das novas metodologias, considerando-se que antes do isolamento social esse mecanismo era destinado prioritariamente à comunicação doméstica, considerado como um objeto de lazer, entretenimento, de jogar... e a partir de então, foi utilizado como instrumento de ensino, para que os (as) alunos (as) tivessem acesso aos conteúdos escolar e base no que foi discutido e revelado neste trabalho de pesquisa

A educação pública pós-pandêmica mostra uma inclusão de novos saberes na prática docente para o trabalho com metodologias ativas, visto como questão central investigar se, diante dos desafios impostos pelo período pandêmico no campo educacional, bem como o desenvolver do trabalho docente com metodologias ativas nos processos de ensino e aprendizagem, inquiriu se os (as) professores (as) desenvolveram e continuam desenvolvendo suas práticas com vistas a favorecer processos de ensino e de aprendizagem significativos e pontuaram-se de forma clara, as abruptas alterações e inquietação nas relações no campo do saber, sobretudo a escassa habilidade dos (as) docentes em trabalhar no isolamento social com tecnologias e com metodologias ativas no ensino.

Destaca-se a relevância de indagar quais os aprendizados os (as) alunos (as) puderam vivenciar diante da conturbação no campo emocional, social e metodológico das professoras.

Diante de todo este período de incerteza, angústias e medo no contexto do isolamento social, pretendeu-se tecer considerações acerca do impacto da pandemia na educação, os novos saberes na prática docente, tendo como objeto de reflexão as metodologias ativas nas atividades remotas.

Todos os objetivos foram atingidos propostos nas oficinas onde (as) docentes cooperadoras participantes desenvolveram suas práticas com vistas a favorecer processos de ensino e de aprendizagem significativa, destacando a imersão do trabalho docente no ensino

remoto durante e pós-isolamento social, bem como seu desenvolvimento através das metodologias ativas. Para o objetivo geral que trouxe os desafios e a necessidade de conhecer as metodologias usadas para o processo de adaptação e do uso de recursos digitais, assim como de metodologias ativas nos processos de ensino e aprendizagem.

Nas oficinas realizadas pôde-se revelar a criatividade dos (as) profissionais envolvidos (as) através da dimensão ético-estética e política da produção do conhecimento perante as metodologias ativas e o envolvimento autobiográfico, dessa maneira a sociopoética se caracteriza como uma estratégia que permite desenvolver uma maior intimidade e autonomia das partícipes.

Diante dos relatos das docentes copesquisadoras, foi desvelado as suas vivências dentro da sala de aula no período de isolamento social, as percepções de início foi com um movimento tímido de ações e sentimentos, mas no decorrer da primeira oficina, na qual as copesquisadoras foram acolhidas e motivadas, houve demonstração de sentimento expresso nos desenhos e nas cores vibrantes. No desenvolvimento das oficinas, em meio às expressões de sentimentos rememorados e relatados, várias discussões foram levantadas sobre as impressões pessoais e profissionais acerca da pandemia da Covid-19.

As profissionais participantes deste estudo destacaram que, de modo geral, o ensino tradicional ficou para trás e demonstraram em suas falas e apresentações que agora, mais fortemente, existe a evidência de que o(a) professor(a) não é o detentor de conhecimento, que o(a) profissional da educação trabalha como mediador(a) do conhecimento significativo e que os alunos podem ser protagonistas do seu próprio saber, aprender com suas práticas cotidianas, subsidiados por métodos ativos de ensino e aprendizagem, com utilização de tecnologias ou não.

Esse estudo foi capaz de demonstrar que as tristezas pelas percas, as ações de lutar por uma mudança no paradigma educacional, as dificuldades enfrentadas nesse período pandêmico, o medo de não conseguir assimilar o novo normal, a esperança por um recomeço recompensador, tudo isso, trouxe o resultado concreto de que é possível fazer diferente em meio às adversidades; é possível criar, recriar e assimilar o novo, e que apesar de todas as dificuldades, é possível ensinar e aprender em tempos difíceis e realizar o cabível ao nosso alcance para dar continuidade à educação.

Por um lado, este estudo nos mostra o quanto temos uma nova sociedade altamente vulnerável aos efeitos da globalização, doutra banda, o que nos acalenta é que os males já causados podem ser reversíveis, desde que tenhamos força de vontade, e mais ainda,

que tenhamos o dom de ensinar com prazer e satisfação, buscando se esforçar na medida do possível para tudo dar certo, na expectativa de atingir ao máximo a qualidade educacional.

Nessa busca, entendo que o ato de aprender é intrínseco e inerente ao ser e que cada pessoa tem o potencial de aprender em conexões variadas, destaco à ideia do protagonismo na educação, que está ligada aos princípios de metodologias ativas, em que o objeto de investigação coloca o ensino a serviço da aprendizagem do (a) estudante, e o educador se compromete a subsidiar condições que favoreçam o processo de aquisição do conhecimento, estimulando o(a) discente para o encontro de temas significativos, dentro do contexto da sua prática, utilizando estratégias ativas de ensino. Ao usar abordagens pedagógicas diferenciadas, mediadas por métodos ativos de ensino, o professor possibilita o alcance do senso crítico dos(as) estudantes de maneira mais efetiva.

Enfim, nesta linha de raciocínio, sublinham-se como importantes as diversas formas de metodologias ativas no ensino, o respeito aos saberes do estudante e sua autonomia como sujeito ativo e participativo no processo de aprendizagem, o comprometimento do profissional da educação no papel educador do processo socioeducativo, a construção de conhecimentos em parceria com o estudante – respeito mútuo – realçando que a teoria deve ser adequada à prática cotidiana, fomentando a curiosidade – de modo que esses elementos de conexão tornem a aprendizagem mais significativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRUCIO, F. L. **Formação de professores no Brasil: diagnóstico, agenda de políticas e estratégias para a mudança.** Editora Moderna. 2016.

http://www.todospelaeducacao.org.br/arquivos/biblioteca/formacao_de_professores_no_brasil_diagnostico_agenda_de_politicas_e_estrategias_para_a_mudanca_todos_pela_educacao.pdf

ALVES, L. **Educação à distância: conceitos e história no Brasil e no mundo.**

Associação brasileira de educação à distância. (v.10.), 2011. Disponível em:

http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_07.pdf. Acessado em 10 de novembro de 2019.

ANDRADE, A. V. C. de; Da Silva, S. L. R.; Brinatti, A. M. **Ensino remoto emergencial. [livro eletrônico]**, Ponta Grossa-PR: Ed. dos Autores, p. 1-84. 2020.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: O novo proletariado de serviços na era digital.** Boitempo. 2020.

ARAUJO JCS. **Fundamentos da Metodologia de Ensino Ativa (1890-1931).** 37ª Reunião Nacional da ANPED – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis. [Internet].

2015 [citado 5 jul 2020]. 1-18. Disponível em:

<http://www.anped.org.br/biblioteca/item/fundamentos-da-metodologia-de-ensino-ativa-1890-1931>.

ARRUDA, Eucidio Pimenta. **Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19.** Em Rede-Revista de Educação a Distância, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.

BARBOSA, F. C. G. Cardoso, C. A., Ferreira, V. A., (2013). **(Des) igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto.** Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. (2020). **CNE aprova diretrizes para escolas durante a pandemia.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/89051-cne-aprova-diretrizes-para-escolas-durante-a-pandemia>. Acesso em: 04 jun.2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação – CNE. **Parecer CNE/CP 09, de 8 de junho de 2020.** Brasília, DF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/junho-2020-%09pdf/147041-pecp009-20/file>. Acesso em: 5 maio 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação – CNE. **Parecer CNE/CP 09, de 8 de junho de 2020.** Brasília, DF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/junho-2020-%09pdf/147041-pecp009-20/file>. Acesso em: 5 maio 2021.

_____. **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF: Senado, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 4 maio 2021

_____. Ministério da Educação. **Conselho Nacional da Educação. Parecer CNE/CP N° 5/2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de**

atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1 jun. 2022.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **Metodologia da problematização: fundamentos e aplicações.** Londrina: UEL; 2011.

BEZERRA, Antônio Luiz Moreira. **Educação busca superar estragos da pandemia TV ASSEMBLEIA.** Notícias TV. 2022.

CAETANO, Marcio; SILVA Júnior, Paulo Melgaço; TEIXEIRA, Tarcísio Manfrenatti de Souza. **Educação em tempos de pandemia: reflexões sobre políticas de educação na cidade do Rio de Janeiro.** IN: Educação e Democracia em Tempos de Pandemia. Rio de Janeiro: Revista Interinstitucional Artes de Educar. v. 6 – n. esp., p. 116-138, jun-out. 2020. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.12957/riae.2020.52036>. Acesso em: 09.nov.2022.

CARNEIRO, L. A., Rodrigues, França, G., &Prata, D. N. (2020). **Uso de tecnologias no ensino superior público brasileiro em tempos de pandemia COVID-19.** Research, Society and Development, 9(8), e267985485, 2020.

CARVALHO, Habniesley Pereira de; SOARES, Maria Vilani; CARVALHO, Sângela Medeiros de Lima; TELLES, Tamára Cecilia Karawecjczyk. **O professor e o ensino remoto: tecnologias e metodologias ativas na sala de aula.** Revista Educação Pública, v. 21, nº 28, 27 de julho de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/28/o-professor-e-o-ensino-remoto-tecnologias-e-metodologias-ativas-na-sala-de-aula>

CARVALHO, S. B. P.; MOURA, M. da G. C. . **As experiências e os desafios dos professores de escolas públicas estaduais no início da pandemia do COVID-19 .** Research, Society and Development, [S. l.], v. 10, n. 10, p. e496101019292, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i10.19292. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19292>. Acesso em: 5 dez. 2022.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico.** Atlas. 2000.

DE ABREU, Fernanda Beatriz Pereira et., al. **METODOLOGIAS ATIVAS: TECNOLOGIAS ASSISTIVAS COM UM NOVO OLHAR PARA A INCLUSÃO.** **Ciência Atual–Revista Científica Multidisciplinar do Centro Universitário São José**, v. 9, n. 1, 2017.

DIAS, E.; PINTO, F. C. F. **A Educação e a Covid-19.** Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 28, n. 108, p. 545-554, jul./set. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362019002801080001>

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FRIGOTTO, G. **O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional.** In Fazenda, I. C. A. (Org.). Metodologia da pesquisa educacional. (pp. 69-90). (5a ed.), Cortez. 1999.

<https://www.fadc.org.br/noticias/professor-amor-a-profissao-em-meio-a-pandemia>. Acesso 06/11/2022.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas.** Brasília: Líber Livro, 2005.

GAUTHIER, Jacques. O que é Sociopoética. São Paulo: Brasiliense, 2000.

GAUTHIER, J. **O oco do vento:** metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais. 1ª ed. Curitiba, PR: CRV: 2012. LARROSA, Jorge. Palavras desde o limbo. Notas para outra pesquisa na Educação ou, talvez, para outra coisa que não a pesquisa na Educação. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 13, n. 27. p.287-298, jan./abr. 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** Atlas. 2002.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional:** formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo, Cortez. (2011).

LIBÂNEO, José Carlos. **Docência virtual:** uma visão crítica. Campinas: Papirus. 2011.

MAIA, C., MATTAR, J. ABC da EAD: **a educação a distância hoje.** São Paulo: Pearson, 2012.

MAIA, B. R.; DIAS, P. C. **Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários:** o impacto da COVID-19. Estudos de Psicologia (Campinas), Campinas, v. 37, e200067, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067>.

MANFREDI, Silvia Maria. **Metodologia do ensino:** diferentes concepções (versão preliminar), 1993 (Disponível em 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis. 1993.

MELO, H. S. **Docência e Ensino Remoto Emergencial:** Aplicação Das Metodologias Ativas Como Meio Interativo No Ensino Aprendizagem Em Literatura, Durante A Pandemia Da Covid-19. Dissertação em Letras. Universidade Federal do Norte do Tocantins. Araguaína, f. 183, 2022.

MEYER, Antonia Izabel da Silva. **CONCEITUANDO A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo, v.8.n.01.jan. 2022.

MEDEIROS, Amanda. **Docência na socioeducação.** Brasília: Universidade de Brasília, Campus Planaltina, 2014.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade.** Vozes, 1994.

MOREIRA, D. Z.; RODRIGUES, M. B. -**Saúde mental e trabalho docente.** Estudos de Psicologia, vol. 23, n. 3, 2018.

MOREIRA, José António Marques; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela. **Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia.** Dialogia, São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020. DOI <https://doi.org/10.5585/dialogia.n34.17123>. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/index.php?journal=dialogia&page=article&op=view&path%5B%5D=17123&path%5B%5D=8228>. Acesso em: 14 nov. 2022.

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. **Por um novo conceito e paradigma de educação digital.** Onlife. Revista UFG, v. 20, 2020

NASCIMENTO, Jéssica Maria Torres de Sousa. et., al. **Ensino durante a pandemia: A utilização da plataforma Google meet nas aulas de Ciências Naturais em uma escola do Município de Parnaíba-PI.** Research, Society and Development, v. 11, n. 14, e221111436383, 2022.

NASCIMENTO, P. M.; RAMOS, D. L.; MELO, A. A. S.; CASTIONI, R. **Acesso domiciliar à internet e ensino remoto durante a pandemia.** IPEA, Brasil, 2020.

NI, M. Y. et al.. Mental health, risk factors, and social media use during the COVID-19 epidemic and cordon sanitaire among the community and health professionals in Wuhan, China: cross-sectional survey. **JMIR mental health**, v. 7, n. 5, p. e19009. 2020.

OLIVEIRA, M. S. de. **A história da Educação à Distância e contexto atual.** In: COELHO, F. J. F.; VELLOSO, A; (Org.). Educação à Distância: história, personagens e contextos. Curitiba: CRV, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS), **Coronavirus disease (COVID-19) pandemic**, 2021.

PEREIRA, A. S., Shitsuka, D. M., Parreira, F. J., & Shitsuka, R. **Metodologia da pesquisa científica.** 1. ed. – Santa Maria, RS, 2012.

PETIT, S.H. et al. **Introduzindo a sociopoética.** In: SANTOS, I. et al. (Orgs.). Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais: abordagem sociopoética. São Paulo: Atheneu, 2005.

PIMENTA, S. G. Lima, M. S. L. **Estágio e docência.** 3ª ed. Campinas, SP: Cortez. 2008.

RIZZATTI I, Mendonça AP, Mattos F, Rôças G, Silva MABV, Cavalcanti RJS, et al. **Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores.** ACTIO: Doc Ciência. 2020.

SANTOS, I.; GAUTHIER, J; FIGUEIREDO, N. M. de A.; et., al. **A perspectiva estética no cuidar/educar junto às pessoas: apropriação e contribuição da sociopoética.** **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 15 (Esp). p. 31-8, out. 2006.

SANTOS, Ana Luiza; Edgar Jacobs. **CNE aprova ensino remoto até dezembro de 2021.** Disponível <https://www.jacobsconsultoria.com.br/post/cne-aprova-ensino-remoto-at%C3%A9-dezembro-de-2021>

SANTOS, Ana Luiza; Edgar Jacobs. **Uso de recursos educacionais digitais no sistema federal de ensino: a Portaria MEC n. 320/2022.** <https://www.jacobsconsultoria.com.br/post/uso-de-recursos-educacionais-digitais-no-sistema-federal-de-ensino-a-portaria-mec-n-320-2022>.

SANTOS, G. L. **Ensinar e aprender no meio virtual: rompendo paradigmas.** **Universidade de Brasília.** Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.2, p. 307-320, mai./ago. 2020.

SASTRE, G. (orgs.) **Aprendizagem Baseada em Problemas no ensino superior.** São Paulo: Summus, 2009.

SENHORAS, E. M. -A pandemia do novo coronavírus no contexto da cultura pop zumbill. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 1, n. 3, 2020.

SENHORAS, E. M. Coronavírus e Educação: Análise dos impactos Assimétricos. **de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 5, 2020.

SOARES; M.I.D. **As dificuldades encontradas para se ministrar aulas remotas de Física para alunos de escola pública devido à pandemia do COVID-19.** Fortaleza, 2021.

SIEGEL, D; PAYNE, T. **O cérebro da criança.** 1ª. ed. São Paulo: Editora Versos, 2015.

SILVA, Rodrigo Abrantes da; CAMARGO, Ailton Luiz. **A cultura escolar na era digital.** O impacto da aceleração tecnológica na relação professor-aluno, no currículo e na organização escolar. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. (Org.). Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso 2015.

STROHER, J, N. et al. **Estratégias Pedagógicas Inovadoras compreendidas como Metodologias Ativas.** Revista Thema, Lajeado, v. 15, nº 2, p. 734-747, 2018.

TARDIF, M. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério.** Revista Brasileira de Educação, v. 13, p. 5-24, 2011.

TAROUCO, L. **Um panorama da fluência digital na sociedade da informação.** In: BEHAR, P. (org.). Competências em Educação a Distância. Porto Alegre: Penso; 2013.

TEIXEIRA, D. A. de O. .; NASCIMENTO, F. L. . **ENSINO REMOTO: O USO DO GOOGLE MEET NA PANDEMIA DA COVID-19**. Boletim de Conjuntura (BOCA), Boa Vista, v. 7, n. 19, p. 44–61, 2021. DOI: 10.5281/zenodo. 5028436 . Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/374>. Acesso em: 4 jan. 2023.

TEO, Carla Rosane Paz Arruda, Alves Solange Maria. **O ATIVO DAS METODOLOGIAS ATIVAS: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA OS PROCESSOS DE ENSINAR E APRENDER NA EDUCAÇÃO SUPERIOR**. Educ. rev. vol.36 Belo Horizonte 2020.

TIBA, I. **Quem ama educa!**14^a. ed. vol. 1. São Paulo: Editora Gente, 2002.

TORNAGHI, A. J. C.; PRADO, M. E. B. B; ALMEIDA, M. E. B. **Tecnologias na Educação: ensinando e aprendendo com as TIC**. Brasília, DF: Secretaria de Educação a Distância, 2010. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/marinicenoya/tecnologia-na-educacao-tic-manual-cursista>. Acesso em: 07 out. 2022.

TOSTES, M. V. et al. **–Sofrimento mental de professores do ensino público”**. Saúde em Debate, vol. 42, n. 116, 2018. Z AidAN, J. M.; GALVÃO, A. C. **–COVID19 e os abutres do setor educacional: a superexploração da força de trabalho escancarada**. In: AUGUSTO, C. B.; SANTOS, R. D. (orgs.). **Pandemias e pandemônio no Brasil**. São Paulo: Instituto Defesa da Classe Trabalhadora, 2020.

TOSTES, M. V. *et al.* **–Sofrimento mental de professores do ensino público**. **Saúde em Debate**, vol. 42, n. 116, 2018.

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da UNESCO apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19**. Paris: UNESCO, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das> Acesso em: 14 out. 2022.

VALENTE, G. S. C.; MORAES, Érica B. de .; SANCHEZ, M. C. O. ; SOUZA, D. F. de; PACHECO, M. C. M. D. . **O ensino remoto frente às exigências do contexto de pandemia: Reflexões sobre a prática docente**. Research, Society and Development, [S. l.], v. 9, n. 9, p. e843998153, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i9.8153. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8153>. Acesso em: 22 nov. 2022.

Z AidAN, J. M.; GALVÃO, A. C. **–COVID19 e os abutres do setor educacional: a superexploração da força de trabalho escancarada**. In: AUGUSTO, C. B.; SANTOS, R. D. (orgs.). **Pandemias e pandemônio no Brasil**. São Paulo: Instituto Defesa da Classe Trabalhadora, 2020.

<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/03/educacao-busca-superar-estragos-da-pandemia>. acesso em 16/10/2022

ANEXO



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO- BRASILEIRA INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO CEARÁ PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE
MESTRADO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você foi convidado(a) para participar de uma pesquisa científica.

Este TCLE se refere ao trabalho de pesquisa **EDUCAÇÃO PÚBLICA PÓS-PANDÊMICA: A INCLUSÃO DE NOVOS SABERES NA PRÁTICA DOCENTE PARA O TRABALHO COM METODOLOGIAS ATIVAS** cujo objetivo é Investigar o impacto provocado pela pandemia do corona virus em um grupo de professores(as) de escolas públicas de Parnaíba-PI.

A pesquisa será realizada por meio de oficinas presenciais durante os dias 24/09/2022 a 25/09/2022, nos turnos manhã e tarde. Estima-se que você precisará de um tempo para experienciar a atividade. A precisão na sua participação é determinante para a qualidade da pesquisa.

A pesquisadora garante e se compromete com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

Para contatar um(a) dos(as) pesquisadores(as) da pesquisa, você poderá encaminhar um e-mail (alannekellen@aluno.unilab.edu.br), ligar ou mandar mensagem pelo WhatsApp para ela a qualquer momento:

Nome da pesquisadora – Alanne Kellen Caldas Santos

Profa. Dra. Rebeca de Alcântara e Silva Meijer (orientadora)

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em colaborar com o presente estudo de pesquisa como participante. A pesquisadora informou a respeito da pesquisa, das oficinas e sua motivação.

ACEITO PARTICIPAR



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO- BRASILEIRA INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO CEARÁ PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE
MESTRADO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você foi convidado(a) para participar de uma pesquisa científica.

Este TCLE se refere ao trabalho de pesquisa **EDUCAÇÃO PÚBLICA PÓS-PANDÊMICA: A INCLUSÃO DE NOVOS SABERES NA PRÁTICA DOCENTE PARA O TRABALHO COM METODOLOGIAS ATIVAS** cujo objetivo é Investigar o impacto provocado pela pandemia do corona virus em um grupo de professores(as) de escolas públicas de Parnaíba-PI.

A pesquisa será realizada por meio de oficinas presenciais durante os dias 24/09/2022 a 25/09/2022, nos turnos manhã e tarde. Estima-se que você precisará de um tempo para experienciar a atividade. A precisão na sua participação é determinante para a qualidade da pesquisa.

A pesquisadora garante e se compromete com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

Para contatar um(a) dos(as) pesquisadores(as) da pesquisa, você poderá encaminhar um e-mail (alannekellen@aluno.unilab.edu.br), ligar ou mandar mensagem pelo WhatsApp para ela a qualquer momento:

Nome da pesquisadora – Alanne Kellen Caldas Santos

Profa. Dra. Rebeca de Alcântara e Silva Meijer (orientadora)

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em colaborar com o presente estudo de pesquisa como participante. A pesquisadora informou a respeito da pesquisa, das oficinas e sua motivação.

ACEITO PARTICIPAR



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO- BRASILEIRA INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO CEARÁ PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE
MESTRADO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você foi convidado(a) para participar de uma pesquisa científica.

Este TCLE se refere ao trabalho de pesquisa **EDUCAÇÃO PÚBLICA PÓS-PANDÊMICA: A INCLUSÃO DE NOVOS SABERES NA PRÁTICA DOCENTE PARA O TRABALHO COM METODOLOGIAS ATIVAS** cujo objetivo é Investigar o impacto provocado pela pandemia do corona virus em um grupo de professores(as) de escolas públicas de Parnaíba-PI.

A pesquisa será realizada por meio de oficinas presenciais durante os dias 24/09/2022 a 25/09/2022, nos turnos manhã e tarde. Estima-se que você precisará de um tempo para experienciar a atividade. A precisão na sua participação é determinante para a qualidade da pesquisa.

A pesquisadora garante e se compromete com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

Para contatar um(a) dos(as) pesquisadores(as) da pesquisa, você poderá encaminhar um e-mail (alannekellen@aluno.unilab.edu.br), ligar ou mandar mensagem pelo WhatsApp para ela a qualquer momento:

Nome da pesquisadora – Alanne Kellen Caldas Santos

Profa. Dra. Rebeca de Alcântara e Silva Meijer (orientadora)

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em colaborar com o presente estudo de pesquisa como participante. A pesquisadora informou a respeito da pesquisa, das oficinas e sua motivação.

ACEITO PARTICIPAR

Janessa Cavalho da Silva França



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO- BRASILEIRA INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO CEARÁ PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE
MESTRADO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você foi convidado(a) para participar de uma pesquisa científica.

Este TCLE se refere ao trabalho de pesquisa **EDUCAÇÃO PÚBLICA PÓS-PANDÊMICA: A INCLUSÃO DE NOVOS SABERES NA PRÁTICA DOCENTE PARA O TRABALHO COM METODOLOGIAS ATIVAS** cujo objetivo é Investigar o impacto provocado pela pandemia do corona virus em um grupo de professores(as) de escolas públicas de Parnaíba-PI.

A pesquisa será realizada por meio de oficinas presenciais durante os dias 24/09/2022 a 25/09/2022, nos turnos manhã e tarde. Estima-se que você precisará de um tempo para experienciar a atividade. A precisão na sua participação é determinante para a qualidade da pesquisa.

A pesquisadora garante e se compromete com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

Para contatar um(a) dos(as) pesquisadores(as) da pesquisa, você poderá encaminhar um e-mail (alannekellen@aluno.unilab.edu.br), ligar ou mandar mensagem pelo WhatsApp para ela a qualquer momento:

Nome da pesquisadora – Alanne Kellen Caldas Santos

Profa. Dra. Rebeca de Alcântara e Silva Meijer (orientadora)

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em colaborar com o presente estudo de pesquisa como participante. A pesquisadora informou a respeito da pesquisa, das oficinas e sua motivação.

ACEITO PARTICIPAR

Alanne de Sousa Santos Kellen



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO- BRASILEIRA INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO CEARÁ PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE
MESTRADO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você foi convidado(a) para participar de uma pesquisa científica.

Este TCLE se refere ao trabalho de pesquisa **EDUCAÇÃO PÚBLICA PÓS-PANDÊMICA: A INCLUSÃO DE NOVOS SABERES NA PRÁTICA DOCENTE PARA O TRABALHO COM METODOLOGIAS ATIVAS** cujo objetivo é Investigar o impacto provocado pela pandemia do corona virus em um grupo de professores(as) de escolas públicas de Parnaíba-PI.

A pesquisa será realizada por meio de oficinas presenciais durante os dias 24/09/2022 a 25/09/2022, nos turnos manhã e tarde. Estima-se que você precisará de um tempo para experienciar a atividade. A precisão na sua participação é determinante para a qualidade da pesquisa.

A pesquisadora garante e se compromete com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

Para contatar um(a) dos(as) pesquisadores(as) da pesquisa, você poderá encaminhar um e-mail (alannekellen@aluno.unilab.edu.br), ligar ou mandar mensagem pelo WhatsApp para ela a qualquer momento:

Nome da pesquisadora – Alanne Kellen Caldas Santos

Profa. Dra. Rebeca de Alcântara e Silva Meijer (orientadora)

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em colaborar com o presente estudo de pesquisa como participante. A pesquisadora informou a respeito da pesquisa, das oficinas e sua motivação.

ACEITO PARTICIPAR

Maria Alzenira Mariano



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO- BRASILEIRA INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO CEARÁ PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE
MESTRADO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você foi convidado(a) para participar de uma pesquisa científica.

Este TCLE se refere ao trabalho de pesquisa **EDUCAÇÃO PÚBLICA PÓS-PANDÊMICA: A INCLUSÃO DE NOVOS SABERES NA PRÁTICA DOCENTE PARA O TRABALHO COM METODOLOGIAS ATIVAS** cujo objetivo é Investigar o impacto provocado pela pandemia do corona virus em um grupo de professores(as) de escolas públicas de Parnaíba-PI.

A pesquisa será realizada por meio de oficinas presenciais durante os dias 24/09/2022 a 25/09/2022, nos turnos manhã e tarde. Estima-se que você precisará de um tempo para experienciar a atividade. A precisão na sua participação é determinante para a qualidade da pesquisa.

A pesquisadora garante e se compromete com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

Para contatar um(a) dos(as) pesquisadores(as) da pesquisa, você poderá encaminhar um e-mail (alannekellen@aluno.unilab.edu.br), ligar ou mandar mensagem pelo WhatsApp para ela a qualquer momento:

Nome da pesquisadora – Alanne Kellen Caldas Santos

Profa. Dra. Rebeca de Alcântara e Silva Meijer (orientadora)

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em colaborar com o presente estudo de pesquisa como participante. A pesquisadora informou a respeito da pesquisa, das oficinas e sua motivação.

ACEITO PARTICIPAR

Márcia da Conceição do Nascimento Sousa



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO- BRASILEIRA INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO CEARÁ PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE
MESTRADO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você foi convidado(a) para participar de uma pesquisa científica.

Este TCLE se refere ao trabalho de pesquisa **EDUCAÇÃO PÚBLICA PÓS-PANDÊMICA: A INCLUSÃO DE NOVOS SABERES NA PRÁTICA DOCENTE PARA O TRABALHO COM METODOLOGIAS ATIVAS** cujo objetivo é Investigar o impacto provocado pela pandemia do corona virus em um grupo de professores(as) de escolas públicas de Parnaíba-PI.

A pesquisa será realizada por meio de oficinas presenciais durante os dias 24/09/2022 a 25/09/2022, nos turnos manhã e tarde. Estima-se que você precisará de um tempo para experienciar a atividade. A precisão na sua participação é determinante para a qualidade da pesquisa.

A pesquisadora garante e se compromete com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

Para contatar um(a) dos(as) pesquisadores(as) da pesquisa, você poderá encaminhar um e-mail (alannekellen@aluno.unilab.edu.br), ligar ou mandar mensagem pelo WhatsApp para ela a qualquer momento:

Nome da pesquisadora – Alanne Kellen Caldas Santos

Profa. Dra. Rebeca de Alcântara e Silva Meijer (orientadora)

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em colaborar com o presente estudo de pesquisa como participante. A pesquisadora informou a respeito da pesquisa, das oficinas e sua motivação.

ACEITO PARTICIPAR

Alanne Kellen Caldas Santos